

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ

**O EMPREGO DO MODO SUBJUNTIVO NO ALEMÃO E NO PORTUGUÊS DO
BRASIL: PRIMEIRO PANORAMA CONTRASTIVO
E ÊNFASE NO EMPREGO NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS**

Iris Kurz Gatti

São Paulo
2004

GATTI, I.K.
2004

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ

**O EMPREGO DO MODO SUBJUNTIVO NO ALEMÃO E NO PORTUGUÊS DO
BRASIL: PRIMEIRO PANORAMA CONTRASTIVO
E ÊNFASE NO EMPREGO NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS**

Iris Kurz Gatti

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Eva Maria Ferreira Glenk

São Paulo
2004

Dedico este trabalho aos meus pais.

Agradecimentos

- à Profª Drª Eva Maria Ferreira Glenk, minha orientadora, por me guiar atenciosamente durante todo o processo e pela constante disposição para discussões;
- ao Profº Drº Eckard Bick, da Universidade do Sul da Dinamarca, por toda a simpatia e pela ajuda no trabalho com o *corpus*;
- à Profª Drª Maria Helena Battaglia e Profª Drª Ângela Rodrigues, pelas valiosas sugestões dadas no meu exame de qualificação;
- aos professores da área de alemão, aos quais devo minha formação em germanística;
- ao DAAD, por me dar a oportunidade de conhecer a Alemanha e estudar na Universidade Albert-Ludwig de Freiburg;
- aos meus pais, que são os responsáveis por toda a minha formação;
- à Iara, minha irmã, que me ajudou na elaboração do *corpus*;
- à Eurides, minha amiga e companheira de pós-graduação, pelo incentivo, pelos conselhos e também pelos milhares de favores;
- a todos os meus amigos do Brasil (Kelly, João, Cida, Giuliana, Fabrício, Silvana e Hugo), e os que conheci em Freiburg (Alberto, Fabi, Lara, Karen, Nati, Jose, Geishel, Carlos e Selnich), pelo apoio nas situações mais difíceis e pelos momentos de descontração;
- ao Marco pela paciência e pelo carinho na fase final do trabalho;
- a Deus, por ter me dado forças e todas as pessoas que me ampararam.

RESUMO

Este trabalho apresenta a descrição do emprego do modo subjuntivo no alemão e no português do Brasil, um primeiro panorama contrastivo e uma ênfase no emprego desse modo nas orações subordinadas substantivas. Além dos estudos teóricos sobre o tema e as gramáticas dos dois idiomas, foram analisados também dados lingüísticos autênticos, extraídos de um *corpus* bilíngüe alemão-português. O *corpus* foi compilado para esta pesquisa, segundo os parâmetros estabelecidos pela Lingüística de *Corpus*.

O uso do modo subjuntivo representa um item difícil para os aprendizes brasileiros de alemão, especialmente no que diz respeito a seu emprego nas orações subordinadas substantivas, devido às diferenças existentes entre as duas línguas. Como em português há grande frequência de ocorrência do subjuntivo nesse tipo de oração, existem interferências na produção lingüística dos aprendizes brasileiros em contextos semelhantes em alemão. Tal fato foi constatado por meio da aplicação de testes a alunos de alemão de nível intermediário e avançado.

Como não há trabalhos contrastivos alemão-português sobre esse tema, esta comparação poderá fornecer bases para a elaboração de materiais didáticos e subsídios para os professores e aprendizes de alemão como língua estrangeira.

PALAVRAS-CHAVE: modo subjuntivo em alemão e em português; *Konjunktiv*; Lingüística Contrastiva; alemão como língua estrangeira; Lingüística de *Corpus*.

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Arbeit stellt die Beschreibung des Konjunktivgebrauchs im Deutschen und im Portugiesischen dar, ein erstes kontrastives Panorama und eine Vertiefung im Gebrauch in Ergänzungssätzen. Außer der theoretischen Arbeiten über das Thema und die Grammatiken der beiden Sprachen, wurden auch authentische sprachliche Daten analysiert, die einem zweisprachigen Korpus Deutsch-Portugiesisch entnommen wurden. Der Korpus wurde für diese Forschung zusammengestellt, und richtet sich nach den Parametern, die als Grundlage für die Korpus Linguistik gelten.

Wegen der Unterschiede zwischen der beiden Sprachen, liegt im Konjunktivgebrauch ein schwieriger Punkt für die brasilianischen Deutschlernenden vor; Besonders was den Gebrauch in Ergänzungssätzen betrifft. Da der Konjunktiv oft in solchen Sätzen im Portugiesischen verwendet wird, gibt es Interferenzen im sprachlichen Ausdruck der brasilianischen Lernenden in ähnlichen Kontexten auf Deutsch. Diese Tatsache wurde durch die Anwendung von Tests bestätigt, die Deutschlernende aus der Mittel- und Oberstufe gemacht haben.

Weil es keine kontrastive Arbeit Deutsch-Portugiesisch über dieses Thema gibt, kann dieser Vergleich als Grundlage für die Vorbereitung didaktischer Materialien, und als Stoff für die DaF-Lehrer und -Lernenden dienen.

SCHLÜSSELWÖRTER: Konjunktiv im Deutschen und im Portugiesischen; Kontrastive Linguistik; Deutsch als Fremdsprache; Korpus Linguistik.

Sumário

1. Introdução	03
1.1. Objetivo e justificativa do trabalho	03
1.2. Metodologia	04
2. Pressupostos teóricos	06
2.1. Estudos sobre o modo subjuntivo	07
2.1.1. Estudos sobre o modo subjuntivo em alemão	07
2.1.2. Estudos sobre o modo subjuntivo em português.....	18
2.2. O modo subjuntivo nas gramáticas	34
2.2.1. O modo subjuntivo nas gramáticas de alemão	34
2.2.2. O modo subjuntivo nas gramáticas de português	43
2.3. O modo subjuntivo nas orações subordinadas substantivas.....	50
2.4. A comparação de línguas como auxílio no ensino/ aprendizagem de línguas estrangeiras	53
2.5. Conclusões da parte teórica.....	60
3. Estabelecimento do <i>corpus</i>	62
3.1. Parte teórica	62
3.1.1. Definição: o que é um <i>corpus</i> e tipos de <i>corpora</i>	62
3.1.2. Importância do uso de <i>corpus</i> na pesquisa lingüística contrastiva	64
3.2. Parte prática	66
3.2.1. Construção do <i>corpus</i>	66
3.2.2. Extração das ocorrências	71
4. Análise e resultados	74
4.1. Primeira comparação dos usos do modo subjuntivo no alemão e no português do Brasil: panorama geral	74
4.1.1. Problemática	75
4.1.2. Critérios de classificação	78
4.1.3. Primeiro panorama contrastivo do modo subjuntivo em alemão e em português	81
4.1.4. Estatísticas	99

4.2. Análise das ocorrências de subjuntivo nas orações subordinadas substantivas do português	103
4.2.1. Ocorrência dos modos subjuntivo e indicativo nas orações subordinadas substantivas	103
4.2.2. Ocorrência de tempos verbais	127
4.3. Análise das ocorrências de subjuntivo nas orações subordinadas substantivas do alemão	129
4.3.1. O <i>Konjunktiv</i> dentro do âmbito do discurso indireto	129
4.3.2. O <i>Konjunktiv</i> fora do âmbito do discurso indireto	145
4.4. Comparação do emprego do modo subjuntivo nas orações subordinadas substantivas do português e do alemão.....	147
4.4.1. Verbos e expressões que indicam DESEJO	148
4.4.2. Verbos e expressões que indicam PROBABILIDADE	156
4.4.3. Tabela comparativa do emprego dos modos verbais nas orações subordinadas substantivas em português e em alemão	163
5. Considerações finais	166
6. Bibliografia	167
7. Apêndice	174

1. Introdução

No presente trabalho tratarei do emprego do modo subjuntivo em alemão e em português, realizando, primeiramente, um estudo teórico sobre o assunto, e depois a análise de um *corpus* bilíngüe alemão-português, que eu compilei para a pesquisa.

A análise do corpus possibilitará o levantamento e a comparação dos tipos de uso do subjuntivo nos dois idiomas, a fim de estabelecer as equivalências e as diferenças existentes. Num segundo momento, concentrar-me-ei no emprego do modo subjuntivo nas orações subordinadas substantivas.

Descrevo abaixo o objetivo, a justificativa e a metodologia deste trabalho.

1.1. Objetivo e justificativa do trabalho

Neste trabalho, tenho como objetivo a descrição e a comparação do emprego do modo subjuntivo no alemão e no português do Brasil, com maior aprofundamento no emprego nas orações subordinadas substantivas, a fim de estabelecer as equivalências e as diferenças entre os dois idiomas. Esta comparação poderá fornecer bases para a elaboração de materiais didáticos sobre esse tema e subsídios para os aprendizes de alemão como língua estrangeira.

A princípio, meu objetivo era descrever e comparar todos os tipos de uso do modo subjuntivo no alemão e no português do Brasil. Então realizei um levantamento e uma primeira comparação de tais usos nas duas línguas. Como não seria possível analisar com mais profundidade todos esses usos, tanto pela complexidade dos fenômenos, quanto pela restrição temporal para a realização desse trabalho, foi necessário fazer um recorte no objeto de pesquisa. Por fim, decidi apresentar um panorama contrastivo do emprego do modo subjuntivo no alemão e no português do Brasil, e me aprofundar mais no emprego do modo nas orações subordinadas substantivas, para chegar à descrição dos fatores relacionados a tal emprego.

A opção por esse recorte se justifica tanto pela diferença de uso dos modos verbais nos dois idiomas nesses contextos, quanto pelos subsídios que os resultados deste trabalho poderão fornecer para o ensino do alemão para brasileiros, já que tal diferença é um fator que dificulta a aprendizagem desse assunto pelos aprendizes. As obras didáticas do alemão não enfocam o emprego do modo subjuntivo nas orações subordinadas substantivas, e tampouco os estudos sobre o modo subjuntivo em alemão. Geralmente os trabalhos se limitam a tratar do uso do subjuntivo no discurso indireto, nas orações condicionais e hipotéticas, onde há maior ocorrência deste modo. Algumas gramáticas do alemão citam exemplos deste tipo de emprego, mas também não abordam esse assunto de maneira aprofundada. E não há trabalhos contrastivos alemão-português sobre esse tema, que poderiam fornecer subsídios para o ensino da língua alemã.

Para chegar aos resultados, além do trabalho teórico de levantamento da bibliografia sobre o tema, foi necessária a análise de um *corpus* de língua escrita, para verificar o uso real do modo subjuntivo em ambos os idiomas.

É importante a utilização de um *corpus* num trabalho como esse, para poder comparar o uso efetivo do subjuntivo nas línguas analisadas com o que as gramáticas apresentam sobre o assunto. Não é suficiente ter como base apenas as gramáticas de alemão e de português, porque, além de elas trazerem muito pouco sobre esse tema, elas prescrevem regras, que, muitas vezes, estão distantes do uso real da língua.

1.2. Metodologia

Para realizar a pesquisa, foi feito um trabalho teórico de levantamento da bibliografia sobre o tema ora estudado, e um trabalho prático, de análise de dados lingüísticos autênticos do alemão e do português do Brasil, extraídos de um *corpus* de língua escrita.

O trabalho teórico consistiu em leituras e resenhas dos estudos sobre o modo subjuntivo e das gramáticas mais consagradas do português e do alemão, a fim de verificar quais informações eles trazem sobre o assunto. Foram também destacadas as informações que

tais obras apresentam especificamente sobre o modo subjuntivo nas orações subordinadas substantivas.

Como esta pesquisa envolve questões didáticas, já que seus resultados poderão ser aplicados ao ensino de alemão como língua estrangeira, uma parte do trabalho teórico foi dedicada à questão da comparação de línguas como auxílio no ensino/ aprendizagem, com base em trabalhos que discutem este tema, partindo do alemão como língua estrangeira.

Dentro da questão do ensino de alemão para brasileiros, foi realizado um trabalho de campo com alunos de alemão, a fim de verificar como eles utilizam o modo subjuntivo em alemão, e se há interferências do português em seu desempenho na língua estrangeira.

O trabalho prático consistiu na compilação de um *corpus* bilíngüe, de textos escritos jornalísticos em alemão e português, de acordo com os parâmetros estabelecidos pela Linguística de *Corpus*. As ocorrências analisadas na pesquisa foram extraídas deste *corpus*, com o auxílio de ferramentas de manipulação de *corpora*.

Com base nos estudos teóricos sobre o modo subjuntivo em alemão e em português, em sua apresentação pelas gramáticas dos dois idiomas, e na pesquisa realizada no *corpus*, elaborei uma classificação dos usos do modo nas duas línguas. Tal classificação permitiu uma primeira comparação desses usos e o levantamento de equivalências e diferenças entre os dois idiomas.

Essa primeira comparação entre o modo subjuntivo nas duas línguas, além de poder fornecer subsídios para a elaboração de materiais didáticos e trabalhos contrastivos sobre o assunto, foi uma etapa fundamental para a definição do recorte no objeto desta pesquisa, na medida em que apontou algumas questões que deveriam ser estudadas com maior profundidade.

A questão escolhida para ser mais profundamente analisada foi o uso do subjuntivo nas orações substantivas nos dois idiomas. Como em português há grande frequência de ocorrência do subjuntivo nessas orações, pode haver interferências na produção dos aprendizes brasileiros em contextos semelhantes em alemão.

2. Pressupostos teóricos

Neste capítulo, apresento o estudo teórico realizado na pesquisa: resenhas dos trabalhos sobre o modo subjuntivo e das principais gramáticas do português e do alemão. Destes trabalhos e gramáticas foram extraídas informações sobre o modo subjuntivo em geral, que são apresentadas nos dois primeiros itens deste capítulo (2.1 e 2.2).

Apresento também, no item seguinte (2.3), um resumo das informações que estas obras trazem sobre o uso do modo subjuntivo nas orações subordinadas substantivas do alemão e do português.

O último item (2.4) trata da questão da comparação de línguas como auxílio no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, com base em trabalhos teóricos, e também nos resultados de uma pesquisa de campo que realizei com aprendizes de alemão como língua estrangeira. Os resultados desta pesquisa justificam meu recorte no modo subjuntivo nas orações subordinadas substantivas.

Quando eu falar em modo subjuntivo, estarei sempre considerando o *Konjunktiv*, em alemão, e o subjuntivo e o futuro do pretérito do indicativo, em português. A razão disso é o fato de que muitos casos de *Konjunktiv* em alemão correspondem ao uso do futuro do pretérito do indicativo em português. Não haveria como excluir esse tempo verbal, classificado em português como pertencendo ao modo indicativo, de um estudo sobre o subjuntivo, sobretudo em comparação com o alemão. Empregarei, portanto, a denominação de subjuntivo num sentido amplo, que envolve o subjuntivo e o futuro do pretérito do português, e o *Konjunktiv*, do alemão.

2.1. Estudos sobre o modo subjuntivo

Não são muito numerosos os trabalhos sobre o modo subjuntivo no alemão e no português. Os trabalhos encontrados foram resenhados, de maneira a obter uma visão geral do modo subjuntivo nos dois idiomas, e, mais especialmente, do seu emprego nas orações subordinadas substantivas.

2.1.1. Estudos sobre o modo subjuntivo em alemão

Apresento aqui os trabalhos resenhados sobre o modo subjuntivo em alemão, a saber: BAUSCH (1979), BUSCHA/ ZOCH (1992), JÄGER (1971) e TARALLO (1978).

O principal estudo para o meu trabalho, do lado do alemão, é o de TARALLO (1978), pois é o único que aborda o modo subjuntivo em alemão e em português. Não se trata, contudo, de uma comparação do emprego do subjuntivo nos dois idiomas. Trata-se de um estudo do modo em nível de língua falada padrão, com base na análise de *corpora* de ambas as línguas, a fim de verificar a relação entre frequência de realização dos morfemas modais de subjuntivo e situação contextual e co-textual em que ocorrem.

2.1.1.1. *Modalität und Konjunktivgebrauch in der gesprochenen deutschen Standardsprache*, de Karl-Heinz BAUSCH, 1979

No volume I de *Modalität und Konjunktivgebrauch in der gesprochenen deutschen Standardsprache*, BAUSCH apresenta um estudo sobre o uso do subjuntivo na língua alemã falada padrão.

Ele observa que uma análise do subjuntivo não pode se restringir somente ao estudo da função gramatical dos morfemas, mas deve ser entendida como um estudo gramático-estilístico, com base em categorias pragmáticas e sociológicas.

No primeiro volume de seu trabalho, ele trata da atualização dos morfemas de subjuntivo no alemão falado padrão. BAUSCH indica que, no segundo volume, seria feita uma análise semântica, pragmática e socioestilística do subjuntivo. Infelizmente, esta segunda parte do trabalho não foi realizada.

Além de resenhar trabalhos sobre o modo subjuntivo, o autor faz também um levantamento do campo modal nas gramáticas. Para verificar as hipóteses das quais parte sobre o uso do subjuntivo na língua alemã falada padrão, ele analisa um *corpus* de 51 horas de gravação de textos falados em situações públicas, semi-públicas e privadas.

No trabalho, são desenvolvidas as seguintes teses:

- que o subjuntivo em alemão funciona tanto como atualização de uma categoria gramatical, quanto como variante estilística;
- que, devido ao sincretismo com o paradigma do indicativo, o subjuntivo sintético não é produtivo na língua falada, sendo substituído por estruturas equivalentes;
- que, tanto na língua escrita, como na língua falada padrão, há desvios quanto às regras ditadas pelas gramáticas;
- que, na aula de alemão, há uma insistência em manter o uso do subjuntivo sintético e de seguir as prescrições das gramáticas, apesar de ele não ser produtivo na língua falada na mesma medida em que é na escrita;
- e que na língua escrita há maior ocorrência do subjuntivo sintético, porque nesta modalidade as recomendações de “cuidado com a língua” (*Sprachpflege*) exercem uma influência mais forte (p. 14).

Como resultado da análise morfofonêmica, BAUSCH apresenta dois inventários de subjuntivo, um para a língua escrita e outro para a língua falada. Uma das características que diferenciam os dois é a ocorrência do morfema <e> (em verbos como *sag-e-st*), que, na língua escrita, faz a oposição com o indicativo, mas não ocorre na língua falada. Quando há ocorrência, ela é interpretada como interferência da língua escrita.

Com a análise quantitativa, o autor constata que o uso *Konjunktiv I* de todas as classes de verbos é raro e restrito a âmbitos de comunicação pública. Segundo BAUSCH, a razão deste uso reside em uma interferência da língua escrita e, em situações públicas, tal uso tem claramente a função sócio-estilística de ‘forma de prestígio’ (*Prestigeform*) (p. 214). De acordo com os resultados obtidos, o uso do *Konjunktiv I* na língua falada pode ser considerado como algo específico da linguagem da mídia.

Constata ainda que o *Konjunktiv II* de verbos plenos também não é mais produtivo na língua oral, sendo quase restrito aos verbos *kommen* e *wissen*. Somente os verbos *haben*, *sein* e *werden*, e os modais *dürfen*, *können*, *mögen* e *müssen* são conjugados quase exclusivamente no *Konjunktiv II* sintético.

BAUSCH afirma que as gramáticas apresentam a forma analítica com *würde* + infinitivo como uma forma substitutiva, fornecendo-lhe o estigma de uma forma indesejável. Entretanto, funcionalmente, ela é reconhecida como variante equivalente ao *Konjunktiv II* sintético (p. 202). Um teste feito com falantes mostrou que a forma analítica com *würde* + infinitivo de verbos plenos seria escolhida pela sintética em cerca de $\frac{3}{4}$ dos casos, o que prova que o emprego da forma analítica na língua oral é quase regra. Ao fazer uma comparação com dados da língua escrita, o autor constatou que a produtividade do *Konjunktiv II* sintético nesta modalidade também não é tão alta como se supõe.

Apesar de ter como objeto de estudo o modo subjuntivo na língua falada, o trabalho de BAUSCH traz resultados muito interessantes e importantes para minha pesquisa, na medida em que analisa dados lingüísticos autênticos, extraídos de um *corpus*, e com isso prova que, muitas vezes, tais dados apontam para fenômenos lingüísticos diferentes do que afirmam, ou melhor, prescrevem as gramáticas.

Resultados mais importantes, contudo, deveria conter a segunda parte deste trabalho, na qual o uso do subjuntivo seria analisado semântica, pragmática e socioestilisticamente. Esta segunda parte do trabalho, entretanto, não foi realizada.

2.1.1.2. *Der Konjunktiv*, de Joachim BUSCHA, e Irene ZOCH, 1992

Der Konjunktiv, de Joachim BUSCHA e Irene ZOCH, contém duas partes. A primeira parte traz um estudo lingüístico sobre o subjuntivo, baseado na literatura sobre o tema e nas gramáticas de alemão. A segunda parte, chamada de parte metódica, traz sugestões e exercícios, visando ajudar o professor de alemão no ensino do subjuntivo.

Segundo os autores, o subjuntivo em alemão leva os alunos a diversas incertezas e erros, e a literatura existente sobre o tema não ajuda muito devido às diferentes linhas teóricas que segue. E com base em observações feitas em aulas, eles constataram que há menos problemas em relação ao ensino das formas do subjuntivo do que em relação às maneiras de uso do modo.

O trabalho tem como cerne o subjuntivo como a forma de expressão típica da condição irreal e um meio especial de expressão do discurso indireto. O *Konjunktiv I* é apresentado como a forma principal do discurso indireto, e o *Konjunktiv II* caracteriza a irrealidade. No discurso indireto podem aparecer também formas de *Konjunktiv II*, o que, segundo os autores, é muito comum na língua oral.

Além da descrição das formas do subjuntivo, de seus tempos simples e compostos e da forma com *würde* + infinitivo, são apresentados os usos do modo em alemão, de maneira semelhante ao que é feito na gramática de HELBIG/ BUSCHA (1994). BUSCHA e ZOCH tratam inicialmente do discurso indireto, estabelecendo suas características formais: o emprego do subjuntivo, a introdução do discurso e a forma de oração subordinada. Com relação à ocorrência do subjuntivo nas orações comparativas hipotéticas (*hypothetischer Komparativsatz*), introduzidas por *als ob*, *als wenn* ou simplesmente *als*, afirmam os autores que o uso deste modo é facultativo, pois a ocorrência de indicativo em tais orações não acarreta alterações de sentido. Quanto às orações condicionais irrealis (*irrealer Konditionalsatz*), os autores afirmam que o subjuntivo é o único meio de indicar a irrealidade, sendo seu uso, nestes casos, obrigatório. O subjuntivo indicando irrealidade ocorre também nas orações concessivas (*irrealer Konzessivsatz*) que formalmente são idênticas às condicionais, diferenciadas somente pela partícula *auch* (*auch wenn*), e nas orações consecutivas irrealis (*irrealer Konsekutivsatz*). Passando ao subjuntivo nas orações

independentes, apresentam as exortações (*Aufforderung*), as orações de desejo (*Wunschsatz*) e as construções com verbos modais (*Modalverbkonstruktionen*).

Na segunda parte do trabalho, parte metódica, BUSCHA e ZOCH sugerem que, no ensino dos usos do subjuntivo em alemão, seja feita uma divisão em três grupos: primeiramente ensinar-se-ia o uso nas orações condicionais irrealis e no discurso indireto, que representam as principais variantes de uso do subjuntivo. Do segundo grupo fazem parte as orações concessivas e consecutivas irrealis, que podem ser introduzidas a partir de sua analogia com as condicionais, e as comparativas hipotéticas. Num terceiro momento deveriam ser ensinados os usos do subjuntivo nas orações de desejo, nas exortações e nos enunciados indicando polidez. Além das sugestões de ensino dos usos do subjuntivo, os autores fornecem exercícios sobre tais usos.

Dentre todas as variantes de uso de subjuntivo apresentadas no trabalho, não são encontrados casos de orações substantivas, fora do âmbito do discurso indireto. É preciso que se pesquise num *corpus* de língua alemã para analisar o uso de subjuntivo nesse contexto e levantar os fatores que definem tal uso. É esse o objetivo do meu trabalho.

BUSCHA e ZOCH se posicionam contra procedimentos confrontativos entre a língua materna dos alunos e a língua-alvo, com base em sua própria experiência no ensino de alemão para turmas mistas, de falantes de diversas línguas. Eles questionam os professores de língua sobre a necessidade de tal procedimento.

Considero úteis procedimentos confrontativos entre a língua materna e a língua estrangeira que está sendo ensinada, em determinadas situações, como no ensino dos usos do subjuntivo em alemão para falantes brasileiros, sobretudo com relação ao emprego do subjuntivo em orações substantivas. Em português há grande ocorrência de subjuntivo nesse contexto, sendo, portanto, para o aprendiz brasileiro de alemão, essencial saber se pode expressar sua intenção em alemão de maneira semelhante ao que acontece em português, ou se há diferenças, e quais são elas. Minha pesquisa tem como objetivo chegar a esses resultados, para auxiliar o aprendiz na sua produção linguística em alemão.

2.1.1.3. *Der Konjunktiv in der deutschen Sprache der Gegenwart*, de Siegfried JÄGER, 1971

Em seu trabalho, *Der Konjunktiv in der deutschen Sprache der Gegenwart*, de 1971, Siegfried JÄGER analisa partes do *corpus* do *Institut für Deutsche Sprache* de Mannheim, a fim de estudar o significado dos morfemas de subjuntivo em alemão.

Ele utiliza quatorze obras em prosa e três jornais, o que soma aproximadamente seiscentas mil palavras. Sua análise concentra-se principalmente no emprego do subjuntivo no discurso indireto.

O autor destaca quatro tipos de discurso indireto (cf. JÄGER, p. 75-77):

1. *„Dreifachbestimmung: regierender Ausdruck + Konjunktion + Konjunktiv I*
Er sagte, dass er es getan habe.
2. *Zweifachbestimmung 1: Konjunktion + Konjunktiv I*
Dass er es getan habe./ Ob er es getan habe.
3. *Zweifachbestimmung 2: regierender Ausdruck + Konjunktiv I*
Er sagte, er habe es getan.
4. *Einfachbestimmung: Konjunktiv I*
Er habe es getan. “

JÄGER conclui que essas quatro formas podem ser substituídas pelo indicativo, mas questiona se isso não acaba deixando de lado o caráter de discurso indireto (p. 89).

Os resultados a que o autor chega mostram que o subjuntivo na língua alemã atual tem um papel cada vez mais importante, que representa uma possibilidade econômica na reprodução do discurso de outrem, e que permite diferenciações estilísticas, nuances de expressão, que seriam difíceis de ser expressas por outros meios lingüísticos (cf. p. 269-270).

2.1.1.4. *Introdução ao estudo contrastivo do subjuntivo em alemão e em português*, de Fernando Luiz TARALLO, 1978

A dissertação de mestrado de Fernando Luiz TARALLO, intitulada *Introdução a um estudo contrastivo do subjuntivo em alemão e em português* (1978), apresenta um estudo destes modos em nível de língua falada padrão, com base na análise de *corpus* de ambas as línguas, com o objetivo de verificar a relação entre frequência de realização dos morfemas modais de subjuntivo e situação contextual e co-textual em que ocorrem.

Este trabalho é muito importante para minha pesquisa, porque é o único aborda o modo subjuntivo em alemão e português.

TARALLO atenta para a necessidade de *corpora* para esse tipo de trabalho, pois só a intuição do lingüista e informantes são insuficientes para realizar uma descrição da execução lingüística, considerando a função social da língua. Os resultados extraídos dos *corpora* são submetidos aos testes de χ^2 , a fim de verificar se há relação entre as ocorrências das formas subjuntivas e o contexto e co-texto em que aparecem.

A pesquisa parte de um estudo teórico, constituído pelos seguintes itens: resenha crítica das monografias sobre o subjuntivo em alemão e em português e um estudo sobre o campo modal nas gramáticas alemãs e portuguesas. Com relação ao subjuntivo em alemão, são resenhadas obras de sete autores: FLÄMIG (1959), que faz uma interpretação semântica do modo subjuntivo em contos e romances de Thomas Mann; JÄGER (1971); GLÄSER (1970), que realiza um dos primeiros estudos que procura analisar o subjuntivo tanto quanto categoria gramatical, como também como variante estilística; KAUFMANN, que estuda o discurso indireto (1971), o sistema temporal do subjuntivo, chegando ao mesmo paradigma apresentado pelas gramáticas (1971), e o subjuntivo nas orações condicionais (1972 e 1973); BIERWISCH (1966), que analisa o modo verbal alemão com base no modelo gerativo transformacional chomskyano de 1957, e SCHWARTZ (1973), que se baseia no segundo modelo chomskyano de 1965; e BAUSCH (1976).

Na minha pesquisa foram utilizados os trabalhos de JÄGER (1971) e BAUSCH (1979, uma segunda edição). Os outros trabalhos utilizados por TARALLO não foram localizados, com exceção de KAUFMANN (1972) e BIERWISCH (1966), que fazem parte do acervo do *Institut für Deutsche Sprache* de Mannheim, mas que não foram ora utilizados porque não

trariam contribuições específicas sobre meu objeto de estudo: o modo subjuntivo nas orações substantivas. E isso, aliás, é o que ocorre com todos os trabalhos citados acima. Nenhum deles trata do emprego do modo subjuntivo em orações substantivas. Com relação ao modo subjuntivo em português, TARALLO resenha o trabalho de AZEVEDO (1976), também utilizado no meu trabalho.

Quanto ao modo nas gramáticas alemãs, o autor afirma que elas apresentam paradigmas das formas do indicativo e do subjuntivo, embora elas não sejam mais produtivas, tanto na língua escrita quanto na falada. A forma com *würde* é tratada como variante, mas com restrições de uso. A diferença entre *Konjunktiv I* e *II* é explicada pelas semias de *nur anzunehmen* e *nur vorgestellt*, respectivamente (p. 52). Ele afirma, à página 54, que “um estudo completo sobre modalidade deveria encarar os morfemas modais como um dos muitos itens a serem analisados, o que, via de regra, não é nem mesmo aventado pela maioria das gramáticas”.

Sobre o discurso indireto em alemão, o autor observa nas gramáticas as mais variadas designações, além de ele ser tratado ora como contexto sintático, onde o uso do *Konjunktiv I* é norma, ora como semântico-sintático, onde a ocorrência de indicativo ou subjuntivo pode causar nuances de significado.

Os casos de subjuntivo fora do discurso indireto são divididos basicamente entre e orações subordinadas e orações independentes (ou subjuntivo independente).

Quanto às orações condicionais e concessivas, a maioria das gramáticas classificam as com indicativo de reais e as com subjuntivo de irrealis. As irrealis são ainda subdivididas entre potenciais, com o verbo no pretérito, e irrealis, com mais-que-perfeito do subjuntivo. O emprego do subjuntivo nas orações comparativas é visto de três maneiras diferentes pelos gramáticos: como obrigatório, sintaticamente condicionado; como não condicionado, expressando irrealidade; e como sintaticamente condicionado, porém indicando irrealidade. Essa mesma questão, de se o uso do subjuntivo tem uma função própria ou é exigido sintaticamente, também é colocada no tocante às orações consecutivas. Ao subjuntivo nas orações finais as gramáticas, em geral, não atribuem função autônoma.

Com relação às orações imperativas e optativas, TARALLO afirma que seria necessário fazer um estudo pragmático, partindo das situações de desejo e/ ou ordem, procurando estabelecer as variantes lingüísticas usadas.

Ao tratar de casos especiais de subjuntivo, o autor fala de casos onde, segundo a gramática, o uso do indicativo é norma, como *da wären wir...*, *ich würde sagen...*, etc. O subjuntivo, nestes casos, é visto como indicador de dúvida, polidez, irrealidade e reforço da realidade. Novamente, o autor afirma que seria necessário um estudo pragmático destas questões, e que as explicações das gramáticas “são via de regra insuficientes por não apresentarem relevância comunicativa” (p. 102).

Em 4.1., apresento uma primeira comparação do subjuntivo em alemão e em português, na qual o subjuntivo independente é classificado de acordo com categorias semântico-pragmáticas, de modo semelhante ao que TARALLO sugere em seu trabalho.

Com relação ao modo nas gramáticas do português, existem três diferentes linhas: uma, que diz que o subjuntivo ocorre devido a condicionadores sintáticos; outra, que atribui ao subjuntivo valores semânticos; e uma última, que vê no uso do subjuntivo esses dois aspectos. Segundo o autor, um estudo da modalidade subjuntiva deveria incluir na análise: “os morfemas modais de subjuntivo; verbos modais; advérbios e partículas modais; e o semantema do verbo” (p. 120).

Para apresentar o emprego do modo subjuntivo em português, TARALLO segue a divisão tradicional da nomenclatura gramatical brasileira, ou seja, a divisão entre subjuntivo dependente e independente.

Quanto ao subjuntivo independente, há três posições assumidas pelos gramáticos: uma, que não aborda esse assunto diretamente, atribuindo, entretanto, ao subjuntivo uma função semântica; outra, que o considera nitidamente como uma categoria semântica; e uma última, que considera o emprego do subjuntivo nessas orações como uma redundância.

TARALLO observa que “as formas de condicional I – futuro do pretérito – não são sequer mencionadas na análise das gramáticas, embora representem uma alta porcentagem na análise do *corpus*” (p. 124). No meu trabalho, incluo o futuro do pretérito no âmbito maior do modo subjuntivo.

O autor critica também o tratamento dado pelas gramáticas ao subjuntivo nas orações subordinadas substantivas, pois elas se limitam a apresentar os esquemas tradicionais, sem mencionar um condicionamento sintático que poderia ocorrer. Diz que, segundo alguns gramáticos como CUNHA e BECHARA, “a ocorrência do subjuntivo é determinada pelos traços semânticos do verbo da oração principal” (p. 125), e que, como nada é dito sobre a existência ou não de uma função para o subjuntivo na oração subordinada, pode-se concluir que ele não

possui função própria, sendo o seu emprego condicionado sintaticamente. Observa ainda que seria necessário que se fizesse uma lista relativamente fechada das expressões que exigiriam o emprego do subjuntivo na oração subordinada, e também que se relacionasse a equivalência entre o tempo do verbo da oração principal e da subordinada. Na minha comparação do subjuntivo em alemão e em português, elaborei uma lista das expressões que exigem subjuntivo na oração subordinada substantiva, e pretendo levantar as relações temporais entre as orações.

Quanto às orações adjetivas, TARALLO diz que a categoria semântica que as gramáticas tendem a atribuir ao subjuntivo não existe, sendo o seu emprego motivado por questões estilísticas, ponto de vista com o qual não concordo, pois esse emprego ocorre em orações que indicam desejo e probabilidade, ou, como atestam as gramáticas, fim e hipótese.

Segundo o autor, é nas orações adverbiais que o subjuntivo mais ocorre em português. A maioria dos gramáticos apontam para um emprego puramente sintático do modo subjuntivo.

Três grandes contradições são levantadas por TARALLO nas gramáticas de língua alemã e portuguesa: a tentativa de estabelecer uma oposição direta entre indicativo e subjuntivo; a restrição do estudo do modo verbal aos morfemas; e a tentativa de prescrever o uso do subjuntivo, com base em contextos sintáticos ou na frequência de ocorrência do modo. O problema de restringir a análise do modo aos morfemas modais, é que assim são deixados de lado outros meios lingüísticos de carga semântica equivalente, como a forma analítica com *würde* + infinitivo, em alemão, “e o futuro do pretérito em português, casualmente englobado no modo indicativo ou erroneamente classificado como forma marginal” (p.132).

Após este estudo do material existente sobre o assunto, TARALLO parte para a análise do *corpus*, composto de textos dialogados e monologados de transmissões pela televisão, em português, e de textos de programas de rádio e de televisão alemães, chegando aos resultados que trazemos a seguir.

Com relação à frequência de atualização dos morfemas de subjuntivo, as estatísticas mostraram que ela é um pouco maior em português. Outro resultado encontrado é o de que o subjuntivo enquanto categoria exigida sintaticamente (distribuição complementar) é mais frequente do que o semântico-estilístico (variação livre).

Quanto à relação entre a realização do subjuntivo e a situação de comunicação, a análise dos dados permitiu observar que “há influência do tipo de situação de fala no processo

de realização de morfemas modais de subjuntivo” (p. 161). As seguintes observações atestam essa afirmação: no caso dos textos monologados, o aspecto de tempo não-simultâneo é determinante para a frequência mais alta de subjuntivo; “o papel do falante no ato da fala pode ser fator determinante para a realização do subjuntivo nas duas línguas” (p. 163), pois em textos em que não há subordinação de um falante em relação ao outro, a porcentagem de ocorrência do subjuntivo é maior; há “uma diferença sistemática quanto à ocorrência de morfemas de subjuntivo em situações verbais com um ou mais falantes” (p. 167), pois tal ocorrência é maior em textos dialogados do que em monologados.

Em seus comentários finais TARALLO mostra a abertura que este trabalho oferece a uma complementação, que ainda seria elaborada. Segundo ele, tal pesquisa “visaria a uma análise morfossintática do subjuntivo nos dois sistemas lingüísticos, englobando:

- a) a redução da realização dos morfemas na língua falada;
- b) a distribuição lexemática das ocorrências;
- c) a delimitação dos contextos sintáticos, semânticos e/ ou estilísticos, em que os morfemas são realizados e
- d) uma análise contrastiva dos dois sistemas lingüísticos, salientando pontos convergentes e divergentes entre eles.” (p. 170).

Tal complementação não foi elaborada, mas possui semelhanças com o objetivo do meu trabalho, apesar de eu trabalhar com a língua escrita. Na minha primeira comparação do subjuntivo em alemão e em português, analisei contextos de ocorrência do subjuntivo e levantei algumas equivalências e diferenças entre os dois idiomas. Meu objetivo agora é analisar e levantar mais especificamente os fatores sintáticos, semânticos e/ ou pragmáticos que envolvem o uso do subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em alemão e em português e comparar tal uso nos dois sistemas lingüísticos, para chegar às semelhanças e diferenças existentes entre eles. Dessa forma, pretendo contemplar parte do que TARALLO sugere em seus comentários finais.

2.1.2. Estudos sobre o modo subjuntivo em português

Apresento, a seguir, os trabalhos sobre o modo subjuntivo em português. O primeiro deles, de AZEVEDO (1976), é o trabalho mais representativo entre os estudos referentes a este tema no Brasil. Os demais trabalhos são: COSTA (1990), FERREIRA (1984), LONGO (1989) e PEREIRA (1974).

2.1.2.1. *O subjuntivo em português, de Milton M. AZEVEDO, 1976*

O subjuntivo em português, de Milton AZEVEDO, publicado em 1976, analisa este modo verbal em português, com base principalmente na teoria desenvolvida por Noam Chomsky em *Aspects of the Theory of Syntax* (1965).

A proposta de AZEVEDO não é de fazer uma análise exaustiva do subjuntivo, pois isso seria um estudo muito amplo. Trata-se na obra de casos do subjuntivo em orações declarativas ou afirmativas, e da caracterização formal das condições em que ocorrem variações morfológicas que constituem este modo.

Inicialmente o autor faz uma análise do que há nas gramáticas normativas acerca deste assunto e chega à conclusão de que tais gramáticas tratam o modo subjuntivo de maneira muito geral, não apresentam o fato como é realmente usado pelos falantes, acabam por descrever a linguagem literária, de onde seu *corpus* em geral é extraído, e misturam considerações de caráter sintático, semântico e até extralingüístico por falta de uma base teórica definida. AZEVEDO afirma que “uma fonte muito comum de confusão para o leitor é a multiplicidade de subcategorias e casos especiais de que lançam mão certas gramáticas” (p. 10). Na minha primeira classificação dos usos do modo subjuntivo em alemão e em português, procurei encontrar categorias que abrangessem este fenômeno de maneira mais econômica.

Com base na teoria citada, o autor afirma ser possível analisar o subjuntivo como uma variação morfológica verbal automática, semanticamente vazia, que não se encontra na representação subjacente, que só ocorre em certos tipos de orações subordinadas, quando se preenchem determinadas condições.

Para justificar a afirmação de que há ocorrência de subjuntivo apenas em orações subordinadas, o autor esclarece que as ditas orações independentes com subjuntivo não são mais do que orações dependentes de uma estrutura subjacente, como ilustra a oração optativa

Que o Deus te ajude!

Tal oração seria dependente de outra, por exemplo *Desejo...*, que não aparece na estrutura de superfície.

Outro caso:

Talvez ele venha.

seria uma oração dependente de outra, pois o advérbio *talvez*, ou uma expressão como *é possível que...*, são sintaticamente equivalentes a um verbo abstrato.

Em relação às orações subordinadas substantivas, AZEVEDO conclui que seria complicado definir um conjunto finito de traços distintivos semânticos de verbos, substantivos e adjetivos, que determinam a ocorrência do subjuntivo na oração subordinada, pois seria possível cair em minúcias pouco práticas, ou em generalizações muito vagas. Sugere então que se postule um traço distintivo sintático [+ subjuntivo] presente no léxico, cuja presença na oração principal determina a transformação do subjuntivo na oração substantiva. Considero, todavia, necessário definir o que atribui o traço distintivo [+ subjuntivo] a um verbo, substantivo ou adjetivo.

Quanto às orações adjetivas, o autor afirma que o sujeito da oração subordinada deve ser classificado de acordo com dois traços distintivos:

[+/- definido] e [+/- determinado]

Quando há ocorrência de [- definido] e [- determinado] no SN objeto do verbo da oração principal, há emprego do subjuntivo na oração subordinada. Por exemplo:

Procuro um relógio suíço que funcione direito.

[- definido] e [- determinado]

Procuro um relógio suíço que perdi aqui ontem.

[- definido] e [+ determinado]

Sobre as orações subordinadas adverbiais o autor afirma que há dois grupos de conjunções introdutórias: o das concessivas e finais, que exigem o emprego do subjuntivo na oração subordinada, e um outro grupo que introduz orações, em que pode ocorrer indicativo ou subjuntivo, dependendo do tempo da oração principal. Quando houver tempo futuro (tempo cronológico) na oração principal, há subjuntivo na subordinada (p. 35).

Em seus comentários finais, AZEVEDO fala da possibilidade de uso do indicativo em contextos de ocorrência de subjuntivo, sem basear, entretanto, sua afirmação em uma análise de um *corpus*, e sem descrever os informantes que consultou para chegar a tal conclusão.

Finalmente, ele conclui que a concorrência de formas de indicativo e subjuntivo pode estar ligada a fatores “não lingüísticos da estrutura social – por exemplo, classe social, grau de instrução dos falantes, o grau de formalidade da situação em que se desenrola o ato comunicativo, etc.” (p. 51), fatores que, com certeza, são importantes no estudo do modo verbal, mas que acabam fugindo do modelo teórico que ele utiliza na pesquisa.

2.1.2.2. O uso do subjuntivo em um dialeto rural do português, de Iara Bemquerer COSTA, 1990

Em seu trabalho, COSTA analisa um *corpus* de 30 horas de entrevistas gravadas numa colônia de ascendência italiana no noroeste do Rio Grande do Sul, chamada Colônia Santo Antônio, na qual se fala um português que é um dialeto em formação. As duas modalidades de entrevistas utilizadas, das famílias reunidas e dos jovens separadamente, foram gravadas nos anos de 84 e 85.

Estudando a morfologia verbal desse dialeto, foi encontrada a variação entre formas do indicativo e do subjuntivo, que são definidas tradicionalmente como semanticamente distintas. Com base nisso, a autora lança uma questão como pano de fundo: “um dialeto que não se utilize da oposição indicativo x subjuntivo teria uma possibilidade expressiva menor que a do português padrão?” (p. 2).

A autora discute a questão das condições de uso do subjuntivo, com base em trabalhos sobre o assunto, e chega a duas afirmações recorrentes: “o uso do subjuntivo não é livre, mas condicionado por determinados fatores contextuais; o subjuntivo e o indicativo estão em distribuição complementar quanto aos seus contextos de uso” (p. 3). Os autores pesquisados, entretanto, partem de duas diferentes posições ao discutirem as condições de uso do subjuntivo: a primeira posição é de que este uso é um problema sintático-semântico, o que pode ser verificado geralmente na análise das gramáticas tradicionais. A segunda posição é de que se trata de um uso pragmático, que se define na relação entre o falante e o conteúdo de seu enunciado, linha de análise desenvolvida por MATEUS et al. (1987), segundo a qual o falante atribui uma pressuposição não factual às orações com subjuntivo e factual às com indicativo.

Os contextos de uso do subjuntivo são apresentados:

1. orações subordinadas introduzidas por conjunções integrantes que complementem orações principais com predicados avaliativos, causativos ou que admitam um complemento com pressuposição não factual;
2. orações subordinadas que estejam associadas a uma pressuposição não factual, introduzidas por pronomes relativos;

3. orações introduzidas por conjunções condicionais, concessivas e finais;
4. orações hipotéticas introduzidas por conjunções temporais, proporcionais, conformativas, alternativas;
5. orações independentes com *talvez* e *tomara*;
6. orações independentes exortativas.

COSTA afirma que, como a modalidade não é expressa somente pelo subjuntivo, sendo as orações exortativas o único caso em que se pode atribuir a ele a responsabilidade por expressar a modalidade, “a variação subjuntivo x indicativo no português falado funciona como um processo de eliminação de uma redundância” (p.7).

Essa variação acontece nos seguintes casos: o presente do indicativo é usado no lugar do presente e do futuro do subjuntivo, e o imperfeito do indicativo no lugar do imperfeito do subjuntivo. Analisando as ocorrências do *corpus*, foi encontrado o uso do indicativo pelo subjuntivo em 34,4% dos casos. A autora trabalha com a hipótese de que o português falado tem uma forte tendência à redução das flexões verbais.

Com exceção do fator idade (geração), os outros fatores extralingüísticos analisados, sexo e mecanização, não apresentaram relação com a variação. Quanto à idade, percebeu-se que os informantes mais jovens, da segunda geração, usam mais frequentemente o indicativo no lugar do subjuntivo.

2.1.2.3. *Algumas considerações sobre o conjuntivo nas línguas românicas*, de Paulo Martins FERREIRA, 1984

“Algumas considerações sobre o subjuntivo nas línguas românicas”, de Paulo Martins FERREIRA, é um trabalho que faz parte do primeiro volume de *Estudos de Lingüística Portuguesa* (Coimbra, 1984), organizado por José G. Herculano de Carvalho e Jürgen Schmidt-Radefeldt.

FERREIRA trata de algumas questões sobre o modo subjuntivo (utilizaremos aqui esta denominação, ao invés de conjuntivo) nas línguas românicas, com base em trabalhos sobre o assunto. Tece comentários de um ponto de vista diacrônico, e apresenta exemplos nas línguas estudadas. Não há muito aprofundamento nas discussões, pois se trata de um trabalho que abrange várias línguas.

FERREIRA comenta um trabalho de CALBOLI (1971), em que ele define os traços semânticos dos verbos presentes nas orações principais que determinam uso de subjuntivo na oração complemento. Para este autor, os traços [+/- volitivo] e [+/- potencial] dão origem ao subjuntivo na estrutura de superfície. Tal definição é semelhante a que apresento na minha primeira classificação do modo subjuntivo em alemão e em português (vide 4.1), em que defino os traços de desejo e probabilidade.

Sobre a anteposição da oração completiva, FERREIRA menciona um trabalho de DIETRICH (1981), em que ele atribui uma razão de ordem pragmática ao emprego do subjuntivo neste contexto: a atitude do locutor para a escolha do modo. Exemplo:

Que a Comissão Administrativa, ou os seus principais elementos responsáveis por isto, e muito mais, se tenham podido manter nos seus cargos até agora – é lamentável.
(p. 323)

Tratando da oposição subjuntivo-indicativo, FERREIRA trata da função e do valor semântico de base do subjuntivo. Para ilustrar esta questão, vejamos o seguinte exemplo:

Quero que você escreva esse artigo. (p. 291)

O subjuntivo, num contexto como este – após um verbo volitivo – ocorre em todas as línguas românicas. Ele é o elemento portador da informação principal, e indica que a proposição selecionada *que você escreva este artigo* é a única relevante, o único objeto de interesse. Daí seu valor semântico de base.

No caso das proposições iniciadas por *como/ porque*, o uso do indicativo “aponta pura e simplesmente um fato como causa explicativa da situação” (p. 365). O subjuntivo mostra que o locutor seleciona uma causa dentre outras possíveis, apresentando-a como relevante no contexto. Exemplos:

“Como H. tinha sofrido colonização...”

“como Happilândia tivesse recebido importantes contingentes de escravos negros e imigrantes asiáticos” (p. 365)

Quanto a construções como *há/ existe tem + quem + SV (subjuntivo)*, o autor afirma que, desde o século XIX há uma tendência em português de favorecer como norma o emprego do subjuntivo, diferentemente do que acontece nas outras línguas românicas.

Até o século XVII, na ilativa *daí + (vem/ resulta) + que + indicativo subjuntivo*, provavelmente não se empregava o subjuntivo em nenhuma das línguas românicas. Em português, tal emprego surge muito antes do que no francês, mas é no século XX que em português, como nas demais línguas ibéricas, que ele se torna freqüente “parecendo alinhar-se a uma tendência para sublinhar ou focalizar a conotação consecutiva da ilativa” (p. 340).

O futuro do subjuntivo existe somente em português, galego e espanhol. Segundo FERREIRA, nem sempre é fácil decidir quando se trata de uma forma de subjuntivo ou de futuro do indicativo “que sucede ao *futurum exactum* latino nas línguas da Península Ibérica, e em que transparece ainda por vezes a significação da ação pontual, que, por antecipação, se vê acontecer ou ter acontecido no futuro”(p. 372). Nos exemplos a seguir há uma forma de indicativo e uma de futuro do subjuntivo, respectivamente:

Quando vier, já o conhecerá. (p. 372)

Mas não fico zangado se me enganar. (p. 373)

O autor discute a hipótese de se haveria analogia do subjuntivo com o infinitivo nas línguas românicas, chegando à seguinte conclusão: “...só haveria analogia, se no sistema da língua das línguas românicas se pudesse sempre pelo menos ‘pensar’ um Infinitivo em lugar do Subjuntivo, o que não acontece ...” (p.384).

2.1.2.4. *Estudo de morfemas modo-temporais num diálogo entre dois informantes do Projeto NURC, de Beatriz LONGO, 1989*

Em seu trabalho “Estudo de morfemas modo-temporais num diálogo entre dois informantes do Projeto NURC”, LONGO tem dois objetivos: verificar o modo de manifestação dos morfemas modo-temporais e o valor coesivo dos tempos verbais numa amostragem da linguagem falada culta na cidade de São Paulo.

Após a análise das ocorrências dos morfemas de modo e tempo, a autora expõe algumas reflexões suscitadas pela classificação tradicional dos morfemas (em modos indicativo, subjuntivo, com seus respectivos tempos, e imperativo).

LONGO mantém a noção de subjuntivo como um modo, apesar de LYONS (1979, apud LONGO, p. 5) sugerir que em frases complexas não se trate de um modo, mas sim de uma forma subjuntiva, já que a escolha do modo é obrigatória e automática. Ela procede assim, porque há casos em que o morfema modo-temporal subjuntivo indica realmente modalidade, como no caso da optativa “Deus te abençoe”, em contraposição com “Deus te abençoa”.

A autora trata também dos empregos modais do tempo futuro, que “giram em torno da noção de virtualidade, enquanto os empregos temporais repousam sobre a noção de certeza absoluta” (p. 6). Vejamos os exemplos de emprego do futuro do pretérito dados por ela:

Ele me disse que voltaria hoje à noite.

Ele teria assassinado a esposa... se ela o tivesse traído.

... segundo a principal testemunha. (p.6)

No primeiro caso, o emprego do futuro tem uma noção temporal, indicando posterioridade em relação ao passado, mas nos dois últimos o emprego é modal. No primeiro caso, há um uso hipotético, e no segundo, um uso modal, “que demonstra um certo descomprometimento do locutor com relação ao que ele diz” (MARTIN, apud LONGO, p. 6). É um caso de discurso indireto, como é possível ver também 4.1.

Com base em BARBARA (1975), LONGO afirma que somente orações asseverativas, aquelas cujo valor de verdade pode ser sempre verificado, podem conter tempo em sua

estrutura profunda. As orações no subjuntivo podem ser asseverativas, quando seu conteúdo semântico equivale ao de uma oração declarativa, ou não-asseverativas, quando têm referência imperativa, como ilustram os pares de exemplos, respectivamente:

Você pensou que Paulo escrevesse cartas / Você pensou: Paulo escreve cartas.

Você mandou que Paulo escrevesse uma carta / Você mandou: Paulo, escreva uma carta.

O valor de verdade da primeira pode ser determinado e o da segunda não. Assim, “as orações encaixadas temporais introduzidas por *que* na estrutura de superfície podem estar tanto na forma indicativa como na subjuntiva, mas as atemporais ocorrem obrigatoriamente no subjuntivo” (p. 7).

Isso faz com que LONGO limite seu estudo aos tempos do indicativo, pois somente as sentenças asseverativas expressas neste modo contêm obrigatoriamente tempo na estrutura profunda.

Por ora, não é possível entrar muito na questão da temporalidade em ocorrências de modo subjuntivo, pois é uma questão ainda não muito abordada neste trabalho. É, todavia, algo a ser mais profundamente estudado, com o objetivo de comparar o fenômeno em português e alemão e chegar a resultados úteis ao ensino de língua alemã.

O trabalho de LONGO traz também resultados que mostram tendências do português do Brasil. Segundo a análise dos dados, o uso do indicativo substituindo o imperativo e o subjuntivo está se ampliando cada vez mais na linguagem falada culta. O futuro do pretérito também está sendo substituído pelo imperfeito do indicativo, que assume valores modais e hipotéticos.

2.1.2.5. Aspectos da oposição modal indicativo/subjuntivo no português contemporâneo, de Maria Ângela Botelho PEREIRA, 1974

Em seu trabalho, Pereira estudou a oposição modal indicativo-subjuntivo nas orações subordinadas substantivas introduzidas pela conjunção *que*. Segundo a autora,

“as significações expressas pelo indicativo e pelo subjuntivo no português não são estritamente concernentes ao verbo. Concernem a uma classe semântica de caráter universal, a modalidade, que pode ter como meios de expressão: a entoação; recursos lexicais a palavras auxiliares de significados modais (verbos *ou* advérbios); certas partículas especiais; a subordinação sintática. Em línguas como o português, existe ainda o recurso da variação morfológica verbal.” (p. 4)

Pereira afirma que o modo do verbo da oração substantiva pode ou não ser condicionado pelo verbo da oração principal. Isso levanta, portanto, duas hipóteses para o uso dos modos:

- as formas do subjuntivo têm valor semântico oposto ao das formas do indicativo;
- os modos se combinam de acordo com os condicionamentos particulares de cada caso, estando, portanto, em distribuição complementar.

O objetivo da autora é verificar se existe oposição modal entre indicativo e subjuntivo e estabelecer sua caracterização semântica. As questões que a guiaram são:

- “em que casos se verifica uma oposição semântica entre o indicativo e o subjuntivo? Isto é, em que casos as formas do indicativo não podem ser usadas pelas formas do subjuntivo (ou o inverso), sem alterar uma significação que não é indicada por nenhum outro elemento do contexto?”;
- “quando é que a ocorrência, seja do indicativo, seja do subjuntivo, está correlacionada com uma significação contida na oração principal, de tal forma que se um for usado pelo outro o significado da oração não se altera?”;

- “em que casos a ocorrência do indicativo ou do subjuntivo é exigida por um elemento da oração principal que não cria o contexto semântico normalmente compatível com a forma em questão?” (p. 13)

A autora ressalta que é importante observar diferenças linguísticas que podem estar associadas à classe social, ao estilo individual ou à faixa etária do falante. Em seu trabalho, ela analisa a variante falada por universitários, professoras primárias e jornalistas, que classifica como variante culta do português.

Pereira aplicou testes de uso e testes de interpretação a 21 informantes, a fim de verificar se a escolha por um determinado modo está relacionada a um valor de verdade específico ou se a escolha por um modo revela apenas tendências estilísticas. Nos testes de uso, percebeu que a preocupação com a formalidade faz com que os falantes usem mais subjuntivo. A autora deu preferência aos testes de interpretação, já que, segundo ela “os falantes apresentam um sistema muito mais nítido quando interpretam orações com indicativo e com subjuntivo do que quando os empregam” (p. 65).

Considero o método de análise de dados utilizado pela autora arriscado, pois leva em conta apenas o que os informantes intuem e opinam sobre a língua, sem analisar dados linguísticos reais. A Linguística de *Corpus* chama a atenção do pesquisador para o fato de que, muitas vezes, as intuições dos falantes estão erradas, e que aquilo que eles pensam ser “correto” e que afirmam usar, não corresponde ao que eles realmente produzem. Por isso, considero arriscado trabalhar apenas com testes de informantes, sem analisar dados autênticos, extraídos de um *corpus*.

Para definir os critérios semânticos, Pereira tem como base os trabalhos de KIPARSKY & KIPARSKY (1970) e Lauri KARTTUNEN (1971). Em KIPARSKY & KIPARSKY há a distinção entre uma asserção e uma pressuposição. Uma pressuposição distingue-se de uma asserção por permanecer constante sob a negação e sob a interrogação. Por exemplo, na frase “Não é estranho que a porta está fechada”, apenas a asserção “É estranho é negada, a pressuposição de que a porta está fechada é verdadeira.

Após fazer considerações sobre a teoria e sobre os critérios semânticos, a autora estabelece os quatro seguintes paradigmas verbais:

- Predicado factivo: quando o locutor pressupõe que o sujeito expressa uma proposição

verdadeira;

- Predicado não-factivo: quando há uma atitude neutra do locutor em relação ao valor de verdade da proposição expressa pela oração encaixada ;
- Predicado factivo emotivo/avaliativo: quando há verbos que exprimem reação emocional ou avaliativa do locutor ou do sujeito em relação ao fato pressuposto como verdadeiro, expresso na oração subordinada (por exemplo: lamentar, ser absurdo);
- Predicado factivo não-emotivo/avaliativo: quando há verbos que expressam a consciência ou não do locutor ou do sujeito em relação ao fato pressuposto como verdadeiro (exemplos: dar-se conta de).

Pereira estabelece outros paradigmas verbais, além dos quatro citados, com base em KARTTUNEN (1971). Ela classifica os verbos segundo os conceitos de pressuposição e implicação:

- Verbos implicativos: aqueles que, quando afirmados, implicam que a oração subordinada é verdadeira, e quando negados, implicam que a subordinada é falsa (por exemplo: ser verdade);
- Verbos implicativos negativos: aqueles que, quando afirmados, implicam que a oração subordinada expressa uma proposição falsa, e, quando negados, resultam numa implicação positiva. (por exemplos: ser falso);
- Verbos condicionais: aqueles que, quando afirmados, implicam que a oração subordinada expressa uma proposição verdadeira, e, quando negados, não condicionam nenhum valor definido de verdade na oração subordinada (por exemplo: ser certo, ser evidente);
- Verbos condicionais negativos: aqueles que, quando afirmados, implicam que a oração subordinada expressa uma proposição falsa, e, quando negados, não condicionam nenhum valor definido de verdade (por exemplo: ser impossível);
- Verbos bicondicionais: aqueles que, quando negados, implicam que a oração subordinada expressa uma proposição falsa, e, quando afirmados, não condicionam nenhum valor definido de verdade (exemplos: ser possível);
- Verbos bicondicionais negativos: aqueles que, quando negados, implicam que a oração subordinada expressa uma proposição verdadeira, e, quando afirmados, não

condicionam nenhum valor de verdade definido (exemplos: ser incerto).

A tabela a seguir resume a relação entre tipo de verbo, valor de verdade e como o modo verbal seria escolhido na oração subordinada:

Tipo de verbo		Valor de verdade	Modo verbal
Factivos não-emotivos/ avaliativos	afirmado	verdadeiro	indicativo
	negado	verdadeiro	indicativo
Implicativos	afirmado	verdadeiro	indicativo
	negado	falso	subjuntivo
Não-factivos	afirmado	indefinido	subjuntivo
	negado	indefinido	subjuntivo
Factivos emotivos/ avaliativos	afirmado	verdadeiro	subjuntivo
	negado	verdadeiro	subjuntivo
Implicativos negativos	afirmado	falso	subjuntivo
	negado	verdadeiro	subjuntivo
Condicionais	afirmado	verdadeiro	subjuntivo
	negado	indefinido	subjuntivo
Condicionais negativos	afirmado	falso	subjuntivo
	negado	indefinido	subjuntivo
Bicondicionais	afirmado	indefinido	subjuntivo
	negado	falso	subjuntivo
Bicondicionais negativos	afirmado	indefinido	subjuntivo
	negado	verdadeiro	subjuntivo

Segundo esta tabela, o verbos

- não-factivos (ex: *esperar, preferir, desejar, querer, pedir, exigir, deixar, permitir, proibir, temer, ter medo, etc.*), factivos emotivos-avaliativos (ex: *lamentar, gostar,*

etc.), implicativos negativos (ex: *evitar, impedir, etc.*), condicionais (ex: *ter certeza de, ser evidente, ser incontestável, etc.*), condicionais negativos (ex: *ser impossível, etc.*), bicondicionais (ex: *ser possível, tornar possível, etc.*), bicondicionais negativos (ex: *ser incerto, duvidar, haver dúvida, etc.*) ocorrem com o subjuntivo na oração subordinada, independentemente do seu valor de verdade. Como a modalidade já foi expressa na oração principal, não se trata de um modo subjuntivo, mas de uma forma subjuntiva.

- implicativos (ex: *ser verdade, fazer com, etc.*) ocorrem tanto com o subjuntivo quanto com o indicativo, dependendo do valor de verdade da oração encaixada.
- factivos não-emotivos/avaliativos só ocorrem com indicativo, negados ou afirmados, e o valor de verdade é sempre verdadeiro.

Por meio de sua análise, Pereira concluiu que “o indicativo só ocorre em orações subordinadas explicitamente caracterizadas como verdadeiras, ou pressupostas como verdadeiras. O subjuntivo pode ocorrer em orações subordinadas com qualquer valor (verdadeiro, falso, indefinido)” (p. 220). Ela distinguiu também três funções para o emprego do modo na oração substantiva:

- uma predominantemente semântica, na qual não há um elemento na oração matriz que determine um ou outro modo verbal, ou seja, o uso de um ou de outro modo verbal na subordinada é a única diferença;
- uma função semântico-gramatical, na qual a oposição modal é notada pela factividade ou não-factividade e pela afirmação ou negação;
- e uma função predominantemente gramatical, na qual se tem não um modo subjuntivo, mas uma forma subjuntiva.

Considero o trabalho de Pereira importante para minha pesquisa, sobretudo por ser o único a tratar do emprego do modo nas orações subordinadas substantivas. Todavia achei sua classificação um pouco complexa e de difícil compreensão. No presente trabalho pretendo elaborar uma classificação mais simples, que possa ser utilizada com mais facilidade em consultas e preparação de materiais didáticos.

2.2. O modo subjuntivo nas gramáticas

A pesquisa nas gramáticas de alemão e português tem como objetivo verificar como elas apresentam os usos do modo subjuntivo, de maneira geral, e também, mais especificamente, nas orações subordinadas substantivas.

As gramáticas alemãs são uma fonte de consulta muito utilizada por alunos e professores de alemão como língua estrangeira. É importante, portanto, saber que informações elas trazem sobre os usos do subjuntivo aos usuários.

Para comparar o uso do subjuntivo nas orações substantivas nos dois idiomas, é necessário também verificar o que as gramáticas de português trazem sobre o assunto, pois de acordo com a maneira como elas o fazem, criam um “modelo” de subjuntivo que influencia os aprendizes brasileiros a fazer uma comparação direta com o subjuntivo em alemão. É preciso, então, tentar partir desse “modelo” de subjuntivo que os alunos brasileiros têm, para poder chegar às semelhanças e diferenças existentes entre os dois sistemas lingüísticos.

2.2.1. O modo subjuntivo nas gramáticas de alemão

Analisando as principais gramáticas do alemão, percebe-se que o modo subjuntivo é apresentado de maneiras bastante diversas, desde a nomenclatura adotada por elas, até a apresentação dos tipos de uso do modo.

DUDEN (1998) apresenta o modo subjuntivo partindo de uma divisão em três grupos funcionais, *Funktionsbereich I - Aufforderung und Wunsch* (exortação e desejo), *II - Irrealität und Potentialität* (irrealidade e possibilidade) e *III - Indirekte Rede* (discurso indireto), aos quais correspondem, respectivamente, o emprego do *Konjunktiv I*, do *II* e a questão do discurso indireto. WEINRICH (1993) opta pela divisão entre *Indirektiv*, para o *Konjunktiv I*, e *Restriktiv* para o *Konjunktiv II*. HELBIG/ BUSCHA (1994) apresentam os casos de modo subjuntivo e os tempos verbais empregados. ENGEL (1988) adota a nomenclatura de *Konjunktiv I e II*, que é a que utilizo neste trabalho.

Quanto à apresentação dos tipos de uso do modo subjuntivo, há também diferenças entre as gramáticas¹. DUDEN traz uma descrição muito detalhada dos usos, classificados de acordo com os três grupos funcionais definidos. Em relação ao primeiro grupo funcional, exortação e desejo, em que é empregado o *Konjunktiv I*, pode haver ocorrências em orações independentes, com verbos plenos ou modais, especialmente *mögen*, *wollen* e *sollen* (p.157). A este grupo funcional pertencem também as orações subordinadas finais (*Finalsätze*) e de desejo (*Wunschsätze*) (p. 158). DUDEN é a única gramática que trata deste tipo de uso de subjuntivo, que na minha classificação é chamado de DESEJO em orações substantivas (vide 4.1). Alega, todavia, que se trata de um uso raro.

WEINRICH aponta o emprego do *Indirektiv* em expressões formulaicas de desejo, destacando o emprego do verbo modal *mögen*, como um indicador de desejo – “Optativ” (p.265). O autor não fala, entretanto, do emprego do *Indirektiv* em orações subordinadas.

HELBIG/ BUSCHA afirmam que o emprego do presente do *Konjunktiv* com sentido imperativo é restrito a expressões (*Wendungen*) (p. 265).

ENGEL fala do emprego do *Konjunktiv I* em exortações (*Aufforderungen*) como um *adhortativer Konjunktiv*, formulaico e freqüente em textos técnicos. Aponta também este emprego em orações concessivas por meio de expressões já cristalizadas (p. 419-420).

Quanto ao emprego do *Konjunktiv II*, DUDEN, que o classifica como grupo funcional II, irrealidade e potencialidade (*Irrealität und Potentialität*), apresenta diversos casos de orações independentes, classificados como: afirmações e perguntas irrealis (*Irrealer Aussage- und Fragesätze*) (p. 160-161). Dentre eles há casos que expressam dúvida, suposição (especialmente com verbos modais), polidez, desejo. Inadequadamente são incluídos neste grupo também casos de expressões fraseológicas, já cristalizadas na língua, em que o *Konjunktiv* perdeu o sentido de irrealidade e potencialidade, expressando, ao contrário, fatos reais.

Em relação às orações subordinadas pertencentes ao grupo da irrealidade e potencialidade, DUDEN aponta o emprego do *Konjunktiv II* nas condicionais (*Konditionalsätze*), concessivas irrealis (*irreale Konzessivsätze*), exceptivas (*Exzeptivsätze*), relativas modais ou comparativas (*modale Relativsätze* ou *Vergleichsätze*), consecutivas irrealis (*irreale Konsekutivsätze*) e relativas (*Relativsätze*) (p.161-164). DUDEN, novamente, é

¹ Ao final deste subcapítulo apresentaremos uma tabela comparando as classificações do modo subjuntivo nas gramáticas citadas, ilustrando com exemplos.

a única gramática que trata do uso de subjuntivo em orações relativas, que na minha classificação é chamado de PROBABILIDADE em orações adjetivas (vide 4.1).

WEINRICH aponta o emprego do *Restriktiv* em orações independentes nos seguintes contextos gramático-lexicais: modalidades (*Modalitäten*), em combinação com verbos modais (p. 250); desejos (*Wünsche*), em que há o emprego do *Konjunktiv II*, da conjunção *wenn* e da partícula *doch* (p.251); e em contextos de expressão de discrição e polidez (*Diskretion und Höflichkeit*) (p. 257). À página 256, há um exemplo do emprego do *Restriktiv* em hipóteses.

Quanto ao *Restriktiv* em orações subordinadas, o autor fala principalmente das junções condicionais (*Bedingungsgefüge/ Konditional-Junktionen*), incluindo neste grupo exemplos de orações condicionais e concessivas irrealis (p. 253-254). Dentro do grupo que chama de comparações fictícias (*fiktive Vergleiche*), ele apresenta as orações comparativas irrealis e consecutivas (p. 255). Fala também do emprego do *Restriktiv* em conteúdos de negação (*Negationsinhalte*), que são orações com a conjunção *dass*, que têm uma negação como base. O *Konjunktiv II* neste caso, não é obrigatório, é raro na linguagem coloquial, e restringe a validade da proposição (p. 256). Na minha classificação (vide 4.1), esse tipo de uso é denominado PROBABILIDADE nas orações substantivas.

Com relação ao emprego do pretérito imperfeito e do mais-que-perfeito do *Konjunktiv* em orações independentes, HELBIG/ BUSCHA afirmam que ele ocorre em construções com verbos modais (*Modalverbkonstruktionen*) e em orações irrealis de desejo (*irreale Wunschsätze*) (p. 205). Em orações subordinadas, há emprego do pretérito imperfeito e do mais-que-perfeito do *Konjunktiv* nos seguintes casos: orações condicionais, concessivas e consecutivas irrealis (*irreale Konditional-, Konzessiv- e Konsekutivsätze*), e nas comparativas hipotéticas (*hypothetische Komparativsätze*) (p. 200-205). Os autores afirmam que, no caso das orações comparativas pode haver uso também do presente do *Konjunktiv*, expressando fatos presentes (p. 200).

ENGEL mostra o emprego do *Konjunktiv II* em orações independentes com significado hipotético (*hypothetisch*), de polidez (*Höflichkeit*) e em orações de desejo (*Wunschsätze*). Assim como DUDEN, ENGEL inclui inadequadamente empregos fraseológicos de *Konjunktiv II* no âmbito da polidez, sendo que se trata de expressões já cristalizadas na língua, que perderam a carga semântica expressa pelo *Konjunktiv II*, e expressam fatos concretos, objetivos alcançados (p. 424).

Quanto ao emprego do *Konjunktiv II* em orações subordinadas, ENGEL dá exemplos de orações condicionais (*Bedingung in Form eines Nebensatzes*) (p. 422) e comparativas irrealis (*irreale Vergleichsätze*). ENGEL afirma que nas comparativas pode haver emprego do *Konjunktiv I*, sem muita alteração de significado, sendo que o *Konjunktiv II* indica maior distanciamento por parte do falante em relação ao conteúdo do enunciado, enquanto o *Konjunktiv I* indica uma atitude mais neutra (p. 419).

O terceiro grupo funcional apresentado por DUDEN é o do discurso indireto (*indirekte Rede*), que, segundo a gramática, é o mais importante grupo funcional do *Konjunktiv*, e onde ele mais é empregado (p. 164). Embora seu emprego não seja obrigatório, DUDEN o aponta como o modo normal do discurso indireto. Assim como DUDEN, as outras gramáticas analisadas indicam o *Konjunktiv I* como a forma normalmente eleita pelo falante para marcar o discurso indireto. O *Konjunktiv II* funciona, na maioria das vezes, como indicador de discurso indireto, quando as formas do *Konjunktiv I* não podem ser diferenciadas das do indicativo (ENGEL, 1988, p. 423). WEINRICH afirma que na linguagem coloquial o emprego do *Restriktiv* no discurso indireto é muito comum (p. 258). Quanto ao emprego da forma analítica com *würde* + infinitivo, DUDEN afirma que se trata de um uso típico da linguagem falada coloquial. Na língua padrão, esta forma é principalmente utilizada quando há problemas com formas idênticas ou em desuso (p.167).

A tabela a seguir contém todos os tipos de uso do modo subjuntivo em alemão apresentados nas gramáticas ora citadas, partindo da classificação de DUDEN, que é a que apresenta maior quantidade de subtipos:

Oração Independente

DUDEN (1998)	WEINRICH (1993)	HELBIG/ BUSCHA (1994)	ENGEL (1988)	Exemplo
Aufforderung und Wunsch (FBI)	Wunschformeln (Indirektiv)	Wendungen (Prä)	Adhortativer Konjunktiv/ Aufforderungen (KI)	<i>Dem Autor sei Dank ...</i>
Aufforderung und Wunsch (FBI) - mit Modalverben, speziell <i>mögen, wollen, sollen</i>	„Optativ“ (Indirektiv)	-	-	<i>Man möge es verstehen oder verurteilen.</i>
Irrealität und Potentialität (FBII)- Irrealer Aussage- und Fragesatz (IAF)	-	-	Hypothetische Feststellung (KII)	<i>Euer Unternehmen wäre gescheitert.</i>
IAF (FBII) - Zweifelnde, zögernde Frage	-	-	-	<i>Wäre das möglich?</i>
IAF (FBII) - Vermutung mit Modalverben	Modalitäten (Restriktiv)	Modalverbkonstruktionen (Prät)	-	<i>Das dürfte (könnte/ müsste/ sollte) wahr sein.</i>
IAF (FBII) - gekleidete Bitte	Diskretion und Höflichkeit (Restriktiv)	-	Höflichkeit (KII)	<i>Würden Sie das bitte für mich erledigen?</i>

DUDEN (1998)	WEINRICH (1993)	HELBIG/ BUSCHA (1994)	ENGEL (1988)	Exemplo
IAF (FBII)- Vorsichtige Feststellung	-	-	Höflichkeit (KII)	<i>Ich wünschte, daß Sie nachgäben. Ich würde ihnen empfehlen, dieses Buch zu kaufen.</i>
IAF (FBII) - Vorbehaltung gegenüber der Glaubwürdigkeit einer Aussage	-	-	-	<i>Du hast im Lotto gewonnen. - Das wäre schön!</i>
IAF (FBII) - Irrealer Wunschsatz	Wünsche (Restriktiv)	Irrealer Wunschsatz (Prät)	Wunschsatz (KII)	<i>Wenn sie doch jetzt da wäre!</i>
-	Modalitäten (Restriktiv)	Modaiverbkonstru ktionen (Prät)	Höflichkeit (KII)	<i>da müssten Sie aber schwindelfrei sein</i>
IAF (FBII) - Feststellung einer Tatsache	-	-	Mühsam erreichtes Ziel (KII)	<i>Das hätten wir geschafft!</i>

Oração Subordinada

DUDEN (1998)	WEINRICH (1993)	HELBIG/ BUSCHA (1994)	ENGEL (1988)	Exemplo
Finalsatz- (FBI)	-	-	Finalsatz (KI)	<i>(Die Kinder) ... dürfen noch ein wenig aufbleiben, auf daß ihnen das Erwachsenengespräch zum Vorteil gereiche.</i>
Wunschsatz- (FBI)	-	-	-	<i>Das AA wünschte, dass irgendwie auch der Deutsche Reichstag durch eine Mitwirkung dabei sichtbar werde.</i>
Relativsatz- (FBII)	-	-	-	<i>Ich kenne ein gutes Mittel, das in der Apotheke zu bekommen wäre.</i>
-	Negationsinhalte (Restriktiv)	-	-	<i>Ich bin keineswegs der Ansicht, dass ich meine Lage dadurch verbessern würde!</i>

DUDEN (1998)	WEINRICH (1993)	HELBIG/ BUSCHA (1994)	ENGEL (1988)	Exemplo
Konditionalsatz- (FBII)	Bedingungsgefüge/ Konditional- Junktion (Restriktiv)	Irrealer Konditionalsatz (Prät)	Bedingung in Form eines Nebensatzes (KII)	<i>Wäre ich an seiner Stelle gewesen, hätte ich gehandelt.</i>
Irrealer Konzessivsatz- (FBII)	Bedingungsgefüge/ Konditional- Junktion (Restriktiv)	Irrealer Konzessivsatz (Prät)	Konzessivsatz (KI)	<i>Auch wenn man mir 100 Mark anböte, verkaufte ich das Buch nicht.</i>
Exzeptivsatz- (FBII)	-	-	-	<i>Er ist verloren, wenn nicht ein Wunder geschieht. – Er ist verloren, es geschähe denn ein Wunder.</i>
Modaler Relativsatz (Vergleichsatz) - (FBII)	Fiktive Vergleiche (Restriktiv)	Hypothetischer Komparativsatz (Prä, Prät)	Irrealer Vergleichsatz (KI, KII)	<i>Während Nora sprach, in einem erschreckend nüchternen, berichtenden Ton, als verläse sie ein offizielles Kommuniqué..., beobachtete sie mich unentwegt.</i>
Irrealer Konsekutivsatz- (FBII)	Bedingungsgefüge/ Konditional- Junktion (Restriktiv)	Irrealer Konsekutivsatz (Prät)	-	<i>Er ist ein zu dummer Kerl, als daß er es verstünde.</i>

DUDEN (1998)	WEINRICH (1993)	HELBIG/ BUSCHA (1994)	ENGEL (1988)	Exemplo
Indirekte Rede- (FBIII)	Indirekte Rede (Indirektiv/ Restriktiv)	Indirekte Rede (Prä, Prät)	Anzeiger für Textwiedergabe (KI, KII)	<i>Der Fremdenführer führt[e] aus, daß Trier eine alte Römerstadt sei und einst eine der vier Hauptstädte des römischen Weltreichs gewesen sei.</i>

Observações:

- todos os exemplos apresentados na tabela foram extraídos da gramática DUDEN (1998), exceto aqueles que correspondem a empregos que ela não cita em sua classificação. Tais empregos são: *Modalitäten* e *Negationsinhalte*, cujos exemplos foram extraídos da gramática de WEINRICH (1993);
- quando uma célula da tabela é preenchida apenas por (-), significa que a gramática em questão não traz o uso de subjuntivo então apresentado.

Legenda:

FBI: Funktionsbereich I

FBII: Funktionsbereich II

FBIII: Funktionsbereich III

IAF: Irrealer Aussage und Fragesatz

Prä: Präsens

Prät: Präteritum

KI: Konjunktiv I

KII: Konjunktiv II

2.2.2. O modo subjuntivo nas gramáticas de português

Analisando as principais gramáticas do português, percebe-se, na maior parte delas, a subdivisão clássica entre subjuntivo independente e subordinado (BECHARA, 1975 e 1999, CUNHA/CINTRA, 1985, LUFT, 1978 e MATEUS et. al., 1989).

SAID ALI (1964) traz muitas observações sobre o emprego do modo subjuntivo em português, mas não apresenta essa subdivisão de subjuntivo em orações independentes e subordinadas. Isso, de certa maneira, pode dificultar o entendimento e a organização das idéias na hora da consulta a ela. A gramática de LUFT apresenta o modo subjuntivo de maneira bastante resumida e sem exemplos que ilustrem as explicações. MATEUS et.al. traz também uma apresentação reduzida dos tipos de uso do subjuntivo, mas com interessantes observações sobre questões semânticas. BECHARA e CUNHA/ CINTRA trazem uma sistematização mais completa dos tipos de uso do modo subjuntivo, organizando-os entre orações independentes e subordinadas (substantivas, adjetivas e adverbiais), ilustrando os tipos com exemplos. Todavia, há um problema com relação aos exemplos apresentados pelas gramáticas: eles são, na maioria das vezes, extraídos de obras literárias, cuja linguagem é antiga e rebuscada.

Utilizo, como base principal, as gramáticas de BECHARA e CUNHA/ CINTRA, pois eles apresentam uma descrição mais completa do emprego do modo subjuntivo em português. Tem-se, então, a divisão entre subjuntivo independente e subordinado.

Segundo as gramáticas, o subjuntivo independente pode ocorrer em orações absolutas, coordenadas ou principais, exprimindo:

- idéias imperativas, desejo, ordem, indignação:

“Bons ventos o levem” (B)²

“Que se apressem os que querem fazer a obra!” (S)

- incerteza, dúvida, hipótese (com o advérbio talvez):

² As letras entre parênteses indicam a fonte do exemplo: (B) para BECHARA (1999), (C) para CUNHA/ CINTRA (1985) e (S) para SAID ALI (1964).

“Talvez *chorem* com lágrimas de sangue” (B)

CUNHA/ CINTRA observam que alguns lingüistas, sobretudo os da escola gerativo-transformacional, afirmam que o subjuntivo independente não existe, sendo somente "o efeito do apagamento, na superfície, da oração principal" (p. 456).

Nas orações subordinadas substantivas, o modo subjuntivo é empregado quando a oração principal exprime:

- “vontade (nos matizes que vão do *comando* ao *desejo*) com relação ao fato de que se fala” (CUNHA/ CINTRA, 1985, p.456):

“Espero que *estudes* e que *sejas* feliz” (B)

“O professor mandou que o aluno *lesse* um romance” (C)

- dúvida em relação ao fato, incerteza, probabilidade:

“... me vinham à mente *suspeitas* de que ela fosse um anjo transviado do céu...” (B)

“Não acredito que ela *chore* aqui” (C)

Quanto à correlação entre os tempos da oração principal e os da subordinada, somente LUFT faz uma observação, dizendo que o subjuntivo "a rigor, não tem tempo, mas o toma do verbo regente: *quero que vás/ queria que fosses; protestarei, se ele viajar*" (p. 131).

Nas orações subordinadas adjetivas, o modo subjuntivo é empregado quando elas exprimem:

- um fim que se quer alcançar:

“Ando à cata de um criado que *seja* econômico e fiel” (B)

“Portanto, quero coisa de igreja, coisa pia, que *dê* gosto a um bom sacerdote como é padre Estêvão” (C)

- uma hipótese, uma conjectura, não necessariamente uma realidade:

*“O cidadão que **ame** sua pátria engrandece-a” (B)*

*“Estaria ali para dar esperança aos que a **tivessem perdido?**” (C)*

- restrição quanto ao que se fala:

*“Não há homem algum que **possa gabar-se de ser completamente feliz**” (B)*

*“Quem há aí que **seja completamente feliz?**” (B)*

Segundo CUNHA/ CINTRA (1985), o subjuntivo nas orações adverbiais "é um mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções" (p. 458), não possuindo, em geral, valor próprio. Pode ser empregado nas seguintes orações:

- finais:

*“Rubião não entendeu; mas o sócio explicou-lhe que era útil desligarem já a sociedade, a fim de que ele sozinho **liquidasse a casa**” (C)*

*“Os maus são exaltados para serem felizes, para que **caiam do mais alto e sejam esmagados**” (B)*

- condicionais, “em que a condição é irrealizável ou hipotética” (CUNHA/ CINTRA, 1985, p. 459):

*“Se as viagens simplesmente **instruíssem os homens, os marinheiros seriam os mais instruídos**” (B)*

*“Se **andarem depressa, chegarão a tempo**” (S)*

- comparativas iniciadas por *como se*:

*“E moviam os lábios, como se **tentassem falar**” (B)*

*“As pernas tremiam-me como se todos os nervos me **estivessem golpeados**” (C)*

- consecutivas que expressem “simplesmente uma concepção, um fim a que se pretende ou pretenderia chegar, e não uma realidade” (CUNHA/ CINTRA, 1985, p. 460):

*“Não subais tão alto que a queda **seja mortal**” (B)*

"Queria aparecer com figura tão sombria, que causasse medo a todos" (S)

- concessivas:

"Por mais sagaz que seja o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana"
(B)

"O povo não gosta de assassinos, embora inveje os valentes" (C)

- causais que negam a causa, a razão:

"Deitei-me ontem mais cedo, não porque tivesse sono, mas porque precisava de me levantar hoje de madrugada" (B)

"Não que não quisesse amar, mas amar menos, sem tanto sofrimento" (C)

- temporais, indicando uma concepção e não uma realidade:

"Cumprirei o que ordenas, porque jurei obedecer-te cegamente enquanto não salvássemos a irmã de Pelágio" (B)

BECHARA fala de três casos particulares do uso do modo subjuntivo. O primeiro é o da oração subordinada substantiva que completa a exclamação de surpresa *quem diria*, que, segundo o autor, pode ter o verbo tanto no indicativo, como no subjuntivo (p.343):

"Quem diria que ele era capaz disso" (B)

"Quem diria que ele fosse capaz disso" (B)

O segundo caso é aquele que se dá com os indefinidos do tipo *o que quer que*:

"Saiu com o que quer que fosse" (B)

O terceiro caso é o das orações introduzidas por *que*, quando restringem a generalidade de uma afirmação:

"Não há, que eu saiba, expressão mais suave" (B)

CUNHA/ CINTRA apresentam em sua gramática algo não encontrado em nenhuma outra: um estudo dos valores dos tempos do subjuntivo.

De acordo com a gramática, as noções temporais expressas pelas formas do subjuntivo não são precisas e nem representam ações tidas como reais, como fazem as formas do indicativo. Isso se dá porque as formas do subjuntivo enunciam "a ação do verbo como eventual, incerta, ou irreal, em dependência estreita com a vontade, a imaginação ou o sentimento daquele que as emprega" (p. 461).

Primeiramente, a gramática afirma que o presente do subjuntivo pode exprimir um fato:

- presente:

*"Pena é que os meninos **estejam** tão mal providos de roupa" (C)*

- futuro:

*"Meus olhos **apodreçam** se abençoar você" (C)*

O pretérito imperfeito do subjuntivo pode ter o valor de:

- presente:

*"**Tivesses** coração, terias tudo" (C)*

- passado:

*"**Todos os domingos, chovesse ou fizesse sol, estava lá eu**" (C)*

- futuro:

*"**Alberto era inteligente e se não se deixasse engazupar talvez aquilo até lhe fosse um bem**" (C)*

O pretérito perfeito pode indicar um fato:

- passado (supostamente concluído):

*"**Espero que não a tenha ofendido**" (C)*

- futuro (concluído em relação a outro fato futuro):

*"**Espero que João tenha feito o exame quando eu voltar**" (C)*

O pretérito mais-que-perfeito pode exprimir:

- "uma ação anterior a outra ação passada (dentro do sentido eventual do modo subjuntivo)" (p. 463):

*"**Estaria ali para dar esperança aos que a tivessem perdido**" (C)*

- uma ação irreal no passado:

*"E a arca estremecia como se de novo se **houvessem aberto** as cataratas do céu" (C)*

O futuro simples indica eventualidade no futuro, e ocorre em orações subordinadas:

- "adverbiais (condicionais, conformativas e temporais), cuja principal vem enunciada no futuro ou no presente" (p. 464):

*"Se **quiser**, irei vê-lo" (C)*

*"Farei conforme **mandares**" (C)*

*"Quando **puder**, venha ver-me" (C)*

- adjetivas, que dependem de uma principal também dita no futuro ou no presente:

*"Direi uma palavra amiga aos que me **ajudarem**" (C)*

O futuro composto "indica um fato futuro como terminado em relação a outro fato futuro (dentro do sentido geral do modo subjuntivo)" (p. 464):

*"Quando **tiverdes acabado**, sereis desalojados de vosso precário repouso e devolvidos às vossas favelas" (C)*

O quadro seguinte mostra uma sistematização dos tipos de uso do modo subjuntivo em português, de acordo com as gramáticas analisadas (os exemplos que ilustram esses tipos de uso já foram apresentados acima):

Subjuntivo Independente

- idéias imperativas, desejo, ordem, indignação;
- incerteza, dúvida, hipótese (com o advérbio talvez);

Subjuntivo Subordinado

Orações Substantivas	- “vontade (nos matizes que vão do <i>comando</i> ao <i>desejo</i>) com relação ao fato de que se fala” (CUNHA/ CINTRA, 1985, p.456);
	- dúvida em relação ao fato, incerteza, probabilidade;
Orações Adjetivas	- um fim que se quer alcançar;
	- uma hipótese, uma conjectura, não necessariamente uma realidade;
	- restrição quanto ao que se fala;
Orações Adverbiais	- finais;
	- condicionais, “em que a condição é irrealizável ou hipotética” (CUNHA/ CINTRA, 1985, p. 459);
	- comparativas iniciadas por <i>como se</i> ;
	- consecutivas que expressem “simplesmente uma concepção, um fim a que se pretende ou pretenderia chegar, e não uma realidade” (CUNHA/ CINTRA, 1985, p. 460);
	- concessivas;
	- causais que negam a causa, a razão;
	- temporais, indicando uma concepção e não uma realidade.

2.3. O modo subjuntivo nas orações substantivas

Com base nos estudos sobre o modo subjuntivo em alemão e em português, em sua apresentação pelas gramáticas dos dois idiomas, e numa pesquisa realizada em um *corpus* bilíngüe alemão-português de língua escrita, elaborei uma classificação dos usos do modo nas duas línguas (4.1). Tal classificação permitiu uma primeira comparação desses usos e o levantamento de equivalências e diferenças entre os dois idiomas.

Essa primeira comparação entre o modo subjuntivo nas duas línguas, além de poder fornecer subsídios para a elaboração de materiais didáticos e trabalhos contrastivos sobre o assunto, foi uma etapa fundamental para a definição do recorte no objeto desta pesquisa, na medida em que apontou algumas questões que deveriam ser estudadas com maior profundidade.

A questão escolhida para ser mais profundamente analisada foi o uso do subjuntivo nas orações subordinadas substantivas nos dois idiomas. Em português, há grande frequência de ocorrência do subjuntivo nessas orações, fato que influencia os aprendizes brasileiros a usar o *Konjunktiv* em contextos semelhantes em alemão, nos quais, segundo os estudos feitos até o momento, tal uso seria raro (não se trata aqui de contextos de discurso indireto).

Uma pesquisa feita nos principais materiais didáticos de alemão³ mostrou que não há referência ao uso de *Konjunktiv* em orações substantivas (fora do âmbito do discurso indireto). Ou seja, em relação a este tipo de dúvida, os materiais não ajudam o aprendiz brasileiro de alemão.

Os trabalhos sobre o modo subjuntivo em alemão estudados também não fazem referência a um uso do *Konjunktiv* em orações substantivas (fora do discurso indireto) (vide 2.1.1). Então, seria possível concluir que estes tipos de uso realmente não existem em alemão. A pesquisa nas gramáticas de língua alemã, entretanto, apresenta usos de *Konjunktiv* em orações substantivas, semelhantes aos do português.

EISENBERG (1994) e DUDEN (1998) apresentam casos de uso de *Konjunktiv* em orações substantivas, que correspondem aos casos de DESEJO em português:

³ Métodos de ensino analisados: *Sprachbrücke: Deutsch als Fremdsprache* (1989); *Stufen International: Deutsch als Fremdsprache für Jugendliche und Erwachsene* (1999); *Moment mal! Lehrwerk für Deutsch als Fremdsprache* (1999); e *Themen neu: Lehrwerk für Deutsch als Fremdsprache* (1992).

“Karl hofft, dass Egon bleiben *wolle*” (EISENBERG, 1994, 130)

“Das AA wünschte, dass irgendwie auch der Deutsche Reichstag durch eine Mitwirkung dabei sichtbar *werde*.” (DUDEN, 1998, 159)

Segundo EISENBERG, o *Konjunktiv* indica que o falante mantém um certo distanciamento em relação ao que é afirmado na oração subordinada. DUDEN afirma que nas orações subordinadas de DESEJO pode ser usado o *Konjunktiv I*, quando se trata de uma “*indirekte Wiedergabe eines direkt geäußerten Wunsches, einer direkt geäußerten Bitte oder Aufforderung*.” (1998, 158). Contudo, uma pequena pesquisa informal feita com falantes nativos da língua alemã não apontou o uso do *Konjunktiv* em tais contextos, e sim o uso do *Indikativ*⁴. Logo, é necessário que esta questão seja pesquisada com mais profundidade, com base em dados de um *corpus* lingüístico, a fim de verificar se esse uso do *Konjunktiv* efetivamente ocorre, se é usual ou raro, e quais fatores estão ligados a ele.

As gramáticas alemãs também apresentam usos de *Konjunktiv* em contextos semelhantes aos do português, indicando PROBABILIDADE em orações substantivas, como mostram os exemplos:

“Karl meint/ glaubt, dass Egon bleibe *wolle*” (EISENBERG, 1994, 130)

„ich bin *keineswegs* der Ansicht, dass ich meine Lage dadurch verbessern *würde*“
(WEINRICH, 1993, 256)

A justificativa apresentada por EISENBERG para este uso de *Konjunktiv* é a mesma dada em relação às orações que expressam DESEJO. A pesquisa com falantes nativos de alemão revelou, contudo, que também para expressar PROBABILIDADE em orações substantivas em alemão se emprega o modo indicativo. WEINRICH afirma que, em orações com a conjunção *dass* que têm uma negação como base, o *Restriktiv* restringe a validade da proposição. Seu uso não é obrigatório e é raro na linguagem coloquial. Estes casos precisam ser melhor pesquisados, assim como os casos de DESEJO.

⁴ Estou ciente de que é arriscado consultar falantes nativos sobre questões lingüísticas, porque sua intuição nem sempre corresponde àquilo que ele (e os outros falantes) realmente utilizam em situações reais. Considerarei, entretanto, importante neste momento da pesquisa, saber o que eles responderiam sobre essa questão.

Tudo isso leva a crer que é importante um maior aprofundamento na pesquisa sobre o uso do *Konjunktiv* nas orações subordinadas substantivas em alemão, com base tanto em trabalhos sobre o assunto, como em dados lingüísticos autênticos, extraídos de um *corpus*, com o objetivo de verificar quais fatores estão ligados a tal uso.

Em relação ao uso do subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em português, os trabalhos e as gramáticas estudados apontam para traços semânticos presentes nos verbos ou expressões (com substantivos ou adjetivos) da oração principal, que determinam o emprego do subjuntivo na oração subordinada. Tais traços, definidos como [+/- volitivo], [+/- potencial] (CALBOLI, 1971 apud FERREIRA, 1984); avaliativos, que admitam um complemento com pressuposição não factual (COSTA, 1990); vontade, comando, desejo, dúvida, probabilidade, (CUNHA/ CINTRA, 1985, BECHARA, 1975), foram sintetizados nas categorias DESEJO e PROBABILIDADE, mostrando-se válidos para a classificação e a primeira comparação das ocorrências de subjuntivo em alemão e português (vide 4.1).

Importante também é o trabalho de PEREIRA (1974), primeiramente por ser o único que trata especificamente do emprego do modo subjuntivo nas orações substantivas no português, e também por seguir um caminho semelhante ao meu, analisando os verbos e expressões presentes na oração principal, que estão relacionados ao uso do subjuntivo na subordinada.

Com base nos trabalhos estudados e na análise das ocorrências do *corpus*, pretendo levantar os fatores envolvidos no uso do subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em português e em alemão, para poder comparar os dois idiomas e chegar às equivalências e diferenças.

2.5. A comparação de línguas como auxílio no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras

Aprender uma língua estrangeira não é uma tarefa fácil. É necessário aprender não somente palavras, sua pronúncia, seu significado e como organizá-las de acordo com a gramática da língua, mas também estar atento a particularidades e sutilezas da língua estrangeira, que normalmente são muito importantes para uma comunicação eficiente. A compreensão de como a língua estrangeira encara e descreve sua própria cultura e o mundo também é importante. Além disso, é fundamental saber como utilizar um idioma, de acordo com as questões pragmáticas envolvidas em determinadas situações.

A aprendizagem de um idioma depende, entre outras coisas, do objetivo do aprendiz. Por exemplo, quando se aprende uma língua estrangeira somente para conseguir compreender textos técnicos, não é necessário adquirir tantos conhecimentos pragmáticos, do que quando se quer utilizar essa língua em situações cotidianas e profissionais. Mas, de qualquer modo, trata-se de uma tarefa difícil e trabalhosa, e o que pode ajudar o aprendiz são recursos apropriados para tornar sua tarefa mais bem sucedida.

Entre esses recursos encontram-se as estratégias de aprendizagem, que podem torná-la mais efetiva e autônoma. Segundo a definição de RIEGER (1999), estratégias de aprendizagem são

„Handlungspläne, die den Kognitiverungs- und Lernprozess unterstützen, indem sie das Verstehen, Speichern, Abrufen und/ oder den kreativen Einsatz fremdsprachlicher Formen, Strukturen und Vokabeln fördern. Lernstrategien können sich auch globaler auf das Üben und den Erwerb der vier Fertigkeiten – Sprechen, Hören, Schreiben und Lesen – in der Fremdsprache beziehen. Sie sind Zielgerichtet, lehr- und lernbar und machen autonome Lernende aus solchen, die zuvor von der Lehrkraft abhängig waren.“ (p. 12)

Uma estratégia de aprendizagem eficaz é a comparação de línguas (ou contrastividade). Com ela os aprendizes se tornam conscientes de certos fenômenos lingüísticos que podem levar a erros e incertezas no uso da língua estrangeira.

Existem incalculáveis diferenças entre a língua materna e a nova língua que está sendo aprendida, e, não raramente, surgem erros, devido à influência da primeira língua sobre a segunda. Tais erros podem ocorrer em todos os âmbitos: fonético, sintático, semântico e pragmático. É evidente que os aprendizes não incorrem em erros conscientemente, senão seria fácil evitá-los. E, nesses casos, somente uma simples correção não é suficiente. Faz-se necessária também uma explicação sobre as diferenças entre ambas as línguas, o que ajuda a evitar que se incorra no mesmo erro.

Ao aprender uma língua estrangeira, o aprendiz já dispõe de conhecimentos lingüísticos e culturais anteriores, determinados modelos, que às vezes se transferem naturalmente para a nova língua. Essa transferência não é sempre uma perturbação na língua estrangeira (transferência negativa). Ela pode também ser útil (transferência positiva) „wenn strukturelle Eigenschaften beider Sprachen identisch sind“ (p. 254).

Quando se trata de uma perturbação na língua estrangeira, o fenômeno é chamado de *interferência*, que, segundo a definição de PÜTZ (1991), é

„die durch Beeinflussung von Elementen einer anderen oder der gleichen Sprache verursachte Verletzung einer Sprachlichen Norm bzw. der Prozess dieser Beeinflussung.“ (p. 254)

Trata-se aqui de interferência entre duas línguas, e não dentro de uma mesma língua.

Há também um grande perigo de transferência negativa, quando características estruturais das línguas são muito próximas ou quase idênticas, e não só quando elas são diferentes (como se considerava antigamente).

Veamos aqui um exemplo de interferência na sintaxe. No português, deve-se utilizar o modo subjuntivo em determinados contextos, nos quais em alemão nem sempre este modo é exigido. Com o objetivo de verificar se havia interferência do português na aprendizagem do modo subjuntivo em alemão por aprendizes brasileiros, foi aplicado um teste sobre o emprego do modo a 40 alunos de nível intermediário e avançado de alemão como língua estrangeira. Nesse teste, havia frases com contextos típicos de ocorrências de subjuntivo e de *Konjunktiv*, com lacunas a serem preenchidas com os verbos (há uma cópia do teste nos apêndices). O ponto em que pôde ser percebida maior interferência do português no alemão foi o do uso do *Konjunktiv* nas orações independentes com o advérbio *talvez* e nas orações subordinadas

substantivas. Apresento, a seguir, exemplos do teste e tabelas com os resultados das respostas dos aprendizes:

Exemplo 1: Talvez ela não tenha ouvido isso.

Vielleicht _____ sie das nicht gehört.

Indikativ	<i>hat</i>	30
Konjunktiv I	<i>habe</i>	06
Konjunktiv II	<i>hätte</i>	03
	<i>würde</i>	01

Exemplo 2: A gente quer evitar que um louco aproveite a confusão e assumo o comando.

*Man möchte vermeiden, dass ein Verrückter das Durcheinander _____
(ausnutzen) und das Kommando _____ (übernehmen).*

Indikativ	<i>ausnutzt/ übernimmt</i>	34
Konjunktiv I	<i>ausnutze/ übernehme</i>	04
Konjunktiv II	-	-
Em branco	-	02

Exemplo 3: Eu espero que ela tenha ouvido isso.

Ich hoffe, dass sie das _____.

Indikativ	<i>gehört hat</i>	35
Konjunktiv I	<i>gehört habe</i>	04
Konjunktiv II	<i>gehört hätte</i>	01

Exemplo 4: Eu quero que ela venha.

Ich will, dass sie _____.

Indikativ	<i>kommt</i>	33
Konjunktiv I	<i>komme</i>	05
Konjunktiv II	-	-
Erro	<i>komm</i>	02

Tais respostas deixam clara a interferência do uso do subjuntivo em português no alemão, pois o uso do *Konjunktiv* nestes contextos em alemão não é usual. Os aprendizes brasileiros já possuem um modelo de utilização do subjuntivo para estas situações e transferem esta estrutura para o alemão. Além disso, os alunos submetidos aos testes afirmaram ter dúvidas sobre o emprego do modo verbal nesses contextos em alemão.

Quando aprendizes e professores encaram tais erros com um olhar contrastivo, eles conseguem entender sua origem e podem tentar corrigi-los conscientemente. Assim a solução acaba sendo mais eficaz do que simplesmente a resposta: „em alemão não é assim“.

Por meio da comparação de línguas, o aprendiz pode recorrer a conhecimentos prévios, tanto da sua língua materna como de outras línguas estrangeiras, para encontrar analogias, diferenças e até mesmo padrões e regras. Ele pode utilizar esta estratégia desde o começo de sua aprendizagem.

Uma aprendizagem consciente significa um processo ativo e crítico, que pode ser bem-sucedido e contribui para a autonomia do aprendiz. Segundo RIEGER, o significado de consciência lingüística e de aprendizagem consciente está sendo cada vez mais ressaltado no âmbito dos estudos sobre aprendizagem de línguas estrangeiras (p. 12). NEUNER (1999) afirma que

„bewusstes Lernen bedeutet, im Lernprozess selbst aktiv werden: nachdenken, analysieren, vergleichen, Hypothesen bilden, Gesetzmäßigkeiten entdecken, Ergebnisse besprechen usw.“ (p. 16)

A comparação de línguas como estratégia de aprendizagem de idiomas era parte dos objetivos do método contrastivo. Este método surgiu como uma reação ao método direto (que foi, por sua vez, uma reação à tradição latina do método de gramática e tradução).

Segundo o método direto, a aprendizagem de uma língua estrangeira funciona como a aquisição da língua materna, ou seja, assim como uma criança adquire sua língua materna por meio de audição e repetição, desse modo aprende-se também uma língua estrangeira.

Não foi observado, entretanto, que a aquisição da língua materna é totalmente diferente da aprendizagem de uma língua estrangeira, na medida que a primeira é um processo inconsciente e a segunda é um processo consciente, e que, no segundo caso, já existe um sistema lingüístico e cultural como padrão primário, que exerce influência na aprendizagem da língua estrangeira e muitas vezes pode causar interferências.

Em 1957 Robert Lado escreveu *Linguistics Across Cultures*, surgindo daí o método contrastivo, que toma como ponto de partida a questão das interferências.

No início, a lingüística contrastiva tinha dois objetivos:

„zum einen die Beschreibung sprachlicher Systeme mit Hilfe ausgewählter Modelle, zum anderen aber auch als zentrales Anliegen die Rationalisierung des Fremdsprachenunterrichts, und zwar durch Bezugsetzung der sekundären linguistischen Daten der Zielsprache zu den primären linguistischen Daten der Ausgangssprache des Lerners, dies sowohl in methodischer wie auch didaktischer Hinsicht“ (Pütz, S.259).

Estes princípios deveriam ter influência nas pesquisas, na solução problemas na sala de aula e também na organização dela, no tocante à preparação de exercícios, de livros e de outros materiais didáticos.

Naturalmente, este método foi alvo de críticas. Em PÜTZ encontramos as seguintes:

- nem todas as línguas são comparáveis entre si;
- duas línguas podem não ser totalmente comparáveis em muitas áreas;

- é muito complicado descrever completamente uma única língua, então soa muito ambicioso querer comparar duas línguas;
- a pretensão de poder prever erros no processo de aprendizagem não se realizou;
- nem todas as dificuldades de aprendizagem podem ser resolvidas por meio da análise contrastiva, porque nem todas são causadas por interferências;
- análise contrastiva não é nada novo, porque a análise de erros já trabalhava assim;
- no método contrastivo o foco está situado mais no professor do que no aprendiz;
- o grau de diferenças tipológicas entre duas línguas não é proporcional aos problemas causados por interferências;
- interferência é um conceito incorreto, porque a real causa do erro é ignorância.

Essas críticas devem ser analisadas, a fim de se chegar a um meio termo. Interferências existem sim, e o professor deve observar quando uma abordagem contrastiva pode dar bons resultados.

Como a interferência não desempenha um papel em todos os problemas de aprendizagem, então não teria sentido trabalhar toda a língua por meio de um ponto de vista contrastivo. Existem, porém, componentes parciais que permitem um trabalho contrastivo.

A análise contrastiva pode não funcionar como prognóstico, mas ela pode ter função de esclarecimento. Quando um professor sabe que um erro é resultado de uma interferência, ele pode trabalhar o problema melhor na aula e não apenas simplesmente corrigir os aprendizes. Pode também, de acordo com o nível de aprendizagem, deixá-los mais ou menos conscientes de que se trata de uma interferência. Isso significa que o conhecimento contrastivo é tão importante para os aprendizes como também para os professores. Dessa maneira, os aprendizes podem ver a causa de seus erros e assim tentar corrigi-los conscientemente e ativamente. Isso pode significar um passo maior para sua progressão na língua estrangeira. Os professores podem também tirar proveito desse conhecimento contrastivo para a organização da aula e para a preparação de exercícios, livros e outros materiais didáticos.

A afirmação de que o grau de diferenças tipológicas entre duas línguas não é proporcional à força da interferência deve estar correta. Entretanto, as mais novas pesquisas

permitem supor que, quanto mais tipologicamente próximas as línguas são, maior é o perigo de interferência. Quando as características estruturais entre a língua materna e a língua estrangeira são muito próximas ou quase idênticas, os aprendizes têm uma tendência maior de transferir o padrão de sua língua sobre a outra (cf. PÜTZ).

É com esse olhar contrastivo que realizo esta pesquisa, a fim de poder fornecer subsídios para professores e aprendizes de alemão como língua estrangeira.

2.5. Conclusões da parte teórica

Neste estudo teórico, foram resenhados os trabalhos sobre o modo subjuntivo e as principais gramáticas do português e do alemão. Foram também reunidas as informações que estas obras trazem sobre o uso do modo subjuntivo nas orações subordinadas substantivas do alemão e do português. Além disso, foi tratada a questão da comparação de línguas como auxílio no ensino/ aprendizagem de línguas estrangeiras.

Como muitos casos de subjuntivo em alemão correspondem ao uso do futuro do pretérito em português, não seria possível excluir esse tempo verbal, classificado em português como pertencendo ao modo indicativo, de um estudo sobre o subjuntivo, sobretudo em comparação com o alemão. Decidi, então, estabelecer a distinção entre subjuntivo, referindo-me ao modo em português num sentido mais amplo, que envolve o subjuntivo e o futuro do pretérito do português, e *Konjunktiv*, para o modo em alemão.

Foi possível perceber, pela leitura dos estudos sobre o modo subjuntivo, que se trata de um fenômeno lingüístico, cuja análise não pode se restringir somente ao estudo dos morfemas, mas deve ser ampliada para um estudo gramático-estilístico, com base em categorias semânticas/ pragmáticas.

As gramáticas de ambos os idiomas dividem o emprego modo subjuntivo entre independente e subordinado, e descrevem-no com diversas categorias, como *desejo*, *vontade*, *dúvida*, *distanciamento*, etc. Essa multiplicidade de subcategorias e de casos especiais que certas gramáticas apresentam, acabam dificultando a compreensão do fenômeno. Na minha primeira classificação dos usos do modo subjuntivo em alemão e em português, procurei chegar a categorias que abrangessem este fenômeno de maneira mais econômica.

Como em português há muitas ocorrências do modo subjuntivo em orações subordinadas substantivas, e como os aprendizes brasileiros de alemão acabam, muitas vezes, transferindo esse “modelo” do português para sua produção lingüística no alemão, é importante comparar este ponto, a fim de mostrar ao aprendiz como ele ocorre nos dois idiomas.

Para comparar o uso do subjuntivo nas orações substantivas nos dois idiomas, é necessário partir da perspectiva dos aprendizes brasileiros de alemão. Compreendendo o “modelo” de subjuntivo que eles possuem, e verificando suas correspondências no alemão, é possível chegar a resultados profícuos para o ensino/ aprendizagem deste fenômeno no alemão.

BUSCHA e ZOCH (1992) se posicionam contra a aplicação de procedimentos confrontativos entre a língua materna dos alunos e a língua-alvo no ensino de línguas estrangeiras. Eu, pelo contrário, considero a abordagem contrastiva útil em determinadas situações, pois, às vezes, uma explicação sobre as diferenças entre as línguas é uma solução rápida, que mostra claramente ao aprendiz a origem do seu erro, ajudando-o a evitar que o mesmo o problema se repita.

Também para o professor o método contrastivo traz benefícios, na medida que o ajuda a compreender melhor e solucionar certos problemas relativos ao ensino da língua, e pode fornecer subsídios para preparação de materiais didáticos.

Somente por meio da análise de um *corpus* de dados lingüísticos autênticos é possível chegar ao emprego efetivo do modo subjuntivo nos dois idiomas, pois os exemplos apresentados na literatura nem sempre correspondem ao uso real das línguas, assim como as opiniões e intuições de falantes e pesquisadores não podem ser considerados suficientes e confiáveis.

3. Estabelecimento do *corpus*

3.1. Parte teórica

3.1.1. Definição: o que é um *corpus* e tipos de *corpora*

Nos dias atuais, um *corpus* é entendido como uma coleção de textos armazenada como um banco de dados eletrônico. SANCHEZ (1995) define um *corpus* como

“um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para descrição e análise.” (SANCHEZ 1995: 8-9)

O trabalho com *corpora* em pesquisas lingüísticas existe desde o século XIX, mas havia algumas dificuldades, já que eles não eram informatizados e seu processamento era humano, lento, não confiável e caro.

Na década de 80, com o surgimento dos microcomputadores pessoais, houve a popularização de *corpora* e de ferramentas de processamento, o que ajudou no fortalecimento da Lingüística de *Corpus* (metodologia de pesquisa baseada em *corpus*).

Os *corpora* podem ser compostos por textos de diferentes áreas, de acordo com o objetivo ao qual se propõem. Podem conter textos de língua falada ou escrita – atuais ou antigos (para pesquisas de cunho histórico) –, textos jornalísticos, literários ou de alguma área específica (direito, medicina, informática), de linguagem de aprendizes de língua (para estudos sobre aquisição de linguagem, análise de erros) etc.

Existem vários tipos de *corpora*:

- monolíngües, bilíngües ou multilíngües;
- anotados (contendo anotação/ classificação morfossintática das palavras dos textos) ou não-anotados;
- paralelos (contendo textos de uma determinada língua e traduções destes textos em uma ou mais línguas) ou comparáveis (contendo originais de determinados tipos de texto em duas ou mais línguas);
- síncrônicos ou diacrônicos;
- abertos (aos quais continuamente são acrescentados textos) ou fechados (cf. SOUZA e GATTI, 2002).

3.1.2. Importância do uso de *corpus* na pesquisa lingüística contrastiva

A Lingüística de *Corpus* está se firmando como uma metodologia de pesquisa eficaz e vantajosa, impulsionada pelo rápido e contínuo desenvolvimento tecnológico dos tempos atuais.

Ela vem sendo aplicada com sucesso em várias áreas: ensino e aprendizagem de língua, na área de pesquisa em lexicologia e lexicografia (bem como nas subáreas de fraseologia e terminologia/terminografia), nas pesquisas de gramática, estudos contrastivos de língua, tradução, estudos de literatura e estudos de prosódia semântica.

Comparado a seus antecessores da época pré-computador, um *corpus*, como é compreendido atualmente, oferece muitas possibilidades de pesquisa e facilidades para o trabalho do pesquisador, pois é de fácil acesso, seja por meio de CD-ROMs ou Internet; possibilita a realização de buscas, extração e classificação de ocorrências por meio de programas de computador; possibilita a manipulação de grande quantidade de dados; permite estudos de frequência que podem dar informações importantes, tanto em relação aos dados encontrados, quanto aos não encontrados; facilita a obtenção de resultados quantitativos/estatísticos; possibilita a elaboração de concordâncias por meio de programas de computador (concordâncias são listas de ocorrências da palavra ou da expressão procurada, com um pequeno contexto anterior e posterior); permite verificar se determinados fatos se repetem, confirmando intuições e levando a conclusões; facilita chegar a generalizações, que podem servir de base para regras gramaticais; permite ao não nativo o acesso a dados autênticos; (cf. TAGNIN, 2001).

O uso de *corpora* em pesquisas lingüísticas é cada vez maior, porque eles constituem uma fonte de consulta segura para o pesquisador, já que oferecem a ele exemplos lingüísticos autênticos, servindo para confirmação de suas intuições sobre a língua. Como afirma AARTS (1991)

“... the corpus in its raw form is for the corpus linguist the testbed for his hypotheses about the language...” (p. 45).

O pesquisador deve sempre estar atento às suas intuições sobre a língua, mas sem deixar de lado a observação das questões pesquisadas em uma fonte de dados autênticos, a fim de confirmar aquilo que intui.

Além de propiciar a comparação entre a intuição do pesquisador e o efetivo uso da língua, a pesquisa em *corpora* também pode fornecer dados informativos sobre padrões gramaticais, permitindo a confirmação, ou não, das regras apresentadas pelas gramáticas, visto que a maioria delas, em geral, aborda as questões gramaticais de maneira diferente, apresentando uma descrição até abrangente, mas não completa de tais questões, ilustrando com exemplos literários, muitas vezes arcaicos e extremamente rebuscados.

Lynne BOWKER (1998) explica que é muito difícil detectar alguns padrões lingüísticos quando os mesmos se encontram espalhados em um texto ou em vários textos. A elaboração de uma concordância é um meio rápido de se juntar todas as ocorrências de um dado padrão. E mais, de quantificar sua frequência.

No âmbito dos estudos gramaticais, o *corpus* funciona como uma ferramenta que complementa a introspecção do pesquisador com a observação empírica da língua, fornecendo-lhe subsídios para formalizar e fundamentar algumas regras que intuíam.

Um exemplo que mostra como o trabalho com *corpora* fornece subsídios para as pesquisas contrastivas, é o seguinte: utilizando um *corpus* bilíngüe português-alemão, foi realizado um levantamento de ocorrências do advérbio *talvez*, em português, para verificar sua ocorrência junto com o modo subjuntivo. Os resultados mostraram claramente o emprego do modo subjuntivo nas frases em que aparece o advérbio *talvez*, expressando a idéia de probabilidade. Fazendo buscas com os advérbios *provavelmente* e *possivelmente*, muitas vezes usados como sinônimos de *talvez*, não foi encontrado, entretanto, o uso do subjuntivo. Com o intuito de comparar este tipo de uso do modo subjuntivo em português com o alemão, foram feitas buscas pelas palavras *vielleicht*, *wahrscheinlich* e *möglicherweise* nos textos em alemão. A análise das concordâncias encontradas mostra que estes advérbios não exigem o uso do modo subjuntivo em alemão (GATTI, 2001).

3.2. Parte prática

3.2.1. Construção do *corpus*

3.2.1.1. Informações gerais

De acordo com a definição citada há pouco, atualmente, quando se fala em *corpus*, pensa-se em uma coleção de textos armazenada como banco de dados eletrônico, com base em determinados critérios.

Partindo desta definição é que foi compilado o *corpus* para esta pesquisa. Trata-se de um *corpus* bilíngüe, contendo textos em alemão e em português, e comparável, porque possui originais dos mesmos tipos de textos nas duas línguas, no caso, textos escritos jornalísticos atuais e de um registro mais elaborado.

As fontes de extração dos textos são as seguintes:

- alemão: CD-ROMs da revista *Der Spiegel* (1999) e do jornal semanal *Die Zeit* (1994), ambos alemães;
- português: *sites* na *internet* das revistas brasileiras *Isto é* (1998) e *Veja* (1998).

Foram escolhidas essas fontes, porque possuem textos de linguagem atual de um nível mais elaborado. Como há duas fontes diferentes para cada língua, o *corpus* pode ser considerado diversificado.

Uma questão que surge é quanto à representatividade do *corpus*. Segundo SARDINHA (1999), primeiramente é preciso responder às perguntas: “representativo do quê, e para quem?” (p. 5). A idéia é que este *corpus* seja representativo das línguas alemã e portuguesa escritas, atuais e de um nível mais elaborado, e que contemple as necessidades de uma pesquisa sobre um fato gramatical, o modo subjuntivo, e as questões ligadas ao seu uso nas línguas citadas.

Outro ponto é se o *corpus* tem uma extensão suficiente para ser representativo. É difícil definir qual deva ser esta extensão. O *corpus* contém cerca de 170 mil palavras para cada língua. Segundo a classificação de SARDINHA (1999), este *corpus* pode ser classificado como pequeno-médio, considerando cada língua separadamente, o que seria suficiente para o tipo de pesquisa pretendida.

3.2.1.2. Tipologia textual

Segundo a atual definição, os textos devem ser organizados dentro de um *corpus* de acordo com determinados critérios. Por isso, dividi inicialmente os textos dentro do *corpus* em três grandes tipos: CARTAS, ENTREVISTAS e ARTIGOS E REPORTAGENS. Procurei encontrar bibliografia para refinar esta subdivisão, mas constatei que há pouquíssimos trabalhos sobre tipologia textual, sobretudo no âmbito jornalístico. Decidi então, com base em um artigo de DOLZ e SCHNEUWLY (1997), elaborar uma tipologia textual para organizar os textos dentro do *corpus*.

Tal artigo foi escrito como resposta a uma demanda feita por professores e pela instituição escolar na Suíça francófona, que queriam dispor de meios de melhorar o ensino da expressão oral e escrita. Para isso, os autores elaboraram um agrupamento de gêneros textuais para ser empregado nas escolas, tentando englobar aspectos tipológicos, lingüísticos e de progressão escolar.

Os gêneros são agrupados segundo cinco aspectos tipológicos: narrar, relatar, argumentar, expor e descrever ações. Certamente é raro encontrar textos caracterizados unicamente por um aspecto tipológico. A classificação se baseia na predominância de uma destas características no texto.

A partir do agrupamento de gêneros proposto no artigo, elaborei uma classificação para os textos do meu *corpus*, levando em conta aspectos tipológicos (predominância de características, como por exemplo, maior ou menor carga argumentativa), tamanho e tema do texto. Apresento aqui minha classificação:

Aspectos tipológicos	Tipo de texto	Tema
Argumentar e relatar	Editoriais	-
	Cartas de leitores	-
	Artigos	Assuntos internacionais Crônicas Cultura Economia Esporte Política e assuntos nacionais Sociedade e assuntos gerais
	Noticias	Assuntos internacionais Cultura Economia Esporte Política e assuntos nacionais Sociedade e assuntos gerais
Expor	Textos de divulgação científica	-
Expor e argumentar	Dicas e resenhas	Cultura Geral
	Entrevistas	-

3.2.1.3. Estrutura do *corpus*

O *corpus* possui a seguinte estrutura:

- o diretório CORPUS é dividido em dois subdiretórios ALEMÃO e PORTUGUÊS;
- o subdiretório ALEMÃO subdivide-se de acordo com as fontes de extração dos seus textos, gerando, portanto, dois subdiretórios: DER SPIEGEL e DIE ZEIT;
- da mesma maneira, o subdiretório PORTUGUÊS divide-se em: ISTO É e VEJA;
- cada um destes quatro subdiretórios possui arquivos do *Word*, divididos de acordo com a classificação dos tipos de texto e segundo o tema (vide tabela na página anterior);
- as ocorrências possuem sempre uma legenda entre parênteses, um código de identificação, que possibilita a recuperação do texto original da ocorrência, caso seja preciso;
- nas legendas, a primeira informação se refere à fonte do texto (revistas); em seguida vem o tipo de texto; e por último o tema (caso haja a subdivisão por tema). Por exemplo:

IE-Art-Pol

IE = revista *Isto é* (fonte)

Art = artigo (tipo de texto)

Pol = política (tema)

Para ilustrar, relaciono a seguir as legendas que aparecem após as ocorrências extraídas da revista *Der Spiegel* e o seu significado:

Legenda

S-Editoriais
S-Cartas
S-Art-AssInt
S-Art-Cron
S-Art-Cult
S-Art-Econ
S-Art-Esp
S-Art-Pol
S-Art-Soc
S-Not-AssInt
S-Not-Cult
S-Not-Econ
S-Not-Esp
S-Not-Pol
S-Not-Soc
S-Textos
S-Dic-Cult
S-Dic-Geral
S-Entrev

Significado (tipo de texto e tema)

Editoriais
Cartas de leitores
Artigos sobre assuntos internacionais
Crônicas
Artigos sobre cultura
Artigos sobre economia
Artigos sobre esporte
Artigos sobre política e assuntos nacionais
Artigos sobre sociedade e assuntos gerais
Notícias sobre assuntos internacionais
Notícias sobre cultura
Notícias sobre economia
Notícias sobre esporte
Notícias sobre política e assuntos nacionais
Notícias sobre sociedade e assuntos gerais
Textos de divulgação científica
Dicas e resenhas sobre cultura
Dicas e resenhas gerais
Entrevistas

3.2.2. Extração das ocorrências

Depois de compilar o *corpus*, foi utilizado um outro recurso fornecido pela Linguística de *Corpus* para auxiliar o trabalho de quem faz pesquisa sobre língua, que é um anotador de textos. Ferramentas como essa analisam morfossintaticamente os textos, classificando todas as palavras, ou seja, deixando anotações morfossintáticas após as palavras. Trata-se de um recurso muito útil, pois permite que as buscas pelas ocorrências sejam feitas pela classe da palavra ou pela sua função na oração.

As ferramentas de busca existentes possibilitam, em geral, pesquisas apenas por palavras ou expressões. No caso de buscas por itens gramaticais, como determinado modo ou tempo verbal, o único recurso que ajuda a arrolar as ocorrências eletronicamente é o anotador de *corpus*, que possibilita que sejam feitas buscas pelas legendas dos termos, em textos previamente anotados.

A título de ilustração, apresento a seguir dois trechos de textos anotados, em português e em alemão:

Exemplo de texto anotado em português

Se eu ganhasse muito dinheiro, eu compraria um carro.

se [se] <*> KS @SUB @#FS-ADVL>

eu [eu] PERS M/F 1S NOM @SUBJ>

ganhasse [ganhar] <vt> <vH> V IMPF 1S SUBJ VFIN @FMV

muito [muito] <quant2> <quant3> <de+> DET M S @>N

dinheiro [dinheiro] <cm> N M S @<ACC

,

eu [eu] PERS M/F 1S NOM @SUBJ>

compraria [comprar] <vt> <vH> <fmc> V COND 1S VFIN @FMV

um [um] <arti> DET M S @>N

carro [carro] <V> N M S @<ACC

Exemplo de texto anotado em alemão

Wenn [wenn] * CONJ

sie [sie] PRON INDP PERS PL3 NOM

reden [reden] <s1> V INF

könnten [können] <s1> V KONJ IMPF PL3

--komma "" KOMMA

wäre [sein] V KONJ IMPF SG1

ich [ich] PRON INDP PERS SG1 NOM

ruiniert [ruiniert] <s1> ADJ PART POS UNDEKL

--punkt "" PUNKT

O anotador ora utilizado foi disponibilizado pelo Prof^o Dr^o Eckhard Bick, que lidera um grupo do Instituto de Língua e Comunicação da Universidade do Sul da Dinamarca em projetos de desenvolvimento de anotadores de textos, ferramentas de análise sintática, tradutores automáticos, etc. (ver mais em <http://visl.hum.ou.dk>). Tal anotador pode também ser aplicado a textos em dinamarquês, espanhol, esperanto, francês, inglês e italiano, além de alemão e português.

Com os textos anotados, foi possível procurar as ocorrências no *corpus* por meio de um programa de computador – *Microsoft Visual C++* –, diretamente pela sua legenda (no caso *SUBJ/KONJ*), o que agilizou o trabalho de extração de todas as ocorrências de subjuntivo e de *Konjunktiv*. Esta ferramenta possibilitou também a elaboração de estatísticas sobre as ocorrências de subjuntivo/ *Konjunktiv*, considerando o tipo de texto e os tempos verbais.

O passo seguinte foi selecionar, do total de ocorrências arroladas, as de orações substantivas em alemão e em português. A base para a classificação das ocorrências do alemão é a apresentada por POLENZ (1985, p. 82). Foram extraídas as orações com função de complemento (*Ergänzungssätze*)

As ocorrências do português foram classificadas como orações subordinadas substantivas, de acordo com BECHARA (1994) e CUNHA/ CINTRA (2001). Foram extraídas as orações substantivas introduzidas pela conjunção integrante *que*, que exercem função de: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal e predicativo.

Outra ferramenta utilizada foi o programa *Wordsmith Tools*, que possibilita a elaboração de concordâncias, isto é, listas de ocorrências de uma palavra ou expressão procurada, com um pequeno contexto anterior e posterior. Com tal ferramenta é possível verificar a frequência de determinados fenômenos, se eles se repetem ou se se trata de casos isolados, é possível checar intuições, chegar a regras, etc.

Após analisar as ocorrências de subjuntivo e de *Konjunktiv* em orações substantivas e reunir os verbos e expressões presentes na oração principal, foi necessário realizar buscas no *corpus* por tais verbos e expressões, a fim de checar se eles ocorriam também com indicativo. Para estas buscas, por palavras ou expressões, foi utilizado o programa *Wordsmith Tools*.

4. Análise e resultados

4.1. Primeira comparação dos usos do modo subjuntivo no alemão e no português do Brasil: panorama geral⁵

Com base nos trabalhos estudados, nas gramáticas de alemão e de português, e nos dados fornecidos pelo *corpus*, desenvolvi uma classificação dos usos do modo subjuntivo, que possibilitou a comparação do modo nas duas línguas. O resultado desta classificação foi o levantamento de alguns tipos de uso do modo subjuntivo no alemão e no português do Brasil e a elaboração de um primeiro panorama contrastivo, que apresento agora.

Foi a partir deste trabalho que decidi analisar o emprego do modo subjuntivo nas orações subordinadas substantivas no alemão e no português do Brasil. Mas além de servir como ponto de partida, pois é com base nos parâmetros ora apresentados que a pesquisa terá continuidade, deste trabalho também surgem os primeiros resultados da pesquisa.

Início introduzindo a problemática da comparação do subjuntivo em alemão e português e os critérios que permitiram a classificação do modo nas duas línguas.

⁵ Este trabalho foi publicado em parceria com GLENK. no nº 5 da revista *Pandaemonium Germanicum* (GLENK/GATTI, 2001).

4.1.1. Problemática

O uso do modo subjuntivo representa um item difícil para os aprendizes do alemão (BUSCHA/ ZOCH, 1992). Por meio de uma experiência realizada com alunos brasileiros de nível intermediário e avançado de alemão, puderam ser constatadas dificuldades quanto ao emprego deste modo, devido às diferenças existentes entre as duas línguas.

Analisando os exemplos abaixo, que mostram traduções de frases do alemão para o português, nas quais há emprego dos modos subjuntivo e indicativo, é possível perceber a complexidade que envolve tal uso e que acaba fazendo com que ele represente uma fonte de erros e incertezas no processo de aprendizagem.

Exemplos de traduções de frases do alemão para o português	Modo verbal
<i>Wenn er öfter mit seinem Hund spazieren ginge, wäre er nicht so dick.</i> Se ele fosse passear mais vezes com seu cachorro, não seria tão gordo.	KII, KII S, FP
<i>Wer zu lange in der Sonne bleibt, bekommt einen Sonnenbrand.</i> Quem fica muito tempo ao sol, se queima./ Quem ficar muito tempo ao sol, queimar-se-á.	I, I I, I S, I
<i>Würdest du mir bitte das Buch geben?</i> Você me daria o livro?	KII FP
<i>Könntet ihr uns bei den Aufgaben helfen?</i> Vocês poderiam nos ajudar com as tarefas?	KII FP
<i>Er tut so, als ob er der Lehrer wäre.</i> Ele age como se fosse o professor.	I, KII I, S
<i>Sie sagt, er sei ein netter Mensch.</i> Ela diz que ele é um cara legal.	I, KI I, I
<i>Er dürfte gestern schlecht geschlafen haben.</i> Ele deve ter dormido mal ontem.	KII I
<i>Er behauptet, dass er sie nicht gesehen habe.</i> Ele afirma que não a teria visto./ que não a tinha visto.	I, KI I, FP/I
<i>Gott sei Dank!</i> Deus seja louvado!	KI S
<i>Vielleicht kommt sie.</i> Talvez ela venha.	I S
<i>Ich hoffe, dass sie bald kommt.</i> Eu espero que ela venha logo.	I, I I, S
<i>Er braucht eine Sekretärin, die Englisch kann.</i> Ele precisa de uma secretária que saiba inglês.	I, I I, S

Legenda: I = modo indicativo em alemão ou em português; KI = *Konjunktiv I*;

KII = *Konjunktiv II*; S = subjuntivo; FP = futuro do pretérito

Observando o quadro, obtém-se a seguinte distribuição de possibilidades de tradução do alemão para o português:

<i>KII – I</i>	<i>KI – I</i>	<i>I – I</i>
<i>KII – S</i>	<i>KI – S</i>	<i>I – S</i>
<i>KII – FP</i>	<i>KI – FP</i>	<i>I – 0</i>

Isto mostra que tanto formas de *Konjunktiv II* quanto formas do *Konjunktiv I* podem ter que ser traduzidas por verbos no indicativo, no subjuntivo, ou ainda, pelo futuro do pretérito, que deve ser destacado como uma forma à parte, já que, mesmo sendo classificado tradicionalmente como pertencente ao modo indicativo, representa uma possível equivalência para o *Konjunktiv* em alemão. Somente o *Indikativ* pode ser traduzido apenas por verbos no modo indicativo ou subjuntivo, mas não pelo futuro do pretérito.

Analisando o quadro a partir da perspectiva do português, percebe-se que o indicativo pode ser traduzido pelo *Indikativ*, *Konjunktiv I* ou *Konjunktiv II*; e o subjuntivo também pode ser traduzido pelo *Indikativ*, *Konjunktiv I* ou *Konjunktiv II*. Apenas o futuro do pretérito apresenta uma restrição em relação ao *Indikativ*.

Face a tamanha complexidade, é necessário levantar padrões, regularidades, tentando chegar a uma sistematização de todos estes tipos de uso do subjuntivo, a fim de comparar o alemão e o português e chegar às equivalências e diferenças existentes entre os dois idiomas.

4.1.2. Critérios de classificação

Para poder chegar a uma comparação do uso do modo subjuntivo em alemão e em português, foi necessário descobrir critérios de classificação que pudessem abranger este assunto nas duas línguas. A conclusão a que se chegou é que não há uma categoria única, que permita a comparação entre o modo subjuntivo nos dois idiomas, mas sim um conjunto de categorias que pode servir de ponto de partida para uma comparação.

Analisando os dados do *corpus*, pôde-se perceber que o modo subjuntivo não pode ser limitado a determinados tipos frasais. Entretanto, para uma abordagem contrastiva, podem ser destacados os seguintes grupos:

- I. As orações independentes
- II. O grupo das orações substantivas e das adjetivas
- III. As orações adverbiais: condicionais, concessivas, comparativas, finais, consecutivas e temporais
- IV. O discurso indireto

Uma descrição do modo subjuntivo no alemão e no português não pode se limitar apenas a uma análise morfossintática, fato que fica evidente quando se pensa nos exemplos apresentados há pouco, que mostram a impossibilidade de estabelecer equivalências inequívocas entre as diversas formas em alemão e português.

Faz-se necessária uma abordagem baseada não somente na análise sintática, mas também em critérios semânticos e pragmáticos – critérios que sirvam para a descrição do subjuntivo tanto em português quanto em alemão – para produzir uma explicação funcional do fenômeno e permitir a comparação entre os dois idiomas.

Diversas gramáticas procuram especificar a função do modo subjuntivo; as explicações são, todavia, às vezes bastante inespecíficas, com termos emprestados do cotidiano: “restringir a validade de uma afirmação” (WEINRICH, 1993, 248, 261); encarar “a existência ou não existência do fato como uma coisa incerta, duvidosa, eventual, ou, mesmo, irreal” (CUNHA/ CINTRA, 1985, 442).

É preciso definir categorias que incluam, da maneira mais econômica possível, todas as informações necessárias para que o aprendiz brasileiro do alemão possa optar na sua produção lingüística pelo uso adequado do modo subjuntivo em alemão.

Ao lado da classificação sintática em quatro grupos básicos, apresentada acima, há, a meu ver, duas categorias que representam o eixo comum entre o modo subjuntivo nas duas línguas no caso dos grupos I e II (orações independentes e substantivas e adjetivas): as categorias pragmáticas DESEJO e PROBABILIDADE.

O subjuntivo é um modo e como tal modifica a proposição semântica e a força ilocutória da frase. O seguinte exemplo ilustra a categoria do DESEJO:

Wäre sie doch da!

O uso do *Konjunktiv* modifica a proposição básica e a força ilocutória da seguinte maneira:

- a) não é um fato que (*sein (sie, da)*)
- b) o falante deseja que (*sein (sie, da)*)

Da categoria DESEJO fazem parte as seguintes forças ilocutórias: DESEJAR, SOLICITAR, PEDIR, EXIGIR, SUGERIR, PROPOR.

Um exemplo para a categoria da PROBABILIDADE é a seguinte frase:

Jürgen wäre ein guter Chef.

O uso do *Konjunktiv* modifica a proposição básica da seguinte maneira:

- a) não é um fato (*nicht faktisch*) que (*sein (Jürgen, ein guter Chef)*) – a negação, no entanto, seria também um meio para expressar o não-ser-um-fato. O *Konjunktiv* expressa mais do que isso:
- b) o falante acha provável que (*sein (Jürgen, ein guter Chef)*)

À categoria PROBABILIDADE pertencem, entre outras, as seguintes forças ilocutórias: AVALIAR uma proposição quanto a sua possibilidade/ probabilidade, SUPOR, DUVIDAR, LEVANTAR HIPÓTESES. A possibilidade é compreendida como subitem da probabilidade.

Aqui serão focalizadas apenas as orações independentes, as substantivas e as adjetivas, sendo deixadas de lado as orações adverbiais – que seguem regras sintáticas relativamente bem descritas pelas gramáticas das duas línguas – e o discurso indireto. O discurso indireto, *Indirektiv (Konjunktiv I)*, como foi chamado por WEINRICH (1993), apresenta apenas em alemão o uso do modo subjuntivo; o português utiliza-se geralmente do indicativo ou do futuro do pretérito.

4.1.3. Primeiro panorama contrastivo do modo subjuntivo em alemão e em português

As ocorrências de subjuntivo foram analisadas e divididas em orações independentes, subordinadas substantivas e adjetivas, de acordo com a gramática tradicional. Além disso, foram classificadas também segundo as categorias pragmáticas apresentadas há pouco.

O resultado da sobreposição da classificação sintática e das categorias pragmáticas levou à definição de **6 tipos de uso do subjuntivo no alemão e no português**, que serão apresentados aqui.

Quando se fala aqui em tipos de uso do subjuntivo, estão sempre sendo considerados como modo subjuntivo o *Konjunktiv*, em alemão, e o subjuntivo e o futuro do pretérito do indicativo, em português, levando em conta que muitos casos de *Konjunktiv* em alemão correspondem ao uso do futuro do pretérito do indicativo em português. Não haveria como excluir esse tempo verbal, classificado em português como pertencendo ao modo indicativo, de um estudo sobre o subjuntivo, sobretudo em comparação com o alemão.

Os tipos 1 e 2 são: DESEJO e PROBABILIDADE em orações independentes. Estes dois tipos terão que ser subclassificados da seguinte maneira: os tipos 1a e 2a são DESEJO e PROBABILIDADE em orações independentes, com o subjuntivo em português em todas as orações, e o *Konjunktiv* em alemão em algumas; os tipos 1b e 2b são DESEJO e PROBABILIDADE em orações independentes, com o *Konjunktiv* em alemão e o futuro do pretérito em português. Os tipos 3 e 4 são DESEJO e PROBABILIDADE em orações subordinadas substantivas; os tipos 5 e 6, DESEJO e PROBABILIDADE em orações subordinadas adjetivas.

Subjuntivo em orações independentes

Há dois tipos de subjuntivo em orações independentes, em português. Entende-se como independentes orações autônomas, que possuem sentido próprio, como afirmam CUNHA/ CINTRA (1985). Eles observam que certos lingüistas negam a existência do subjuntivo independente, explicando-o como efeito do apagamento da oração principal.

Tipo 1a:

O primeiro tipo é **DESEJO nas orações independentes**. Em português há casos iniciados pela conjunção *que*, nos quais é sempre usado o presente do subjuntivo:

Que o episódio ocorrido com o laboratório Schering sirva de exemplo para que o mesmo não ocorra com outras fábricas nacionais e multinacionais.(IE-Cartas)

Nos casos iniciados pela conjunção *se*, os tempos verbais usados são pretérito imperfeito do subjuntivo, para indicar um fato hipotético, algo que não aconteceu, mas pode acontecer no futuro:

Se pudesse dar uma espiada no caderno e entender tudinho que está escrito nele. (IE-Art-Soc)

e pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, indicando fatos irrealis, que não aconteceram, e, por serem passados, não podem mais acontecer:

Se eu tivesse prestado atenção. (IE-Art-Soc)

Para este tipo de uso de subjuntivo em português existem equivalências em alemão. Há orações independentes expressando DESEJO com emprego do modo subjuntivo nos tempos presente (*Konjunktiv I*) e pretérito (*Konjunktiv II*), indicando algo hipotético:

“Dem Autor sei Dank...” (DUDEN, 1995, 156)

Wenn sie doch nur zurückkäme!

Um caso especial de DESEJO é o uso do verbo *mögen* no presente. Trata-se de um uso formulaico, visto como um indicador de desejo (WEINRICH, 1993, 265):

“... und überhaupt möge die Freude bei Kindern abgeschafft werden - sie wäre angesichts des Elends in der Welt gänzlich unmoralisch.” (Z-Art-Soc)

Nos casos de DESEJO com o verbo no *Konjunktiv II*, é comum o uso das partículas *doch*, *nur* e *bloß*. Estas orações podem ser introduzidas pela conjunção *wenn*, como no exemplo acima, ou não:

Käme sie doch nur zurück!

Também pode ser usada a forma analítica com o auxiliar *würde*:

Würde sie doch nur zurückkommen!

Com referência a fatos passados (em nossa nomenclatura: irrealis), usa-se o pretérito mais-que-perfeito do *Konjunktiv*:

Wäre sie doch nur zurückgekommen!

Tipo 2a:

O segundo tipo é **PROBABILIDADE nas orações independentes**, que são orações em que se expressa PROBABILIDADE pelo uso do advérbio *talvez*, que requer o emprego do modo subjuntivo:

*Ronaldo talvez não **tenha** idéia do trauma que ele causou à equipe.* (IE-Art-Esp)

BECHARA (1999) afirma que, em casos com o advérbio *talvez*, às vezes, é possível encontrar o indicativo (p. 281). Todavia, a pesquisa no *corpus* não confirma esta observação. E advérbios como *provavelmente* e *possivelmente*, muitas vezes usados como sinônimos de *talvez*, não exigem, entretanto, o uso do subjuntivo. As principais gramáticas da língua portuguesa não apresentam o uso de subjuntivo com tais advérbios, e tampouco a análise do *corpus* comprova isso.

A PROBABILIDADE também pode ser representada pelo uso da expressão *quem sabe*, como mostra o seguinte exemplo:

*Quanto ao pregoeiro do itinerário (...), fica-se pensando que, se não estivesse no setor de transportes, como um dia esteve El Árabe, quem sabe **optasse** pelo terrorismo.* (V-Art-AssInt)

Os tempos verbais que podem ocorrer neste tipo de subjuntivo são o presente do subjuntivo, indicando um fato que ocorre no presente,

*Ronaldo talvez não **tenha** idéia disso.*

o pretérito perfeito e o imperfeito, indicando um fato passado,

*Ronaldo talvez não **tenha tido/ tivesse** idéia disso.*

e o pretérito mais-que-perfeito, indicando uma ação anterior a outra,

*Ronaldo talvez não **tivesse tido** idéia disso.*

Em alemão, num contexto como este não se usa o *Konjunktiv*. DUDEN apresenta advérbios como *möglicherweise* e *vielleicht* usados com o modo indicativo.

Ronaldo hat möglicherweise keine Ahnung, was für ein Trauma er seinem Team verursacht hat.

O *Konjunktiv* seria escolhido apenas em se tratando de uma situação irreal ou hipotética.

Os **tipos 1b e 2b** serão descritos mais adiante, quando for focado o futuro do pretérito como correspondência ao *Konjunktiv II*.

Subjuntivo em orações subordinadas substantivas e adjetivas

TARALLO (1978) afirma que nas orações subordinadas substantivas “a ocorrência do subjuntivo é determinada pelos traços semânticos do verbo da oração principal” (p. 125). No mesmo sentido BECHARA (1999) afirma que o subjuntivo nas orações substantivas ocorre “após expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes)” (p. 280) que possuam determinadas cargas semânticas (ordem, vontade, proibição, desejo, probabilidade, necessidade, etc.).

Orações substantivas

Tipo 3:

No terceiro tipo de uso de subjuntivo, **DESEJO nas orações substantivas**, encontram-se expressões que indicam DESEJO, que pedem o uso do modo subjuntivo. TARALLO (1978) atenta para a necessidade de se fazer uma lista relativamente fechada dos verbos ou locuções verbais que exigem a atualização do subjuntivo na oração subordinada (p. 125-126). A seguir são apresentadas as expressões mais frequentemente usadas, obtidas a partir da análise das ocorrências do *corpus*:

Esperar que ...

Querer que...

Pedir que ...

Gostar que ...

Lamentar que ...

Sugerir que ...

Permitir que ...

Evitar que ...

Impedir que ...

Determinar que ...

Mandar que ...

Ordenar que ...

Exigir que ...

Propor que ...

As expressões formadas por substantivos derivados destes verbos também indicam DESEJO e pedem o uso do subjuntivo:

A esperança de que ...

A sugestão de que ...

É possível elencar outras expressões com carga semântica de DESEJO, por exemplo:

A expectativa é que ...

É importante que .../ Não importa que .../ etc.

É essencial que ...

A idéia é que...

É bom que ...

Não tem sentido que...

Há a obrigação de que ...

Não há nada de errado em que ...

Compreendo que ...

Torna-se essencial que ...

Seria bom que ...

Os tempos verbais do subjuntivo que podem ocorrer nas orações substantivas são o presente, o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito:

*Eu espero que ele **venha/ tenha vindo** ao encontro.*

*Eu esperava que ele **viesse/ tivesse vindo** ao encontro.*

Segundo EISENBERG (1994), neste contexto em alemão pode ocorrer o uso do *Konjunktiv* no presente, como mostra o exemplo:

“Karl hofft, dass Egon bleiben wolle” (1994, 130)

EISENBERG afirma:

“Wer äußert ‘Karl hofft, dass Egon bleiben will’, setzt die Wahrheit des Komplementsatzes nicht notwendig voraus und kann deshalb statt des Indikativs ebenso den Konjunktiv setzen. Der Konjunktiv Präsens kann immer dann stehen, wenn der Sprecher sich nicht zur Wahrheit des Komplementsatzes bekennen muss.” (1994, 130)

DUDEN afirma que nas orações subordinadas de DESEJO pode ser usado o *Konjunktiv I*, quando se trata de uma *“indirekte Wiedergabe eines direkt geäußerten Wunsches, einer direkt geäußerten Bitte oder Aufforderung.”* (DUDEN, 1998, 158). Exemplo:

“Das AA wünsche, dass irgendwie auch der Deutsche Reichstag durch eine Mitwirkung dabei sichtbar werde.” (1998, 159)

Todavia, uma pesquisa feita com falantes nativos da língua alemã não apontou o uso do *Konjunktiv* em tais contextos, e sim o uso do *Indikativ*. É necessário que esta questão seja pesquisada com mais profundidade.

Tipo 4:

Ainda em relação às orações substantivas, tem-se o quarto tipo de uso de subjuntivo: **PROBABILIDADE nas orações substantivas**. Nestas orações também há expressões que indicam **PROBABILIDADE**, que pedem o uso do modo subjuntivo:

Supor que ...

Duvidar que ...

Temer que ...

Ter medo de que ...

As expressões formadas por substantivos derivados destes verbos também indicam **PROBABILIDADE** e pedem o uso do subjuntivo:

A suposição de que ...

A dívida de que ...

É possível elencar outras expressões com carga semântica de probabilidade, como:

Acredito que ... / Não acredito que ...

Acho que ... / Não acho que ...

É possível que ... / Há a possibilidade de que ... / etc.

É provável que ... / Há a probabilidade de que ... / etc.

É comum que ...

A tendência é que ... / Há a tendência de que ... / etc.

É de estranhar que ... / É estranho que ... / etc.

É natural que ...

É extraordinário que ...

Há a chance de que ...

Há a hipótese de que ...

É estranho que ...

É de estranhar que ...

Os mesmos tempos verbais do subjuntivo empregados nas orações de **DESEJO** podem ocorrer nos casos de **PROBABILIDADE**.

Também num contexto como este, em alemão, **EISENBERG** mostra o emprego do *Konjunktiv*:

“Karl meint glaubt, dass Egon bleibe wolle” (1994, 130)

A justificativa apresentada por EISENBERG para este uso de *Konjunktiv* é a mesma dada em relação às orações que expressam DESEJO. A pesquisa com falantes nativos de alemão revelou, contudo, que também para expressar PROBABILIDADE em orações substantivas em alemão se emprega o modo indicativo. Estes casos precisam ser melhor pesquisados, assim como os casos de DESEJO.

Orações adjetivas

Também nas orações subordinadas adjetivas o uso do subjuntivo é determinado pela carga semântica da oração principal. Tal carga semântica pode ser de DESEJO ou de PROBABILIDADE.

Tipo 5:

O quinto tipo de subjuntivo é: **DESEJO nas orações adjetivas**, em que podem ocorrer os seguintes tempos do subjuntivo: presente e pretérito perfeito, como no exemplo abaixo,

Os ladrões procuram um comprador que pague/ tenha pago US\$ 18 milhões pelas telas. (IE-Art-Cult)

e pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito, como no próximo exemplo,

Os ladrões procuravam um comprador que pagasse/ tivesse pago US\$ 18 milhões pelas telas.

Segundo DUDEN (1998), em alemão o *Konjunktiv II* pode ocorrer em orações subordinadas adjetivas, mas apenas se elas forem baseadas em uma oração independente irreal ou hipotética. Exemplo:

“(Ich kenne ein gutes Mittel.) Dieses Mittel wäre in der Apotheke zu bekommen.”,
torna-se: *“Ich kenne ein gutes Mittel, das in der Apotheke zu bekommen wäre.”*
(DUDEN, 1998, 164)

Tipo 6:

O sexto tipo de uso do subjuntivo é **PROBABILIDADE nas orações adjetivas**, em que podem ocorrer os mesmos tempos verbais empregados nas orações adjetivas que indicam DESEJO:

Pode haver um mal-entendido que resulte numa ação que vá custar milhões à empresa. (V-Art-Econ)

Podem ocorrer também os tempos futuro simples e composto do subjuntivo, e, nesse caso, há uma relação de condição entre as orações:

O empresário que aprender/ tiver aprendido a não buscar funcionários mas, sim, um time verá sua produtividade crescer com qualidade. (V-Art-Econ)

Num contexto como esse, em alemão, o verbo da oração subordinada pode ocorrer no *Konjunktiv II* somente se ela for baseada em uma oração independente irreal ou hipotética (veja também DUDEN, 1998, 164):

Viele Tierarten unternehmen lange Wanderungen und sind deshalb nicht in bestimmte Gebiete eingrenzbar, in denen man sie schützen könnte. (Z-Textos)

O futuro do pretérito como correspondência ao *Konjunktiv II*

Há dois tipos de uso de *Konjunktiv* em alemão que, em português, são expressos com o tempo verbal futuro do pretérito (descritos em nossa classificação como **tipos 1b e 2b**). Isto se deve ao fato de todos esses *Konjunktive* ocorrerem em **orações independentes** que, salvo poucas exceções, não permitem o uso do subjuntivo em português.

Tipo 1b:

O DESEJO em alemão pode aparecer como sugestão, solicitação ou proposta, além de desejo propriamente dito (já analisado anteriormente).

Na **sugestão** o *Konjunktiv* é usado no pretérito ou, quando irreal, no mais-que-perfeito; sempre, no entanto, no *Konjunktiv II*:

Man müsste in Salzburg etwas Langfristiges für den Nachwuchs tun. (S-Art-Soc)

Man hätte in Salzburg etwas Langfristiges für den Nachwuchs tun müssen.

Neste caso, emprega-se, em português, o tempo verbal futuro do pretérito ou futuro do pretérito composto, respectivamente:

O Ministério da Saúde deveria tomar medidas mais severas. (IE-Textos)

O Ministério da Saúde deveria ter tomado medidas mais severas.

A **solicitação** é outra expressão de DESEJO, em que o *Konjunktiv* é também uma marca de polidez:

Könnten Sie das quantifizieren? (Z-Entrev)

Em português, usa-se o tempo verbal futuro do pretérito:

*O senhor **poderia** quantificar isso?*

O DESEJO pode também ser expresso por meio de uma **proposta**:

*“Du Karola”, sagte Öttl zu Unterkircher, “im August, wenn schönes Wetter ist, **könnten** wir mal wandern gehen, oder?” (Z-Art-Cult)*

Irreal:

*“Im August **hätten** wir wandern gehen **können**.”*

Em português:

*“Karola”, disse Öttl para Unterkircher, “em agosto, se o tempo estiver bom, nós **poderíamos** fazer um passeio, né?”*

Irreal:

*“Em agosto, **poderíamos ter feito** um passeio.”*

Tipo 2b:

A PROBABILIDADE em alemão pode ser expressa por meio de uma **avaliação**, em que se usa o *Konjunktiv* no pretérito (ou a forma analítica com *würde*); quando irreal, usa-se o mais-que-perfeito do *Konjunktiv*:

*“Für so einen Fundort”, sagt Berger selig, “**würden** die meisten Paläontologen einen Mord begehen.” (Z-Textos)*

*“Für so einen Fundort **hätten** die meisten Paläontologen einen Mord **begangen**.”*

Também neste caso, emprega-se, em português, o tempo verbal futuro do pretérito ou, quando irreal, o futuro do pretérito composto:

*"Por um local desses", disse Berger satisfeito, a maioria dos paleontólogos **cometeria** um homicídio".*

*"Por um local desses a maioria dos paleontólogos **teria cometido** um homicídio."*

A PROBABILIDADE em alemão está também presente na **suposição**, em que é empregado o verbo modal *dürfen* no pretérito do *Konjunktiv* (DUDEN, 1995, 95):

*Die hochsommerlichen Temperaturen sowie das Sommerozon **dürften** Herrn Hoffmann-Ostenhof nun endgültig die Sinne verwirrt haben. (Z-Art-Soc)*

Em português, usa-se o tempo verbal presente do indicativo:

*As altas temperaturas de verão assim como o ozônio de verão **devem ter desorientado** definitivamente o senhor Hoffmann-Ostenhof.*

A **hipótese** é outra forma da PROBABILIDADE. Declara-se algo como possível. O verbo é empregado no pretérito do *Konjunktiv* (ou na forma analítica com *würde*), e no mais-que-perfeito do *Konjunktiv* quando a hipótese é irreal:

*Das **wäre** der Sieg des Politisch-Korrekten.*

*Das **wäre** der Sieg des Politsich-Korrekten **gewesen**.*

Em português, emprega-se na **hipótese** o tempo verbal futuro do pretérito, e o futuro do pretérito composto, quando irreal:

***Seria** a vitória do politicamente correto. (V-Art-Pol)*

***Teria sido** a vitória do politicamente correto.*

Como já foi dito, neste momento a descrição se restringe aos casos de DESEJO e PROBABILIDADE nas orações independentes e subordinadas substantivas e adjetivas. Serão feitas aqui apenas algumas breves observações sobre os dois grupos de subjuntivo não abordados.

Nas orações subordinadas adverbiais o emprego do subjuntivo, em geral, é exigido por conjunções, não tendo valor próprio (CUNHA/ CINTRA, 1985). Ocorre em orações condicionais, comparativas, concessivas, finais, consecutivas e temporais.

Em alemão, o modo subjuntivo é muito usado no discurso indireto. É uma maneira que o produtor do texto tem de se distanciar daquilo que está sendo afirmado, deixando claro que está relatando o discurso de outrem.

Em português, não há emprego significativo de subjuntivo no discurso indireto. Quando se relata o discurso de alguém, usa-se o modo indicativo, e quando se quer deixar claro o distanciamento em relação ao que se afirma, pode-se usar o tempo verbal futuro do pretérito.

No quadro seguinte é estabelecido **primeiro panorama contrastivo do modo subjuntivo em alemão e em português**, com base nos tipos de uso do modo subjuntivo levantados na pesquisa:

Equivalências-Português/ Alemão

<p>1a. DESEJO nas orações independentes</p>	<p>Que o episódio ocorrido com o laboratório Schering sirva de exemplo para que o mesmo não ocorra com outras fábricas nacionais e multinacionais. (IE-Cartas)</p>	<p>In Weiterspinnung dieser Sichtweise regen wir an, ... und überhaupt möge die Freude bei Kindern abgeschafft werden – sie wäre angesichts des Elends in der Welt gänzlich unmoralisch. (Z-Art-Soc)</p>
	<p>Se pudesse dar uma espiada no caderno e entender tudinho que está escrito nele. (IE-Art-Soc)</p>	<p>Käme sie doch nur zurück! (DUDEN)</p>
<p>2a. PROBABILIDADE nas orações independentes</p>	<p>Ronaldo talvez não tenha idéia do trauma que ele causou à equipe. (IE-Art-Esp)</p>	<p><i>Ronaldo hat möglicherweise keine Ahnung, was für ein Trauma er seinem Team verursacht hat.</i></p>
<p>3. DESEJO nas orações substantivas</p>	<p>O que não se quer é que um desequilibrado proveite a confusão e assuma o comando. (IE-Art-AssInt)</p>	<p><i>Man möchte vermeiden, dass ein Verrückter das Durcheinander ausnutzt und das Kommando übernimmt.</i></p>
<p>4. PROBABILIDADE nas orações substantivas</p>	<p>Sempre existe a hipótese de que ele tenha enfiado a mão no armário e pego uma gravata qualquer. (V-Art-AssInt)</p>	<p><i>Es liesse sich annehmen, dass er in den Schrank gegriffen hat und eine Kravatte herausgenommen hat.</i></p>
<p>5. DESEJO nas orações adjetivas</p>	<p>Os ladrões estavam há um mês e meio procurando um comprador que pagasse US\$ 18 milhões pelas telas. (IE-Art-Cult)</p>	<p><i>Die Diebe suchten bereits anderthalb Monate lang einen Käufer, der 18 Millionen für die Bilder bezahlte.</i></p>
<p>6. PROBABILIDADE nas orações adjetivas</p>	<p>Pode haver um mal-entendido que resulte numa ação que vá custar milhões à empresa. (V-Art-Econ)</p>	<p>Viele Tierarten unternehmen lange Wanderungen und sind deshalb nicht in bestimmte Gebiete eingrenzbar, in denen man sie schützen könnte. (Z-Textos)</p>

1b. DESEJO

Sugestão	O Ministério da Saúde deveria tomar medidas mais severas. (IE-Textos)	Man müsste in Salzburg etwas Langfristiges für den Nachwuchs tun. (S-Art-Soc)
Solicitação	<i>O senhor poderia quantificar isso?</i>	Könnten Sie das quantifizieren? (Z-Entrev)
Proposta	<i>"Karola", disse Öttl para Unterkircher, "em agosto, se o tempo estiver bom, nós poderíamos passear, né?"</i>	"Du Karola", sagte Öttl zu Unterkircher, "im August, wenn schönes Wetter ist, könnten wir mal wandern gehen, oder?" (Z-Art-Cult)

2b. PROBABILIDADE

Avaliação	<i>"Por um local desses", disse Berger satisfeito, a maioria dos paleontólogos cometeria um homicídio".</i>	"Für so einen Fundort", sagt Berger selig, " würden die meisten Paläontologen einen Mord begehen." (Z-Textos)
Suposição	<i>As altas temperaturas de verão assim como o ozônio de verão devem ter desorientado definitivamente o senhor Hoffmann-Ostenhof.</i>	Die hochsommerlichen Temperaturen sowie das Sommerozon dürften Herrn Hoffmann-Ostenhof nun endgültig die Sinne verwirrt haben. (Z-Art-Soc)
Hipótese	Seria a vitória do politicamente correto. (V-Art-Pol)	<i>Das wäre der Sieg des Politisch-Korrekten.</i>

Orações adverbiais

condicionais, comparativas, concessivas, finais, consecutivas e temporais	Se pudesse , viajaria de novo. (V-Not-Soc)	Wenn es keine Zoos gäbe , wäre es höchste Zeit, sie zu gründen. (Z-Textos)
--	---	--

Discurso Indireto

	Segundo eles, o cidadão <i>estacionaria</i> na vaga do ex-prefeito de Osasco.... (IE-Art-Pol)	Es <i>sei</i> nicht seine erste Entführung, antwortete er auf Pollaks Bitte, nicht zu rauchen. (Z-Art-AssInt)
--	---	---

Obs.: os exemplos em itálico são traduções dos exemplos originais em alemão ou em português.

Neste capítulo, foi introduzida a problemática envolvida na comparação do subjuntivo em alemão e português. Foram apresentados os critérios que permitiram a classificação do modo nas duas línguas e o resultado desta classificação, que levou ao levantamento de tipos de uso do modo subjuntivo no alemão e no português do Brasil. Após estas etapas, foi possível realizar uma primeira comparação entre os dois idiomas.

Em comparação com as sistematizações do subjuntivo feitas pelas gramáticas de alemão e português (2.2.1 e 2.2.2), a sistematização ora apresentada consegue reunir as informações necessárias para a compreensão dos usos do subjuntivo de maneira mais econômica. Ela ainda permite a comparação entre o alemão e o português.

Os parâmetros apresentados neste trabalho ainda não são definitivos. Entretanto, servirão de base para o desenvolvimento do estudo do emprego do modo subjuntivo nas orações subordinadas substantivas no alemão e no português do Brasil. Além disso, este trabalho já permitiu que se chegasse aos primeiros resultados da pesquisa.

4.1.4. Estatísticas

Utilizando um programa desenvolvido pelo Prof^o Dr^o Eckhard Bick, da Universidade do Sul da Dinamarca, foi possível analisar o *corpus* e chegar a estatísticas sobre a ocorrência do modo subjuntivo, considerando o tipo de texto em que aparecem e o tempo verbal.

A tabela abaixo apresenta as estatísticas. Na primeira coluna estão relacionados os tipos de texto do *corpus*. Na segunda, a porcentagem de ocorrências de subjuntivo/ *Konjunktiv* em cada tipo de texto sobre o total (por exemplo, do total de 100% de ocorrências de subjuntivo, 1,4% aparecem nos *Editoriais*, 5,4% nas *Cartas de Leitores*, e assim por diante). Nas últimas colunas tem-se a porcentagem de ocorrência de cada tempo verbal em cada tipo de texto (por exemplo, do total de 100% de ocorrências de subjuntivo dentro dos *Editoriais*, 41,6% é de ocorrências no presente, 25% no pretérito imperfeito e 33,4% no futuro).

Corpus em português

Tipo de texto	Porcentagem de ocorr. sobre o total	Ocorr. no presente	Ocorr. no imperfeito	Ocorr. no futuro
Editoriais	1,4%	41,6%	25%	33,4%
Cartas de leitores	5,4%	57,7%	24,5%	17,8%
Art-Assuntos internacionais	8,7%	65,3%	23,6%	11,1%
Art-Crônicas	0,4%	100%	0	0
Art-Cultura	8,1%	65,7%	23,9%	10,4%
Art-Economia	7,2%	53,3%	21,7%	25%
Art-Esporte	2,5%	28,6%	47,6%	23,8%
Art-Política e assuntos nacionais	13,5%	63,7%	25,6%	10,7%
Art-Sociedade e assuntos gerais	12,8%	56%	15,9%	28,1%
Not- Assuntos internacionais	0,2%	100%	0	0
Not-Economia	0,2%	50%	0	50%
Not-Política e assuntos nacionais	0,8%	33,3%	33,3%	33,4
Not-Sociedade e assuntos gerais	7,9%	66,7%	18,2%	15,1%
Dic-Cultura	4,8%	60%	32,5%	7,5%
Dic-Geral	3,3%	59,2%	3,7%	37,1%
Textos de divulgação científica	5,4%	71,1%	8,9%	20%
Entrevistas	17,6%	66,2%	13,8%	20%

Corpus em alemão

Tipo de texto	Porcentagem de ocorr. sobre o total	Ocorr. no presente	Ocorr. no imperfeito
Editoriais	0,6%	83,3%	16,7%
Cartas de leitores	2,9%	25%	75%
Art-Assuntos internacionais	11,3%	53,1%	46,9%
Art-Cultura	18,1%	50,7%	49,3%
Art-Economia	11,9%	49,2%	50,8%
Art-Esporte	0,9%	63,6%	36,4%
Art-Política e assuntos nacionais	18%	68,1%	31,9%
Art-Sociedade e assuntos gerais	5,5%	66,1%	33,9%
Not-Assuntos internacionais	0,2%	50%	50%
Not-Economia	0,8%	60%	40%
Not-Política e assuntos nacionais	1,2%	61,5%	38,5%
Not-Sociedade e assuntos gerais	2,2%	83,3%	16,7%
Dic-Cultura	3,3%	51,3%	48,7%
Dic-Geral	5,8%	19,6%	80,4%
Textos de divulgação científica	9,5%	50,9%	49,1%
Entrevistas	7,8%	46,1%	53,9%

Não vou me deter muito na análise destas estatísticas e tecerei apenas alguns comentários que considero mais importantes.

As estatísticas do português mostram que os tipos de textos em que há maior ocorrência de subjuntivo são os *Artigos*, exceto *Crônicas* e *Esporte*, e as *Entrevistas*. Este fato deve estar ligado, provavelmente, ao caráter mais profundo e argumentativo de tais textos. Nas *Notícias*, textos menores e menos profundos, há menor ocorrência de subjuntivo.

Com relação aos tempos verbais, pode-se perceber que, com exceção dos artigos sobre *Esporte*, em todos os outros tipos de texto o tempo que mais aparece é o presente do subjuntivo. Tal fato é compreensível, pois o presente é um tempo empregado em todos os tipos de subjuntivo, principalmente nas orações substantivas. Quanto à ocorrência do pretérito imperfeito e do futuro do subjuntivo não há muito o que dizer, pois eles ora ocorrem mais em um tipo de texto, ora em outro, ora estão equilibrados.

As estatísticas do alemão mostram que o *Konjunktiv* ocorre mais nos *Artigos*, exceto *Esporte*, nos *Textos de divulgação científica* e nas *Entrevistas*. Assim como em português, há uma menor ocorrência nas *Notícias*.

Fica claro que o tempo verbal de maior predominância é o presente, o que só pode estar ligado à grande ocorrência de casos de discurso indireto. Os únicos tipos de texto que não têm essa característica são as *Cartas de leitores* e as *Dicas Gerais*, provavelmente porque eles devem conter maior ocorrência de sugestões.

4.2. Análise das ocorrências de subjuntivo nas orações subordinadas substantivas do português

Na primeira comparação do modo subjuntivo em alemão e português (4.1), foram apresentados os principais verbos e expressões presentes na oração principal, que indicam DESEJO ou PROBABILIDADE e que determinam o uso do subjuntivo na oração subordinada substantiva introduzida pela conjunção *que*. Era necessário então confirmar se tal uso na subordinada era obrigatório, ou se poderia haver emprego de indicativo após tais verbos e expressões.

Para verificar esse fenômeno, busquei no *corpus* todas as ocorrências destes verbos e expressões e as analisei, chegando aos resultados apresentados a seguir.

4.2.1. Ocorrência dos modos subjuntivo e indicativo nas orações subordinadas substantivas

4.2.1.1. DESEJO nas orações substantivas

A análise dos verbos e das expressões que indicam DESEJO mostrou que praticamente todas eles pedem o uso do modo subjuntivo na oração subordinada substantiva. O modo indicativo foi encontrado apenas após os verbos *sugerir* e *determinar*, e após a expressão *o importante é que* como mostro na classificação abaixo:

4.2.1.1.1. Verbos e expressões de DESEJO + modo subjuntivo⁶

⁶ Os verbos e expressões estão organizados em ordem alfabética. Em parênteses aparece o número de ocorrências.

Os seguintes verbos, assim como as expressões deles derivadas, apareceram no *corpus* somente seguidas do modo subjuntivo na oração subordinada substantiva:

Adorar (1)

Adorariamos que só tivessem qualidades, mas estão cheios de defeitos. (IE-Entrev)

Deixar (1)

"Fui ingênuo nas últimas eleições e, agora, não vou deixar que me vinculem a minorias evangélicas", afirma. (V-Art-Pol)

Esperar (17)

Esperamos que se faça justiça e que sejam punidos os verdadeiros culpados. (IE-Cartas)

Como tanta gente, reparou que o irmão conseguira mexer a cabeça logo após o acidente, ficando com a esperança de que tivesse se salvado. (V-Art-Soc)

Mais de 70 empresas se pré-qualificaram ao leilão, embora a expectativa seja de que duas dezenas delas realmente tenham capacidade de abocanhar as 12 empresas. (IE-Art-Pol)

Evitar (9)

O candidato ao governo do Rio de Janeiro César Maia propõe um método desinfetante para evitar que mendigos durmam sob as marquises no centro da cidade: lavar as ruas com creolina. (IE-Not-Soc)

Uma infra-estrutura foi montada especialmente para os executivos das empresas com um sistema acústico que evita que se ouçam as conversas dos colegas nas salas vizinhas. (IE-Art-Pol)

Exigir (6)

E onde fica a ética da própria emissora que, em 1984, exigiu que a Manchete tirasse do ar Roberta Close, na época "entrevistadora" do Programa de Domingo, pelo mesmo motivo: a falta de diploma. (IE-Cartas)

Fazer questão de (1)

Além de construir catedrais, o diretor do Banco do Brasil faz questão de que ninguém fique sabendo. (V-Not-Soc)

Gostar (4)

O presidente da Fenasoft, Max Gonçalves Filho, não gosta nem um pouco que chamem seu evento de varejão da informática. (IE-Art-Econ)

Gostaria que o governo brasileiro se interessasse por essas crianças, pois o problema não pode ser resolvido só aqui. (IE-Entrev)

"a idéia é que" (1)

A idéia é que esse processo (de paz) não termine em desmobilização e desarmamento, mas que cada grupo continue a ser a autoridade e o Estado nas suas zonas de influência e mantenha suas armas como garantia", explicou Pablo Beltran, terceiro homem na

hierarquia do ELN, no final do encontro realizado num convento em Würzburg, na Alemanha. (IE-Art-AssInt)

Impedir (10)

Isso aumenta em muito a complexidade do nosso trabalho e quase impede que se façam análises muito criteriosas de um único país isoladamente. (IE-Entrev)

Salinger o processou e impediu que as publicasse. (IE-Art-Cult))

Implorar (1)

O Sudão implorou à ONU que enviasse inspetores ao local - um pedido solenemente ignorado. (V-Art-AssInt)

Lamentar (3)

Lamentamos que problemas pessoais possam estar maculando anos de esforços, pesquisas e empenho de profissionais qualificados. (IE-Cartas)

É lamentável que pela ganância de alguns aproveitadores, Mário Ottoboni e a diretoria da Apac de São José dos Campos tenham sua credibilidade afetada após 25 anos de trabalho sério, gratuito e competente. (IE-Cartas)

Mandar (2)

A seguir, mandou que as autoras Angélica Lopes e Sônia Rodrigues reescrevessem a história. (V-Art-Cult)

Pedir (5)

O que peço é que Zagallo nos deixe em paz. (IE-Cartas)

Pedi para que a empresa não desempregue alguns afilhados políticos que tinha indicado para cargos importantes na época em que a empresa era estatal. (V-Not-Soc)

Permitir (14)

A legislação brasileira permite que uma empresa registre a marca com o layout no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpi). (IE-Art-Econ)

A lentidão da Justiça em decidir sobre os pedidos dos procuradores permitiu que, durante o governo Fernando Henrique, o Banco Central promovesse a mais profunda reforma do sistema bancário da história recente do País com base numa série de mecanismos que jamais chegaram ao grande público. (IE-Art-Econ)

Preferir (1)

Enquanto Jarbas Vasconcelos prefere que FHC nem vá a Pernambuco para não causar constrangimentos aos aliados, no comitê de campanha essa proposta é considerada inviável por causa de o vice Marco Maciel ser pernambucano. (IE-Art-Pol)

Proibir (1)

A Alemanha proíbe que o comércio abra depois das 6 horas da tarde. (V-Art-Econ)

Propor (2)

A senhora vem propondo que o FMI tenha mais poder e recursos para ajudar os países em crise. (IE-Entrev)

Querer (17)

Dono de um humor cáustico, Hitchcock queria que Cary Grant escorregasse pelo nariz de Abraham Lincoln, se escondesse em uma de suas narinas e tivesse um acesso de espirro. (IE-Art-Cult)

O governo quer que o custo do socorro seja incorporado na dívida pública, o que faria o déficit subir de 28% para 42% do PIB. (IE-Art-Econ)

Ser bom/ melhor/ ideal/ absurdo/ errado (6)

Se existe mesmo efeito tequila, é bom que o governo brasileiro dê uma olhada no que está acontecendo no México. (IE-Art-Econ)

Melhor seria que o governo desapropriasse fazendas com plantação de maconha. (V-Art-Soc)

O ideal é que a mãe procure um médico quando ainda estiver na fase mais branda do problema”, diz o ginecologista Flávio Tannuri, do Rio de Janeiro. (V-Textos)

Sobre a reportagem “Ela também é um fenômeno” (ISTOÉ 1501), é um absurdo que a Globo contrate como “repórter” a namorada de Ronaldinho. (IE-Cartas)

Não há nada de errado em que um político faça amizade com um advogado endinheirado.
(V-Art-Pol)

Ser preciso/ necessário (1)

É preciso que os aproveitadores que prometem o céu possam ser punidos com justiça e se possível com cadeia. (IE-Cartas)

Em geral, para ser aprovada, é necessário que uma droga tenha, no mínimo, 40% de eficácia acima do placebo. (IE-Textos)

4.2.1.1.2. Verbos e expressões de DESEJO + modo subjuntivo ou modo indicativo

Determinar

O verbo *determinar* exige o modo subjuntivo na subordinada substantiva, como mostram as duas primeiras ocorrências. Na última, tem o sentido de “decidir”, não expressando, portanto, DESEJO. Isto explica uso do modo indicativo ao invés do subjuntivo.

+ subjuntivo (3)

Orientou os dois grupos a parar de brigar e determinou que se entendam. (IE-Not-Pol)

Preocupado com a repercussão que poderia ter na Justiça Eleitoral, o secretário de Comunicação da Presidência, Sérgio Amaral, determinou que o NBR, o canal a cabo da Radiobrás, suspendesse as transmissões das solenidades em que comparece o presidente Fernando Henrique. (IE-Art-Pol)

+ indicativo (1)

O chefe do banco central mexicano e ex-ministro das Finanças, Guillermo Ortiz, e o executivo Eduardo Fernandez, uma espécie de diretor de normas do banco central, podem enfrentar um processo de impeachment se os parlamentares determinarem que os dois agiram indevidamente na condução do Fobaproa. (IE-Art-Econ)

“O importante é que”

No primeiro exemplo, a expressão “o importante é que” indica o DESEJO de que algo aconteça, exigindo o uso do subjuntivo. No segundo, a expressão se refere a um fato, expresso na oração subordinada com o modo indicativo.

+ subjuntivo (1)

O importante é que ele consiga um patrocínio. (V-Art-AssInt)

+ indicativo (1)

O importante é que ela está recuperada. (IE-Entrev)

Sugerir

Também com o verbo *sugerir*, quando não há DESEJO expresso, ocorre o uso do modo indicativo.

+ subjuntivo (2)

Sugerimos que seus dirigentes sejam ouvidos para que o leitor possa tirar suas conclusões. (IE-Cartas)

+ indicativo (1)

Não havia dinheiro real envolvido na operação, mas os créditos eram lançados como bons nos balanços, sugerindo que o banco estava cada vez mais sólido. (IE-Art-Econ)

4.2.1.2. PROBABILIDADE nas orações substantivas

A maioria dos verbos e das expressões que indicam PROBABILIDADE pedem o uso do modo subjuntivo na oração subordinada substantiva. Entretanto, em comparação com os verbos e expressões que indicam DESEJO, foram encontradas mais ocorrências de indicativo com PROBABILIDADE. Em alguns casos, o subjuntivo ocorre somente quando há negação; em outros, o indicativo aparece no lugar do subjuntivo quando há alta probabilidade; e após certos verbos e expressões ambos os modos podem ser usados.

4.2.1.2.1. Verbos e expressões de PROBABILIDADE + modo subjuntivo

A pesquisa no *corpus* mostrou que, após os seguintes verbos e expressões deles derivadas, é usado somente o modo subjuntivo na oração subordinada substantiva:

Haver/existir/ter hipótese (1)

Sempre existe a hipótese de que ele tenha enfiado a mão no armário e pego uma gravata qualquer, esquecido da sua origem. Outra possibilidade, mais excitante: ele continua louco porônica e usou a gravata como símbolo secreto da paixão impossível. (V-Art-Soc)

“não que” (1)

Não que seja impossível. (V-Not-Soc)

Negar (1)

Com a sua própria assinatura na maioria dos contratos firmados na década de 70, quando era diretor-geral da Ruralminas, o atual presidente Aluizio Fantini classifica como antiético o comportamento das reflorestadoras e nega que a estatal tenha privilegiado as empresas. (IE-Art-Pol)

Ser curioso/ ser estranho (3)

O estranho não é que Matt Drudge, seu autor, divulgue uma coisa dessas e continue na ativa – mas sim que a pergunta sobre a intimidade mais absoluta do presidente dos Estados Unidos realmente tenha sido feita num tribunal, diante de 23 jurados. (V-Art-Soc)

Acha curioso que um assunto como a impotência, tão mal resolvido entre quatro paredes, tenha se tornado, após o lançamento da pílula azul, um tema trivial das rodinhas masculinas nas mesas de bar. (IE-Entrev)

Ser natural/ ser comum/ ser inevitável (4)

“Como o Proer aceita título podre, é natural que os pagamentos em dinheiro sejam minoria”, acusa o deputado federal Enio Bacci (PDT-RS). (IE-Art-Econ)

Se houvesse telefone naquele tempo, e se do outro lado da linha estivesse Giotto, o grande mestre das madonas e dos santos dos anos 1300, ele acharia natural que lhe perguntassem: “Giotto de onde?” (V-Art-Cult)

Em todas as eleições, é comum que a estréia do programa do partido na TV seja seguida de reclamações das “bases” petistas. (V-Art-Pol)

É inevitável que os problemas da Internet comecem a fazer parte do dia-a-dia das pessoas. (V-Entrev))

Ser possível/ “pode ser” (11)

Apesar de a Justiça brasileira ser lenta, é possível que daqui a um mês o PFL não esteja mais coligado com o PPB. (IE-Entrev)

E como é possível que ninguém ainda tenha analisado o significado fálico da gravata (para não mencionar o dos mísseis usados no ataque a afegãos e sudaneses)? (V-Art-Soc)

Não está descartada a possibilidade de que todas as vítimas tenham sido assassinadas em outro lugar e deixadas no parque. (IE-Not-Soc)

Pode ser que elas ainda demorem a desaparecer, mas estão com os dias contados. (V-Art-Soc)

Ser provável (6)

Mas é pouco provável que o programa consiga reverter este sentimento, por mais elaborado que seja o trabalho. (IE-Editoriais)

É provável que não tenham sido causadas só pelo medicamento, mas pela desinformação de que ele combinado com drogas que dilatam os vasos sanguíneos poderia ser fatal. (IE-Textos)

É muito provável que Cabral, membro da Ordem de Cristo, jamais tivesse navegado. (IE-Dic-Cult)

Supor (1)

Em outras palavras, supondo que o leitor desejasse doar seu acervo de livros para consulta pública, teria de informar-se no Ministério da Cultura a respeito dos projetos cadastrados envolvendo bibliotecas, submeter seus livros a uma avaliação idônea e assim por diante, até finalmente receber seu “recibo de mecenato”.(IE-Art-Cult))

Temer/ ter medo de (7)

Teme-se assim que outros corpos apareçam no parque caso ele seja apenas um local de desova. (IE-Not-Soc)

Em 1977, como chefe do Partido Comunista em Sverdlovsk (Ekaterimburgo), Yeltsin mandou demolir a casa Ipatiev, porque temia que o local virasse um centro de peregrinação para nostálgicos da dinastia Romanov. (IE-Art-AssInt)

Eu sempre tenho medo de que a pessoa esteja me olhando porque me conhece de televisão e não por outros motivos. (IE-Entrev)

A atual onda de fusões, que produz conglomerados planetários, tem gerado outro tipo de temor, o de que as megaempresas resultantes acabem mais poderosas que os próprios países. (IE-Entrev)

Mas, temeroso que se repita com ele a perda de importância política de alguns ex-dirigentes sindicais, Medeiros não vai ter sucessor. (V-Not-Soc)

“A tendência é que”/ “a previsão é de que” (6)

Na sua opinião, a tendência é que a ciência passe a classificar todo tipo de impotência como uma disfunção biológica? (IE-Entrev)

Nas contas do Ministério das Comunicações, a previsão é de que o número de linhas fixas chegue a 50 milhões, enquanto o total de telefones móveis alcance o nível de 26 milhões nos próximos dez anos. (IE-Art-Pol)

4.2.1.2.2. Verbos e expressões de PROBABILIDADE + modo subjuntivo ou modo indicativo

A pesquisa no *corpus* demonstrou que, após os seguintes verbos e expressões, o subjuntivo somente é usado na oração subordinada substantiva, quando há algum elemento de **negação** na oração principal.

Achar

+ subjuntivo (3)

*“Não acho que a violência possa ser uma forma de entretenimento”, costumava dizer.
(IE-Not-Soc)*

Mas não acho que isso seja danoso. (IE-Entrev)

+ indicativo (2)

Como boa parte dos eleitores acha que FHC é “arrogante” ou “distante dos pobres”, o gesto de humildade caiu muito bem, obrigado. (V-Art-Pol)

Ele acha que os compromissos marcados pelos seus patrocinadores impediram que ele fosse um craque em Brasília. (V-Not-Soc)

Afirmar

+ subjuntivo (1)

Há casos raros em que a convulsão por epilepsia acontece apenas uma vez, mas não estou afirmando que ele tenha isso. (IE-Entrev)

+ indicativo (3)

Livro afirma que Dubcek foi morto por agentes da KGB. (V-Art-AssInt)

Haver/ existir/ ter certeza/ evidência

+ subjuntivo (2)

A taxa de desemprego chegou a 8% e não há certeza de que vá cair no futuro. (V-Art-Econ)

Provou-se que não existe nenhuma evidência de que adoçantes à base de sacarina ou aspartame causem câncer em humanos. (V-Textos)

+ indicativo (2)

Temos certeza de que haverá uma melhora sensível, pela experiência adquirida e pelos novos recursos disponíveis. (V-Cartas)

Querer dizer

+ subjuntivo (1)

Isso não quer dizer que se deva trocar os alimentos feitos em casa pelos industrializados. (V-Textos)

+ indicativo (1)

O que quer dizer que as gôndolas são abastecidas todo dia com 4 milhões de latas e pacotes. (V-Art-Econ)

Ser verdade

+ subjuntivo (1)

Não é verdade que eu tenha chorado. (IE-Entrev)

+ indicativo (1)

É verdade que existem acampamentos de sem-terras no “polígono da maconha”, no sertão pernambucano. (V-Art-Pol)

Significar

+subjuntivo (2)

Quando se diz que todo remédio tem um potencial de risco não significa que todo mundo que toma uma Neosaldina (que contém a mesma substância da Novalgina, a dipirona) tenha o sistema imunológico debilitado. (IE-Textos)

Isso não significa que qualquer aparelho comprado no exterior possa ser usado sem problemas. (V-Dic-Geral)

+indicativo (1)

Isso significa que há pelo menos 5,8 milhões de brasileiros que, embora procurem trabalho, não encontram. (V-Art-Pol)

Duvidar

O verbo *dividar* e as expressões deles derivadas (*dívida*, *dividoso*), pedem o uso do subjuntivo. Entretanto, quando há algum elemento que negue ou que diminua a dúvida, aumentando a probabilidade expressa, é usado o modo indicativo ao invés do subjuntivo:

+ subjuntivo (3)

Eu divido que numa próxima eleição o PFL faça uma coligação. (IE-Entrev)

Mais: paira sobre a pilula a dívida de que ela possa ter contribuído para a morte de 30 usuários. (IE-Textos)

Também é dividido que se enquadre na categoria de “grande político” contemplada por Ortega y Gasset. (IE-Not-Soc)

+ indicativo (4)

Não tenho dívidas de que era verdade.” (IE-Entrev)

Adquiri uma liberdade que nunca tive, mas não tenho a menor dúvida de que isso aconteceu. (IE-Entrev)

A história oficial soviética dizia que a decisão partiu do comitê local dos Urais, mas hoje restam poucas dívidas de que ela teve o chamegão do próprio Lênin, o líder da Revolução Bolchevique de 1917. (IE-Art-AssInt)

Pouca gente duvida de que o DNA das duas amostras vai formar um conjunto igualzinho. (V-Art-AssInt)

Imaginar

Com o verbo *imaginar* o subjuntivo ocorre quando há elementos que reforcem a idéia de dúvida, diminuindo a probabilidade. Nos casos em que não há elementos assim, é usado o modo indicativo, como mostram os exemplos extraídos do *corpus*, respectivamente:

+ subjuntivo (4)

“É difícil imaginar que tais acontecimentos tenham tido sede no seio da autarquia que exerce as funções de autoridade monetária nacional. (IE-Art-Econ)

Ninguém imagina que a oposição possa tomar decisões de governo fora do poder. (V-Art-Soc)

O desespero da menina, que tentava fugir pela segunda vez, gerou processos judiciais contra o pai e o tio-marido e jogou luz sobre uma prática que pouca gente imagina que ainda tivesse adeptos no mundo ocidental. (V-Art-Soc)

+ indicativo (4)

A embaixatriz imaginou que o problema era excesso de velocidade. (IE-Not-Pol)

Se ele está fazendo isso com alguém que era seu aliado, antes das eleições, imagine o que ele não vai fazer com o povo depois das eleições. (IE-Entrev)

O sr. Imagina que Maluf tem quanto do partido? (IE-Entrev)

Imagina o que é estar lá em cima e de repente ninguém mais ligar para você. (IE-Entrev)

Acreditar

Foi possível constatar por meio da análise do *corpus* que o verbo *acreditar*, quando negado ou restrito, pede sempre o uso do subjuntivo, como ilustram os exemplos. A busca no *corpus* mostrou também que, quando afirmado, o verbo *acreditar* pode ser seguido tanto de subjuntivo, quanto de indicativo. Com o subjuntivo, entretanto, só foram encontradas ocorrências referentes a fatos presentes ou futuros. Com indicativo, há um número maior de ocorrências, e elas se referem a fatos passados, presentes e futuros:

+ subjuntivo (9)

Creio que aquele que mais sentiu foi, sem dúvida, o Ronaldinho, mas não acredito que a carreira dele seja prejudicada por esta experiência infeliz, em que sua saúde foi afetada. (IE-Art-Esp)

Não acreditamos que a solidez da instituição possa ruir pela falha moral e criminosa de alguns. (IE-Cartas)

Não acredito que os super-ricos realmente aceitem que são membros de um projeto comum de Brasil. (IE-Entrev)

O marido de Nilza não acreditou que ela estivesse doente e o casamento acabou. (V-Art-Soc)

Mas não acredito que ele seja uma evolução do banco central americano e nem acho que isso ocorra num prazo menor do que uns cinquenta, sessenta anos. (IE-Entrev)

Difícil acreditar que tantos americanos sejam impotentes. (IE-Entrev)

E o obstáculo pode ser maior: mais da metade da população, assim como a Aliança de oposição – formada pela União Cívica Radical e pela Frepaso –, acredita que Menem possa estar apenas blefando. (IE-Art-AssInt)

Wim Degrave acredita que até dezembro todos os genes estejam mapeados. (IE-Textos)

Acredito que tais efeitos positivos superem os riscos da contaminação imediata por crises distantes. (IE-Entrev)

+ indicativo (8)

A libertação de Abiola, de 60 anos de idade, já estava sendo negociada com o homem forte do país, o general Abdulsalam Abubakar, e acredita-se que estava prestes a acontecer. (IE-Art-AssInt)

Mesmo assim, Carlos Manga, diretor de criação da Globo, acredita que a emissora tentou inovar. (IE-Art-Cult)

Mesmo com a isenção de impostos, o prefeito Newton Puppi (PFL) acredita que o futuro econômico da região está garantido para as próximas décadas. (IE-Art-Econ)

Os federais, que tiveram Chelotti como líder sindical até 1995, acreditam que os procuradores já têm até um nome para substituí-lo na direção geral da PF... (IE-Art-Pol)

Ele vive seu personagem com tanta garra que acabamos acreditando que Katadreuffe é mesmo capaz de qualquer proeza. (V-Dic-Cult)

O partido de Lula acredita que, com um crescimento econômico de 6% ao ano — três vezes o previsto para 1998 —, seria possível estimular o emprego com políticas voltadas principalmente para o campo. (V-Art-Pol)

Acredito que nunca vai haver homogeneidade nessas abordagens. (V-Entrev)

Estimar

Finalmente, com o verbo *estimar* foram encontradas ocorrências tanto com subjuntivo quanto com indicativo. É possível notar, somente, que há mais ocorrências de subjuntivo do que de indicativo:

+ subjuntivo (8)

Estima-se que os negócios tenham rendido aos líderes algo em torno de R\$ 1,6 milhão. (IE-Not-Soc)

Estima-se que passem por Chek Lap Kok cerca de 35 milhões de passageiros por ano. (IE-Not-Soc)

Estima-se que na cidade de São Paulo vivam 300 mil portadores, além de 200 mil no Rio. (IE-Textos)

Dos cerca de 250 mil que vivem no Japão, o Ministério do Trabalho japonês estima que de 12 a 17 mil estejam desempregados. (IE-Entrev)

Estima-se que 40.000 americanos vivam em famílias poligâmicas em Utah, o equivalente a 2% da população do Estado. (V-Art-Soc)

O faturamento do ano passado foi de R\$ 70 milhões, mas para este ano estima-se que chegue perto do dobro. (IE-Not-Pol)

Estima-se que a demanda seja equivalente a 20 milhões de linhas. (IE-Art-Pol)

Estima-se que no final de 1999, depois de uma ampla reforma no estúdio, a Vera Cruz tenha capacidade para lançar até trinta filmes por ano. (V-Not-Soc)

+ indicativo (5)

Dos quase 260 mil brasileiros descendentes de japoneses que moram no Japão, estima-se que três mil perderam seus empregos quando a crise asiática fez as fábricas demitirem os operários menos qualificados. (IE-Entrev)

Posada estima que recebeu de Canosa mais de US\$ 200 mil. (IE-Art-AssInt)

Estima-se que 80% da madeira beneficiada nas serrarias da Amazônia foi cortada de modo irregular. (IE-Art-Pol)

A indústria fonográfica estima que 15 milhões de CDs falsos serão despejados no mercado brasileiro este ano, causando perdas de R\$ 250 milhões aos fabricantes. (IE-Not-Econ)

Estima que embolsará, no total, R\$ 14 mil. (IE-Art-Pol)

A tabela seguinte resume o acima exposto, apresentando os verbos e expressões presentes na oração principal, que determinam o uso do subjuntivo (e, às vezes, também o do indicativo) na oração subordinada substantiva:

ORACÃO PRINCIPAL Verbos e expressões de DESEJO	ORACÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA	
	Nº de ocorrências com subjuntivo	Nº de ocorrências com indicativo
<i>Adorar</i>	1	-
<i>Deixar</i>	1	-
<i>Determinar</i>	3	1
<i>Esperar</i>	17	-
<i>Evitar</i>	9	-
<i>Exigir</i>	6	-
<i>Fazer questão de</i>	1	-
<i>Gostar</i>	4	-
<i>“a idéia é que”</i>	1	-
<i>Impedir</i>	10	-
<i>Implorar</i>	1	-
<i>“o importante é que”</i>	1	1
<i>Lamentar</i>	3	-
<i>Mandar</i>	2	-
<i>Pedir</i>	5	-
<i>Permitir</i>	14	-
<i>Preferir</i>	1	-
<i>Proibir</i>	1	-
<i>Propor</i>	2	-
<i>Querer</i>	17	-
<i>Ser bom/ melhor/ ideal/ absurdo/ errado</i>	6	-
<i>Ser preciso/ necessário</i>	1	-
<i>Sugerir</i>	2	1

ORAÇÃO PRINCIPAL	ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA	
	Nº de ocorrências com subjuntivo	Nº de ocorrências com indicativo
Verbos e expressões de PROBABILIDADE		
<i>Achar</i>	3	2
<i>Acreditar</i>	9	8
<i>Afirmar</i>	1	3
<i>Duvidar</i>	3	4
<i>Estimar</i>	8	5
<i>Haver/ existir/ ter certeza evidência</i>	2	2
<i>Haver/ existir/ ter hipótese</i>	1	-
<i>Imaginar</i>	4	4
<i>“não que”</i>	1	-
<i>Negar</i>	1	-
<i>Querer dizer</i>	1	1
<i>Ser curioso/ estranho</i>	3	-
<i>Ser natural/ ser comum/ ser inevitável</i>	4	-
<i>Ser possível/ “pode ser”</i>	11	-
<i>Ser provável</i>	6	-
<i>Ser verdade</i>	1	1
<i>Significar</i>	2	1
<i>Supor</i>	1	-
<i>Temer/ ter medo de</i>	7	-
<i>“A tendência é que”/ “a previsão é de que”</i>	6	-

4.2.2. Ocorrência de tempos verbais

Os tempos verbais do subjuntivo que podem ocorrer nas orações subordinadas substantivas são: presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito.

A tabela a seguir apresenta os possíveis tempos verbais da oração principal e da subordinada substantiva:

Tempo da oração principal	Tempo da oração subordinada substantiva	Exemplo
Pres Ind	Pres Subj	<i>A Alemanha proíbe que o comércio abra depois das 6 horas da tarde. (V-Art-Econ)</i>
Pret Perf Ind	Pres Subj	<i>Pediu para que a empresa não desempregue alguns afilhados políticos que tinha indicado para cargos importantes na época em que a empresa era estatal. (V-Not-Soc)</i>
Fut Ind	Pres Subj	<i>Ela permitirá que o produto chegue.*</i>
Pres Ind	Pret Perf Subj	<i>Estima-se que os negócios tenham rendido aos líderes algo em torno de R\$ 1,6 milhão. (IE-Not-Soc)</i>
Pret Perf Ind	Pret Imperf Subj	<i>O Sudão implorou à ONU que enviasse inspetores ao local – um pedido solenemente ignorado. (V-Art-AssInt)</i>
Pret Imperf Ind	Pret Imperf Subj	<i>Dono de um humor cáustico, Hitchcock queria que Cary Grant escorregasse pelo nariz de Abraham Lincoln, se escondesse em uma de suas narinas e tivesse um acesso de espirro. (IE-Art-Cult)</i>

Fut Pret Ind	Pret Imperf Subj	<i>Gostaria que o governo brasileiro se interessasse por essas crianças, pois o problema não pode ser resolvido só aqui. (IE-Entrev)</i>
Pres Ind	Pret + q Perf Subj	<i>É muito provável que Cabral, membro da Ordem de Cristo, jamais tivesse navegado. (IE-Dic-Cult)</i>
Pret Perf Ind	Pret + q Perf Subj	<i>Como tanta gente, reparou que o irmão conseguira mexer a cabeça logo após o acidente, ficando com a esperança de que tivesse se salvado. (V-Art-Soc)</i>
Pret Imperf Ind	Pret + q Perf Subj	<i>Ele esperava que ela tivesse feito mais.*</i>
Fut Pret Ind	Pret + q Perf Subj	<i>Seria melhor que ele tivesse feito a prova ontem.*</i>

* Exemplos criados.

Legendas:

Pres Ind = presente do indicativo

Pret Perf Ind = pretérito perfeito do indicativo

Pret Imperf Ind = pretérito imperfeito do indicativo

Fut Ind = futuro do indicativo

Fut Pret Ind = futuro do pretérito do indicativo

Pres Subj = presente do subjuntivo

Pret Perf Subj = pretérito perfeito do subjuntivo

Pret Imperf Subj = pretérito imperfeito do subjuntivo

Pret + q Perf Subj = pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo

4.3. Análise das ocorrências de subjuntivo nas orações subordinadas substantivas do alemão

Assim como em português, reuni as ocorrências de *Konjunktiv* em orações subordinadas substantivas, a fim de analisar o emprego do modo neste contexto em alemão. Diferentemente do português, em alemão não foi possível analisar as ocorrências de acordo com as categorias DESEJO e PROBABILIDADE, pois não são elas que determinam o emprego do *Konjunktiv* na oração substantiva.

Nas orações subordinadas substantivas do alemão, o fenômeno que determina o uso do *Konjunktiv* é basicamente o discurso indireto. Há pouquíssimas ocorrências de *Konjunktiv* fora do âmbito do discurso indireto.

4.3.1. O *Konjunktiv* dentro do âmbito do discurso indireto

Das 170 ocorrências de *Konjunktiv* em orações substantivas, 159 são de discurso indireto. Na análise de tais ocorrências, pude levantar estatísticas com relação ao emprego do *Konjunktiv* no discurso indireto, que confirmam aquelas apresentadas por DUDEN (1998), a saber:

- o *Konjunktiv I* é o modo normal do discurso indireto; 87,5% das dos verbos são empregados no *Konjunktiv I*;
- nem todos os verbos são empregados no *Konjunktiv*, 60% das formas de *Konjunktiv* ocorrem com os verbos *sein*, *haben* e *werden*; 20% com verbos modais e os 20% restantes com outros verbos;
- em mais de 90% das ocorrências o verbo é conjugado na 3ª pessoa;

Pude constatar também que mais de 50% das ocorrências não são introduzidas pela conjunção *dass*, e possuem a oração principal posposta ou intercalada, como no seguinte exemplo:

"Ein solides Geschäft" sei das, sagt Andreas Kühner, Sprecher der Vermarktungsfirma IP, die für die Sender RTL, RTL 2 und Super RTL die Werbezeit verkauft. (S-Art-Econ)

O uso de *Konjunktiv II* e da forma com *würde* é também restrito no discurso indireto, ao menos na língua escrita. Apenas 12% das ocorrências estão no *Konjunktiv II*. Na língua falada, todavia, o *Konjunktiv I* é visto como hiper-correção; trata-se de uma forma de prestígio, e é normalmente substituído pelo *Konjunktiv II* (GLÜCK/ SAUER, 1990; BAUSCH, 1989). Segundo BRAUN (1998), o *Konjunktiv* como marca do discurso indireto é um fenômeno lingüístico muito importante atualmente, principalmente na linguagem da imprensa., pois permite identificar a oposição entre as afirmações do locutor e as de outrem.

Reuni também a lista dos verbos da oração principal, que indicam discurso indireto, e o seu número de ocorrências. Apresento agora esta lista, em ordem alfabética, com o número de ocorrências em parênteses e exemplos:

Argumentieren (2)

Bei Großprojekten, so argumentierte Holzmann-Chef Lothar Mayer, hätten beide Konzerne zusammen einen Marktanteil von über vierzig Prozent. (Z-Art-Econ)

Aussagen (1)

Am 6. Oktober fährt Barschel in den Urlaub, einen Tag später kippt die Stimmung endgültig: Finanzminister Roger Asmussen sagt vor dem Ausschuß aus, dass sich Barschel im Februar nach der Steueranzeige gegen Engholm erkundigt habe - in seiner Ehrenwort-Pressekonferenz hatte Barschel geleugnet, je etwas von einer Steueranzeige gewußt zu haben. (Z-Art-Pol)

Befehlen (1)

Der Herzog hatte im Feldzug gegen Frankreich 1792/93 etwas über angeblich revolutionsfreundliche Vorlesungen Hufelands gehört und befahl verärgert, Hufeland solle bei "seinen Leisten" bleiben statt "Regenten neu erfundene Pflichten einzuschärfen".(Z-Art-Cult)

Befinden (1)

Vizepremier John Prescott befand vorige Woche, der Indiskretin Whelan sei "das Krebsgeschwür im Herzen des Ganzen".(S-Art-AssInt)

Befürchten (1)

Denn mit eben derselben Berechtigung könnte ein Mitbewerber um die beste Neujahrsansprache befürchten, es wäre "längst" fünf vor zwölf "vorbei", ja "mehr als". (S-Art-AssInt)

Behaupten (7)

Pfeiffer behauptete, Barschel habe ihn am Vortag aufgefordert, eine Wanze zu besorgen.(Z-Art-Pol)

Bekräftigen (1)

Am 25. Mai dieses Jahres bekräftigte Brandenberger, dass Barschel das Cyclobarbitol nicht selbst eingenommen haben könne.(Z-Art-Pol)

Berichten (5)

China werde - "aber vorsichtig" - auf den Euro umschichten, berichtete der Ökonom Mingqi Xu aus Schanghai auf einer Euro-Konferenz in Luxemburg im vergangenen Dezember.(S-Art-AssInt)

Beschließen (1)

Daraufhin sei beschlossen worden, dass Barschel ausgeschaltet werden solle.(Z-Art-Pol)

Bestätigen (1)

Auch Michail Gorbatschow und der damalige UdSSR-Botschafter in der DDR, Wjatscheslaw Kotschemassow, bestätigten, Krenz habe, anders als Honecker, Gewalt abgelehnt.(S-Art-Pol)

Bestreiten (1)

Einer aus Delors' nächster Umgebung bestreitet, dass er autoritär sei: "Nein, er ist ein strenger Lehrer mit großem pädagogischem Talent, und er wünscht, dass seine Schüler Bestleistungen bringen." (S-Art-Soc)

Betonen (3)

Beim Abschlußbankett, fünf Wochen vor Fall der Mauer, betonte er, die DDR nehme "im Herzen Europas ihre Verantwortung im Kampf für Frieden und Sozialismus zuverlässig wahr", und lobte die "Kampfgemeinschaft zwischen SED und KP Chinas".(S-Art-Pol)

Bewähren (1)

Wende hat sich in der neueren Geschichte schon so oft bewährt, dass es fahrlässig wäre, die Zeiten von ihr auszunehmen.(Z-Art-Pol)

Bezweifeln (1)

Der Münchener Toxikologe Professor Ludwig von Meyer bezweifelt, dass es überhaupt möglich sei, gesicherte Aussagen über die Reihenfolge der Einnahme der Medikamente zu machen.(Z-Art-Pol)

Denken (1)

Erst dachten die Ausländer, der Chinese sei übergeschnappt.(S-Textos)

Drohen (2)

Doch drohte er, die Genossen müßten "damit rechnen, dass ich wieder im Türrahmen stehe".(S-Art-Pol)

Einräumen (1)

Die Filetstücke, räumt TLG-Chef Günter Himstedt ein, seien längst verkauft. (Z-Art-Econ)

Entscheiden (1)

Solange die USA für eine Mission zahlten, entschied der Kongreß in Washington, solle "die Flagge der Vereinigten Staaten, und nur sie, auf der Oberfläche des Mondes oder irgendeines Planeten verankert" werden.(S-Textos)

Erfahren (2)

Nachdem die Kinder von verschiedenen Filialen erfuhren, dass der getrennt gesammelte Müll regelmäßig von einer Recyclingfirma abgeholt werde, suchten sie kurzerhand diese Firma auf.(Z-Art-Soc)

Ergänzen (1)

Und das neugegründete Militärforschungsinstitut Rand in Kalifornien ergänzte, dass das erste Land, welches einen künstlichen Mond startete, die "Führungsmacht der Welt in militärischer wie in wissenschaftlicher Hinsicht" sein werde.(S-Textos)

Erkennen (1)

Es war der Parteifunktionär Mandelson, der als erster erkannt hatte, dass Blair der richtige Mann sei, um neue Wählerschichten zu gewinnen.(S-Art-AssInt)

Erklären (8)

Man stehe längst mitten im Leben, erklärte ihr ein Kreisvorsitzender, um gleich darauf zu klagen, dass sich nur ein einziger Kandidat fürs Landratsamt gefunden habe: der Chef der örtlichen Senioren-Union, ein Herr von 70 Jahren.(S-Art-Pol)

Erläutern (3)

Krenz erläuterte damals in den ARD-"Tagesthemen", in Peking sei "etwas getan worden, um Ordnung wiederherzustellen.(S-Art-Pol)

Eröffnen (1)

-dem Tokioter U-Bahn-Fahrgast Katsuo Katugoru, dessen Unterhose sich im Rushhour-Gedränge ballonartig zu blähen begann - erst barsten die Nähte seiner Anzughose, dann die Rippen zweier Mitpassagiere, denen Herr Katugoru höflich eröffnete, es handle sich um eine bedauerliche Fehlzündung seiner preßluftbetriebenen Erfindung gegen erdbebenbedingte Flutwellen; (S-Textos)

Erwarten (1)

Auch in Rußland, erwartet der Moskauer Wissenschaftler Andrej Kortunow, werde "der Euro wahrscheinlich den Dollar ersetzen", wenn sich Staat und Rubel wieder etwas stabilisiert hätten.(S-Art-AssInt)

Erweisen (1)

So hatte die Postbank AG erst unter Androhung einer Enteignung das ehemalige Postscheckamt, Baujahr 1913, dem Bund überlassen. Stichproben erwiesen, dass die Bausubstanz halbwegs in Ordnung sei.(S-Art-Pol)

Fabeln (1)

Im Raumfahrtzeitalter, fabelt der britische Wissenschaftsautor Arthur C. Clarke, kehre der Homo sapiens zu seinem angestammten Nomadendasein zurück, gleichsam als "Zigeuner, der im atomar betriebenen Wohnwagen durch die Himmelswüsten von Oase zu Oase zieht".(S-Textos)

Finden (1)

Vor kurzem fand das reparierte Hubble Teleskop, dass das Universum möglicherweise jünger als manche Sterne sei, und stellte damit die konventionelle Urknalltheorie in Frage (siehe ZEIT Nr. 45).(Z-Textos)

Fürchten (1)

Krasse Unterschiede in den Prognosen gibt es deshalb 1995 nicht, sieht man vom DIW einmal ab: Die Berliner fürchten, dass der Aufschwung wegen steigender Zinsen schon Ende nächsten Jahres zum Erliegen kommen könnte.(Z-Art-Econ)

Glauben (7)

Was sie dort hinauftreibe, glaubte der US-Astronom Carl Sagan, sei letztlich ein genetisches Erbe aus der Steinzeit.(S-Textos)

Halten für (1)

SPIEGEL: Ehemalige Profis wie McEnroe halten es für die Schwäche der ATP-Tour, dass es keine Typen mehr gebe, weil sich niemand mehr Emotionen leiste.(S-Entrev)

Heißen (6)

Die Künstlerin sei, heißt es in der Begründung unter anderem, während ihres Musikstudiums in Weimar einige Male in Rudolstadt gewesen.(S-Art-Pol)

Herumsprechen (1)

Es hatte sich unter intellektuell angehauchten Gymnasiasten herumgesprochen, dass dieser Film Wahrheit und Wunderwerk sei.(Z-Art-Cult)

Hinweisen (1)

Nach etwas europäischer Krimiküche verabschiedet sich der Autor, nicht ohne noch einmal auf die Plätzchen und darauf hinzuweisen, dass man für die meisten seiner Gerichte die erforderlichen Zutaten an Ort und Stelle erstehen könne.(Z-Art-Cult)

Hoffen (1)

Andererseits ließen die Rechnungen der Kernphysiker hoffen, dass irgendwo im Meer der immer rascher zerfallenden künstlichen Elemente "Inseln der Stabilität" zu finden seien, langlebige schwere Kerne, die es im Universum vermutlich niemals gab. (Z-Textos)

Klagen (3)

Jahrelang habe er die Werke im Schrank verstecken müssen, klagte der Tycoon von Las Vegas, weil seine Frau die Bilder nicht ausstehen könne. (S-Editoriais)

Kritisieren (1)

SPIEGEL: Selbst Ihr Sohn Juwal, der in der Friedensbewegung Dor Schalom aktiv ist, kritisierte, die Arbeitspartei unter Führung von Ehud Barak sei keine echte Alternative.(S-Entrev)

Leugnen (1)

Zwar läßt der inzwischen abgetauchte Whelan leugnen, dass er für das Leck verantwortlich sei.(S-Art-AssInt)

Meinen (9)

Schröder, meinte er artig, könne gewiß die "Kräfte binden, die wir nötig haben werden", er werde "Menschen zusammenführen".(S-Art-Cult)

Mitteilen (1)

Im abgelaufenen Jahr, teilte der neue Bildungsminister Jürgen Rüttgers dieser Tage mit, sei die "Versorgung der Jugendlichen mit Ausbildungsplätzen gelungen".(Z-Art-Econ)

Nachsagen (1)

Kein Mensch wird Ihnen je nachsagen, Sie wüßten nicht, dass man nicht abstrakt handeln könne, weil "handeln" das Konkrete quasi einschlosse.(Z-Art-Pol)

Prahlen (1)

Danach flogen die Diplomaten wieder heim, und er konnte vor seiner Bevölkerung prahlen, er habe den westlichen Politikern eine Lektion erteilt.(S-Entrev)

Prophezeien (1)

Der französische Sozialphilosoph André Gorz, 75, ein kluger alter Linker, prophezeit in seinem jüngsten, für März auf deutsch angekündigten Buch, dass globale Marktöffnung im "virtuellen Staat" den Menschen einiges von ihrer Freiheit nehmen werde.(S-Dic-Cult)

Raten (1)

Wer beruflich aufsteigen wolle, so rät die Autorin, müsse sich heutzutage selbstverständlich zur Teamarbeit bekennen, aber: "Das muß unbedingt ein Lippenbekenntnis bleiben!" (S-Art-Econ)

Sagen (26)

Ministerin Bergmann sagt, sie könne mit einer juristischen Niederlage durchaus leben: "Jedenfalls werde ich nicht mithelfen, einen Heiligenschein zu polieren." (S-Art-Pol)

Schäumen (1)

Kroetz schäumt, Unseld sei sein Verleger nicht mehr, und fordert die Auslieferung aller noch in Suhrkamp-Lagern befindlichen Kroetz- Buch-Geiseln.(Z-Art-Cult)

Scheinen (1)

Fast scheint es, das multimediale Zeitalter kündige sich erst einmal durch höheren Papierverbrauch an.(Z-Dic-Cult)

Schreiben (2)

Das führe, schreiben Ilya Prigogine und Isabelle Stengers in "Das Paradox der Zeit" treffend, in die Sprache der Physik ein narratives Element ein.(Z-Textos)

Signalisieren (1)

SPIEGEL: Noch zur Jahresmitte 1998 signalisierten Sie dem Aufsichtsrat, bei Rover laufe alles wie geplant.(S-Entrev)

Spekulieren (1)

Diese Gebilde könnten, so spekuliert er, die Infrarotstrahlung junger Sterne absorbieren und als Hintergrundstrahlung wieder aussenden.(Z-Textos)

Spotten (2)

Als die Handwerker erfuhren, dass es siebzig Bäder einzubauen galt, spotteten sie, das Haus werde wohl für amphibische Gäste hergerichtet.(Z-Dic-Geral)

Sprechen (1)

Von "Vernetzung" sprach Habermas, von der drohenden "programmatischen Entleerung" der Politik und davon, dass man im "Strudel der Modernisierung" über den Tellerrand des Standorts Deutschland hinausblicken müsse.(S-Dic-Cult)

Sticheln (1)

Die Sex-Hotlines seien "nicht gerade imagefördernd" für die Privaten, stichelt auch ZDF-Verkaufschef Wolfgang Köhler.(S-Art-Econ)

Unterstellen (1)

Sie unterstellt, dass Uwe Barschel auf nicht nachvollziehbare Weise in internationale Waffenschiebereien verwickelt gewesen sei. (Z-Art-Pol)

Verbreiten (2)

Einmal hat ein Stubenmädchen im Haus verbreitet, es habe im völlig leeren Pinafore Room nachts lautes Lachen gehört. (Z-Dic-Geral)

Verheißen (1)

Jura bringe Geld, Macht und Frauen, verheißt darin der Vater seinem Sohn; der Anwaltsalltag besteht dann aber eher aus nöledenden Mandanten, komplizierten Schriftsätzen und ungläubigen Richtern - wie im Leben. (S-Art-Soc)

Verlangen (1)

Allerdings verlangen die Stromkonzerne, dass über die Besetzung bei den am 26. Januar beginnenden Konsensgesprächen verhandelt werden müsse. (S-Art-Pol)

Vermuten (1)

Zum einen ist immer wieder vermutet worden, der Bruder des Ministerpräsidenten, Eike Barschel, sei im Waffenhandel aktiv gewesen und habe dabei brüderliche Unterstützung in Anspruch genommen. (Z-Art-Pol)

Versichern (4)

Ja, da war dann noch diese Abendstimmung an der Seine, als Leslie Caron und Gene Kelly einander singend versicherten, es wäre clear, die love wäre here to stay, und zwar ever and one day. (Z-Art-Cult)

Versprechen (3)

Der Hersteller verspricht, die Symbiose der beiden Geräte vermittele ein Schreibgefühl wie bei einem Laptop.(S-Textos)

Verwerfen (1)

Das Kernstück des Maastrichter Vertrages, die Europäische Währungsunion, verwarf er, sie überfordere das Leistungsvermögen einer politischen Generation, die die Vereinigungen zu bewältigen habe.(Z-Art-Econ)

Vorschlagen (1)

Daraufhin schlug die NSA vor, AT & T solle eine andere Lösung versuchen, eine abgespeckte, billige Version des Capstone-Chips - den Clipper.(Z-Art-Econ)

Vorwerfen (1)

Er warf am Montag der heutigen Kreml-Garde vor, sie habe nichts aus Afghanistan gelernt und schicke für ihre politischen Ambitionen wieder junge Menschen in den Tod.(Z-Art-Pol)

Warnen (2)

Ein Dr. Wagner warnt ihn, er sei möglicherweise an Aids erkrankt.(Z-Art-Pol)

Wissen (1)

Das Leben auf Erden, so ließ der Papst vor Weihnachten wissen, sei "obskur und schwierig".(Z-Art-Cult)

Witzeln (1)

Die NSA hört angeblich alle internationalen Datenströme ab, und obwohl sie mit der Zeit größer wurde als die CIA, wußte jahrelang kaum jemand von ihrer Existenz; die Initialen stünden für "No Such Agency", witzelte man in Washington. (Z-Art-Econ)

Após levantar esta lista de verbos, fiz buscas no *corpus* pelos mesmos, a fim de verificar se havia ocorrências sem *Konjunktiv* no discurso indireto. Com determinados verbos há apenas uma ocorrência com indicativo, número insuficiente para uma análise significativa do fenômeno. Às vezes o uso do indicativo caracteriza um estilo mais coloquial, como em,

Schreiben

Keiner ist so reich und so mächtig, hat der Oxford-Historiker Michael Howard geschrieben, dass er rund um den Globus seinem Hang zu humanitären und demokratischen Gesten nachgeben kann. (Z-Art-AssInt)

devido ao emprego do *Perfekt* (*hat geschrieben*).

A presença da primeira pessoa do singular, em entrevistas, parece colaborar para o emprego do indicativo, como nos seguintes exemplos:

Behaupten

Ich will gar nicht behaupten, dass das die falsche Politik gewesen ist (S-Entrev)

Bestreiten

Ich will nicht bestreiten, dass es anderswo andere Erwägungen gibt. (S-Entrev)

Glauben

Pischetsrieder: Ich glaube nicht, dass Herr Dr. Piëch so denkt. (S-Entrev)

No próximo exemplo o indicativo pode estar sendo usado devido ao alto grau de probabilidade do fato:

Halten für

Einige im Ausschuß halten es sogar für mehr als wahrscheinlich, dass Engholm schon im Sommer informiert war. (Z-Art-Pol)

ou devido ao caráter mais informativo e menos de discurso indireto das afirmações:

Vermuten

Das Schiff samt seiner 28köpfigen Besatzung, so vermuten Havarieexperten, wurde von einer Riesenwelle regelrecht verschlungen. (S-Art-Soc)

Warnen

Herr Professor Disko, Herr Professor Reichholf, viele Ökologen warnen, dass fremde Tier- und Pflanzenarten die heimische Artenvielfalt bedrohen. (S-Entrev)

Com os verbos *erkennen* e *erfahren* há mais ocorrências com indicativo do que com *Konjunktiv*. O *Konjunktiv* deve estar sendo empregado para reforçar o discurso indireto.

Erkennen

Nur wenige Kritiker (wie der spätere „FAZ“-Feuilletonchef Günther Rühle, der „Vergeltung“ als Pflichtlektüre empfahl) haben damals erkannt, dass Ledig in beiden Romanen von derselben Sache sprach (S-Art-Cult)

Auf überraschende Weise decken sich solche Mahnungen auf einmal mit der Wirtschaftslogik von Konzernlenkern, die aus Eigennutz erkannt haben, dass Firmengebilde von der Größe eines Kleinstaats nur dann effizient arbeiten, wenn sich zumindest unterhalb der Führungsebene wieder das entwickelt, was schon in der Mottenkiste der Wirtschaftsgeschichte verschwunden schien (S-Art-Econ)

"Er erkennt bewußt, dass die Schönheitsempfindung kosmisch, universal ist." (Z-Art-Cult)

Erfahren

Ein Publikum, das 1998 erfahren hat, dass acht Prozent der Iren schon einmal ein Kondom benutzt haben, dass die Pekingerverwaltung den Verlust von monatlich rund 1000 Kanaldeckeln beklagt und Helmut Kohl angeblich eine gelbe Badehose besitzt, wundert sich nicht mehr so leicht.(S-Textos)

Hoke Moseley, erfahren die Zuhörer, ist ein schwergewichtiger Sergeant im Morddezernat von Miami, der zur Erinnerung an sein Vorhaben einer Eierdiät stets ein hartgekochtes Ei in der Anzugtasche trägt, aber sich nur einmal auf 182 Pfund herunterhungerte: nachdem ein Psychopath namens Freddy ihn verprügelt und sein Gebiß ins Meer geworfen hatte, was unter anderem dazu führte, dass Göhre "Freddys letzte Mahlzeit" in sein Kochbuch aufnehmen konnte. (Z-Art-Cult)

Er hat zum Beispiel erfahren, dass birmesische Freiheitskämpfer in Trainingscamps im Dschungel den Umgang mit PGP am Laptop lernen, um ihre Daten zu schützen.(Z-Art-Econ)

4.3.2. O *Konjunktiv* fora do âmbito do discurso indireto

Das 175 ocorrências de *Konjunktiv* em orações substantivas encontradas no *corpus*, há apenas 11 que não fazem parte do âmbito do discurso indireto. Trata-se, em maior parte, de hipóteses, com o verbo no *Konjunktiv II*, como ilustram as ocorrências abaixo:

Und wer kann garantieren, dass die Alternative zu seiner Politik nicht der Ultranationalist Vojislav Seselj wäre? (S-Entrev)

SPIEGEL: Heißt das, Sie würden montenegrinische Rekruten und Offiziere aus der jugoslawischen Armee abziehen? (S-Entrev)

Darin rechnete er vor, dass ein Projektil 18 000 Stundenmeilen schnell fliegen müßte, um die Erdanziehungskraft zu überwinden, und schlug vor, eine mehrstufige, flüssigkeitsgetriebene Rakete zu bauen.(S-Textos)

Würden etwa - einfachstes Beispiel - digitale Telephone mit dem Clipper-Chip ausgerüstet, dann wäre gewährleistet, dass Gespräche nicht von Dritten abgehört werden könnten - außer von Behörden wie dem FBI.(Z-Art-Econ)

Ein perfektes System, dachte Diffie, würde diesen "Trehänder" nicht brauchen.(Z-Art-Econ)

Der NSA war bald klar, dass das Geschäft mit wirksamer Kryptographie einen Boom erleben würde, sobald auch billige Computer die Verschlüsselung ohne große Verzögerung erledigen könnten.(Z-Art-Econ)

Die sehen, dass Deutschland der größte Profiteur der Erweiterung wäre.(S-Entrev)

Nicht auszuschließen ist aber auch, dass Pfeiffer versucht haben könnte, Barschel zu erpressen, nicht unbedingt um Geld rauszuschlagen, sondern einen besseren Posten.(Z-Art-Pol)

Ich weiß, Sie würden Ihre Rede gern mit etwas anderem beginnen, aber es sieht nicht gut aus, wenn nicht schon am Anfang der "Frieden" steht.(Z-Art-Pol)

Während wir uns heute sorgen, dass sich der Kohlendioxidgehalt der Luft von 0,3 auf 0,6 Promille verdoppeln könnte, lag er früher tausendfach höher, bei etwa 30 Prozent.(Z-Textos)

Na seguinte ocorrência, o *Konjunktiv I* aparece num exemplo semelhante aos casos de DESEJO do português.

Alle bauen ihr Schneckenhaus-Leben – in der Hoffnung, der Taifun der Globalisierung möge sie verschonen und nur die Grundlagen und Gewißheiten, auf denen der Nachbar sein Haus errichtet hat, durch die Luft wirbeln. (S-Art-Cult)

O *Konjunktiv*, neste caso, é empregado dentro de uma expressão fixa (*in der Hoffnung, ... möge...*).

4.4. Comparação do emprego do modo subjuntivo nas orações subordinadas substantivas do português e do alemão

Na primeira comparação do modo subjuntivo em alemão e português (4.1), apresentei um primeiro panorama contrastivo do emprego do modo nos dois idiomas. Partindo desse ponto, decidi me concentrar no emprego do modo subjuntivo nas orações subordinadas substantivas. A análise das ocorrências mostrou que, nesses contextos, o emprego do modo subjuntivo segue regras distintas nos dois idiomas. Em português, o subjuntivo é usado após verbos e expressões presentes na oração principal, que indicam DESEJO ou PROBABILIDADE. Em alemão, a maioria das ocorrências neste contexto são de discurso indireto, e há um pequeno número de hipóteses.

Como meu ponto de partida é o modelo que os aprendizes brasileiros de alemão têm do emprego do subjuntivo nas orações subordinadas substantivas, ou seja, após verbos e expressões presentes na oração principal, que indicam DESEJO ou PROBABILIDADE, traduzi tais verbos e expressões do português para o alemão e fiz uma busca no *corpus*, a fim de verificar suas possibilidades de ocorrência, comparando-as com o português.

Como já era esperado, as ocorrências de alemão não apresentam correlação entre DESEJO ou PROBABILIDADE na oração principal e subjuntivo na subordinada substantiva. O modo verbal empregado é o indicativo, com exceção dos casos em que o subjuntivo é marca do discurso indireto, ou expressa hipótese ou irrealidade.

Procurei encontrar ocorrências em alemão mais semelhantes às do português. Por exemplo, quando em português o subjuntivo era usado após um verbo negado, procurei também em alemão encontrar uma ocorrência com negação.

Nem todas as expressões do português foram encontradas no meu *corpus* na estrutura oração principal-oração subordinada substantiva em alemão. Por isso, em alguns casos, extrai do *corpus* uma outra estrutura de maior frequência (por exemplo, orações infinitivas), e como último recurso, busquei ocorrências na internet (www.google.de).

Considero importante observar que a internet é uma fonte de dados não muito segura para o pesquisador, pois pode arrolar ocorrências dos mais variados tipos de texto, cuja linguagem reflete características específicas de determinados grupos lingüísticos, nem sempre de um registro mais elevado (registro do meu *corpus*). Ela não pode, portanto, ser considerada

um *corpus*, já que não possui as especificações necessárias para isso. Mas acabou servindo como um último recurso para ilustrar casos não encontrados no *corpus*. Tomei também o cuidado de utilizar ocorrências encontradas em *sites* em que se utiliza uma linguagem de registro mais elevado, como jornais e revistas (*Der Spiegel*, *Die Zeit*, *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, etc.), e não de *chats*, *blogs*, etc.

Apresento agora os verbos e expressões presentes na oração principal do português, que indicam DESEJO ou PROBABILIDADE e pedem o uso do subjuntivo na oração subordinada substantiva, e as correspondentes ocorrências extraídas do *corpus* em alemão.

4.4.1. Verbos e expressões que indicam DESEJO

a) Adorar/ Gostar = Mögen

No *corpus* em alemão não foram encontradas ocorrências com estes verbos na estrutura oração principal-oração subordinada substantiva em alemão, como por exemplo, *er mag* *möchte* *möchte*, *dass*, e tampouco com a conjunção *wenn*. Na internet encontrei ocorrências com *möchte*, seguido tanto de indicativo como de *Konjunktiv II*.

Sie möchte explizit, dass der Kunde die Bonusflüge von seiner persönlichen Meilenkarte bucht. (www.faz.net)

... Auch mache ich wieder Gedichte, die nicht schlecht sind, und möchte überhaupt, dass es mir vergönnt wäre, in diesem Zustande so fortzuleben. (www.spiegel.de)

b) Deixar/ Permitir = Erlauben

A ocorrência a seguir apresenta o verbo *erlauben*, em português *deixar*, que tem o mesmo sentido de *permitir*, na estrutura oração principal-oração subordinada substantiva,

semelhante às ocorrências do português. Em alemão, todavia, há o uso do indicativo na oração substantiva.

Die peruanischen Behörden erlauben zwar theoretisch, dass Touristen Kunstgegenstände der präkolumbianischen Kultur sowie aus der Kolonialzeit stammende Bilder, Silberwaren, Tongefäße mitnehmen, in der Praxis erteilt das Instituto Nacional de Cultura eine solche Genehmigung jedoch nicht. (Z-Dic-Geral)

c) **Determinar = Festsetzen**

Também não foram encontradas no *corpus* ocorrências destes verbos na estrutura esperada. Na internet as ocorrências eram sempre com indicativo.

Das Pentagon hatte im Dezember festgesetzt, dass nur amerikanische Firmen sowie Unternehmen aus Ländern, die den Krieg unterstützt hatten, sich als Konsortialführer für die aus amerikanischen Steuergelder finanzierten Aufbauvorhaben bewerben können. (www.faz.net)

d) **Esperar = Hoffen**

Com o verbo *hoffen*, assim como com o substantivo *Hoffnung*, foram encontradas ocorrências com indicativo,

Und es gibt keinen Grund, darauf zu hoffen, dass sie es beim Umbau des Sozialstaates besser machen werden. (Z-Art-Econ)

... Mann der SPD, plant deshalb vorerst nur bis zum Mai, in der Hoffnung, dass der für ihn manches neu macht. (Z-Art-Pol)

com *Konjunktiv I*, como marca de discurso indireto,

Andererseits ließen die Rechnungen der Kernphysiker hoffen, dass irgendwo im Meer der immer rascher zerfallenden künstlichen Elemente "Inseln der Stabilität" zu finden seien, langlebige schwere Kerne, die es im Universum vermutlich niemals gab. (Z-Saber-30.12.94)

e com *Konjunktiv I* num exemplo semelhante aos casos de DESEJO do português.

Alle bauen ihr Schneckenhaus-Leben – in der Hoffnung, der Taifun der Globalisierung möge sie verschonen und nur die Grundlagen und Gewißheiten, auf denen der Nachbar sein Haus errichtet hat, durch die Luft wirbeln. (S-Art-Cult)

O *Konjunktiv*, neste caso, é empregado dentro de uma expressão fixa (*in der Hoffnung, ... möge...*).

e) Evitar = Vermeiden

Após o verbo *vermeiden* é comum a ocorrência de *Konjunktiv II*, sobretudo quando o fato ocorreu no passado, pois retrata algo que, no momento, era futuro, incerto, hipotético.

Großbritannien, zu jener Zeit Vormacht über Palästina, wollte vermeiden, dass sich immer mehr Juden dort ansiedelten. (S-Art-Pol)

f) Exigir-Fordern/ Verlangen

No *corpus* não foram encontradas ocorrências com o verbo *fordern*. O verbo *verlangen* aparece na seguinte ocorrência, porém o emprego do *Konjunktiv I* na substantiva nada tem a ver com DESEJO, mas com discurso indireto.

Die EU fordert, dass die komplette Herde geschlachtet wird, wenn in einem Stall BSE auftaucht. (www.faz.net)

Allerdings verlangen die Stromkonzerne, dass über die Besetzung bei den am 26. Januar beginnenden Konsensgesprächen verhandelt werden müsse.(S-Art-Pol)

g) Fazer questão de = Unbedingt wollen (vide verbo *Querer = Wollen*)

h) “... a idéia é que...” = Sollen

A melhor equivalência para a expressão “... a idéia é que...” em alemão é o verbo *sollen*.

i) Impedir = Verhindern

Com o verbo *verhindern* foram encontradas ocorrências da estrutura oração principal-oração subordinada substantiva, com o modo indicativo na substantiva.

Ihr Ziel ist jedoch zu verhindern, dass die nicht mehr zu knackenden Verschlüsselungen zur Regel werden, denn dann brauchte selbst der dümmste Verbrecher keine Sorge mehr vor einer Überwachung zu haben. (Z-Art-Econ)

Wie läßt sich denn verhindern, dass ein exotischer Einwanderer zum Artenkiller wird? (S-Entrev)

j) Implorar = Anflehen/ inständig bitten

Com *anflehen* e *inständig bitten* não foram encontradas ocorrências no *corpus*. Na internet as ocorrências eram sempre com indicativo.

Da kann man nur den Himmel anflehen, dass dieses Talent erkannt und mit etwas publikumswirksameren Projekten gesegnet wird. (www.filmszene.de)

In „The Passion“ gibt es unzählige Momente, in denen man einfach inständig bittet, dass die Kamera im entscheidenden Moment einen Schwenk macht, das Bild sich abdunkelt, der Ton ausfällt oder der Film endet. (www.filmbesprechungen.de)

k) **“O importante é que...” = “Das Wesentliche ist, dass...”**

Esta expressão só foi encontrada na seguinte ocorrência, com indicativo:

Das Wesentliche ist, dass wir ein Herz haben für das, was der andere fühlt. (www.waldorfschule-mannheim.de)

l) **Lamentar = Bedauern**

O verbo *bedauern* ocorre geralmente seguido de indicativo. O *Konjunktiv* pode ser empregado para marcar discurso indireto.

Bouchenaki bedauert, dass es nur einen irakischen Eintrag in der UNESCO-Liste für Weltkulturerbe gibt:... (www.faz.net)

Die Kommission bedauert, daß die italienische Regierung ihre haushaltspolitischen Ziele auf die lange Bank schiebe. (www.faz.net)

m) Mandar = Befehlen

O verbo *befehlen* aparece duas vezes no trecho abaixo. Primeiramente seguido de *Konjunktiv I*, não como marca de DESEJO, mas de discurso indireto, e depois seguido de oração infinitiva.

Der Herzog hatte im Feldzug gegen Frankreich 1792/93 etwas über angeblich revolutionsfreundliche Vorlesungen Hufelands gehört und befahl verärgert, Hufeland solle bei "seinen Leisten" bleiben statt "Regenten neu erfundene Pflichten einzuschärfen". Obwohl Hufeland einlenkte, zensierte man seine Vorlesungen und befahl ihm, die "Freymüthigkeit" der von ihm herausgegebenen Allgemeinen Litteratur-Zeitung zu zügeln, "um die Lebenstage dieses trefflichen Instituts möglich zu verlängern".(Z-Art-Cult)

n) Pedir = Bitten

No *corpus*, o verbo *bitten* ocorreu somente com a estrutura oração principal-oração infinitiva. Neste caso, a estrutura com *dass* é rara.

Der Premier bat ihn, weiterhin zusammen mit dem Bonner Kanzleramtsminister Bodo Hombach jene britischdeutsche Kommission zu leiten... (S-Art-AssInt)

Anmeldebögen für Aufwandsentschädigung Thomas Loepke bittet, dass Formulare für die Zahlung der Aufwandsentschädigung ausgefüllt werden. (www.uni-trier.de)

o) Preferir = Vorziehen

Com este verbo não foram encontradas ocorrências no *corpus*. O *Konjunktiv II*, no exemplo abaixo, indica irrealidade.

"Wir hätten es vorgezogen (...), dass die Kommission nicht diesen speziellen Schritt unternommen hätte", sagte der irische Finanzminister Charlie McCreevy am Mittwoch dem staatlichen irischen Radiosender RTE. (www.spiegel.de)

p) Proibir = Verbieten

Com o verbo *verbieten* foram encontradas, no *corpus*, somente ocorrências com a estrutura oração principal-oração infinitiva. As ocorrências da internet tinham sempre o indicativo na oração subordinada.

Nachdem ich das Land verlassen hatte, wollte mir keiner mehr verbieten, ins Kino zu gehen. (Z-Art-Cult)

Nach der Gesetzesvorlage des Repräsentantenhauses wird es verboten, dass Hedgefonds und Investmentfonds von ein und derselben Person verwaltet werden. (www.faz.net)

q) Propor/ Sugerir = Vorschlagen

O verbo *vorschlagen* apresentou ocorrências com *Konjunktiv I*, indicando não DESEJO, mas discurso indireto,

Daraufhin schlug die NSA vor, AT & T solle eine andere Lösung versuchen, eine abgespeckte, billige Version des Capstone-Chips - den Clipper. (Z-Computador-30.12.94)

e com indicativo,

Die Junge Union hat vorgeschlagen, die Wilhelm-Pieckstraße in Marlene-Dietrich-Straße umzubenennen. (S-Art-Pol)

r) Querer = Wollen

EISENBERG apresenta exemplos do verbo *wollen* seguido de *Konjunktiv I* na substantiva (vide 4.1.3), mas eles são marcas de discurso indireto, são a expressão de um desejo de outrem. Normalmente ele é seguido de indicativo, como no seguinte exemplo:

Ich will, dass wir im März die Agenda 2000 erfolgreich abschließen. (S-Entrev)

s) Ser bom/ melhor/ ideal/ absurdo/ errado = Gut/besser/ideal/falsch sein

Com este tipo de expressões não foram encontradas ocorrências na estrutura oração principal-oração subordinada substantiva no *corpus*. Mais frequentes são estruturas infinitivas e condicionais, como nos exemplos, respectivamente:

Es wäre ganz falsch, sich in Verhandlungen von vornherein so festzulegen. (S-Entrev)

Es wäre gut, wenn wir uns jetzt leisten könnten, sowohl die Zinsen in Europa zu senken als auch Investitionsanstrengungen zu vergrößern. (www.faz.net)

t) Ser preciso/necessário = Notwendig/nötig sein

Com as expressões *notwendig/nötig sein* não foram encontradas, no *corpus*, ocorrências na estrutura oração principal-oração subordinada substantiva. As ocorrências da internet tinham sempre o indicativo.

Es ist notwendig, dass die Beziehungen von Regierung zu Regierung mindestens zu einer vernünftigen Geschäftsmäßigkeit zurückfinden und sie mehr bleiben.
(www.faz.net)

Es ist nötig, dass die Datei genau so heißt, wie die Klasse die darin definiert ist.
(www.ruf.uni-freiburg.de)

4.4.2. Verbos e expressões que indicam PROBABILIDADE

a) Achar = Finden

No *corpus* em alemão foi encontrada a seguinte ocorrência com o verbo *finden* numa estrutura oração principal-oração subordinada substantiva.

Vor kurzem fand das reparierte Hubble Teleskop, dass das Universum möglicherweise jünger als manche Sterne sei, und stellte damit die konventionelle Urknalltheorie in Frage. (Z-Textos)

O *Konjunktiv I* na substantiva não expressa PROBABILIDADE, como em português. Trata-se de um indicador de discurso indireto.

b) Acreditar = Glauben

Há várias ocorrências com o verbo *glauben* seguido de *Konjunktiv I* – todas de discurso indireto. No segundo exemplo o modo empregado é o indicativo, comum para o respectivo contexto: em primeira pessoa, discurso direto.

Graubündens Verkehrsdirektor Olivier Federspiel glaubt, dass auf der Gratwanderung zwischen Kommerz und Naturschutz keine Wahl bleibe. (S-Art-AssInt)

Ich glaube nicht, dass Herr Dr. Piëch so denkt. (S-Entrev)

c) **Afirmar = Behaupten**

Com o verbo *behaupten* ocorre o mesmo que com *glauben*.

Pfeiffer behauptete, Barschel habe ihn am Vortag aufgefordert, eine Wanze zu besorgen. (Z-Art-Pol)

Ich will gar nicht behaupten, dass das die falsche Politik gewesen ist. (S-Entrev)

d) **Duvidar = Zweifeln/ "...Zweifel..."/ bezweifeln**

Após o verbo *zweifeln* (ou semelhante) é normal o uso do indicativo, a não ser que se queira marcar o discurso indireto com o *Konjunktiv*.

Unter den Ausschuß-Mitgliedern gibt es mittlerweile eine Mehrheit, "die daran zweifelt, dass Pfeiffer im Auftrag Barschels gearbeitet hat", so Horst Buchholz von der FDP. (Z-Art-Pol)

Lassen Sie keinen Zweifel daran, dass es sich im Grunde um ein "kluges, fleißiges, sauberes und anständiges Volk handelt".(Z-Dic-Geral)

Der Münchener Toxikologe Professor Ludwig von Meyer bezweifelt, dass es überhaupt möglich sei, gesicherte Aussagen über die Reihenfolge der Einnahme der Medikamente zu machen. (Z-Art-Pol)

e) **Estimar = Schätzen**

No *corpus* não foram encontradas ocorrências com este verbo. As ocorrências da internet trazem sempre o indicativo.

Die Kinderhilfsorganisation Unicef schätzt, dass die Beseitigung einer einzigen Landmine zwischen 300 und 1000 Euro kostet. (www.spiegel.de)

f) Haver/ existir/ ter certeza/ evidência = “Es gibt Sicherheit/ Evidenz...”

Com estas expressões não foram encontradas ocorrências no *corpus*, e na internet somente com indicativo.

Es gibt keine Sicherheit, dass Gentech-Nahrung gesundheitsverträglich ist.
(www.freitag.de)

Es gibt keine Evidenz, dass eine passagere Erhöhung der inhalativen Steroiddosis zu einer besseren Kontrolle der akuten Asthmasymptome führt. (www.evidence.de)

g) Haver/ existir/ ter hipótese = “... Hypothese...”

A seguinte ocorrência, extraída do *corpus*, mostra que neste contexto o modo verbal empregado é o indicativo.

Manche Forscher vertreten die Hypothese, dass sich das Leben erst mühsam jene Bedingungen schaffen mußte, die sein späteres Florieren ermöglichten (Gaia-Hypothese). (Z-Textos)

h) Imaginar = Sich vorstellen

No *corpus* foi encontrada a seguinte ocorrência com o verbo *sich vorstellen*, em que ele é seguido de indicativo.

Ich konnte mir nicht vorstellen, dass die Männer aus Loyalität und Galanterie die Frauen zuerst in die Rettungsboote gelassen haben. (S-Entrev)

i) Negar = Leugnen

No *corpus* foi encontrada uma ocorrência do verbo *leugnen*, seguido de *Konjunktiv I*, indicando discurso indireto, e na internet de indicativo.

Zwar läßt der inzwischen abgetauchte Whelan leugnen, dass er für das Leck verantwortlich sei. (S-Art-AssInt)

Während Nordkorea weiterhin leugnet, dass es ein Atomwaffenprogramm mit angereichertem Uran unterhält, betonte der... (www.koreaheute.de)

j) Querer dizer = “Das soll heißen...”

Com esta expressão não foram encontradas ocorrências no *corpus*. Na internet normalmente as ocorrências apresentam o indicativo. O *Konjunktiv II*, no segundo exemplo, expressa uma hipótese.

Das soll nicht heißen, dass ich nichts von ihm halte. (forum.spiegel.de)

Das soll nicht heißen, dass es nicht erstrebenswert wäre, sich mit möglichst vielen Sprachen auseinanderzusetzen oder sie zu beherrschen. (forum.spiegel.de)

k) Ser curioso/ estranho = Merkwürdig/ komisch sein

No *corpus* não foram encontradas ocorrências com estas expressões. Na internet, só apareceram ocorrências com indicativo.

Einerseits ist es ja merkwürdig, dass die deutsche Elf es nicht fertig bringt, die Finnen in einem so wichtigen Qualifikationsspiel zu schlagen. (forum.spiegel.de)

Es ist nur komisch, dass der eine Renaultfahrer auf und davon fährt... (www.faz.net)

l) Ser natural/ ser comum/ ser inevitável = Natürlich/ selbstverständlich/ unvermeidlich sein

Todas as ocorrências encontradas com estas expressões, tanto do *corpus* como da internet, apresentam o modo indicativo na subordinada substantiva.

Es ist kein Zufall, sondern ganz natürlich, dass es auch in Deutschland ein Exgeneral ist, der als erster das Foltertabu zu knacken versucht:... (forum.spiegel.de)

Dass man gravierende historische Differenzen nicht übersehen darf, ist selbstverständlich. (Z-Art-Cult)

Es ist unvermeidlich, dass ein hübscher, reicher Mann wie Klein einmal das Sujet einer echten Allroundstory ist. (Z-Art-Soc)

m) Ser possível/ “pode ser” = Möglich sein/ “es kann sein”

As seguintes ocorrências, extraídas do *corpus*, mostram que após as expressões *es ist möglich, dass...* e *es kann sein, dass* é usado o modo indicativo, diferentemente do português.

Aber es ist gut möglich, dass die Geschichtsbücher des 21. Jahrhunderts ihn der Erwähnung wert befinden werden. (Z-Art-Econ)

Jetzt ist es durchaus möglich, dass das Karlsruher Bundesverfassungsgericht das neue Pflegegesetz nachträglich korrigiert. (Z-Art-Econ)

...allerdings kann es sein, dass Pfeiffer nur behauptet hat, eine Beförderung stehe bevor. (Z-Art-Pol)

n) Ser provável = Wahrscheinlich sein

O mesmo ocorre com a expressão *es ist wahrscheinlich, dass*: o modo usado é sempre o indicativo.

Für einige ist es sogar mehr als wahrscheinlich, dass Engholm schon im Sommer informiert war. (Z-Art-Pol)

o) Ser verdade = Wahr sein

Com a expressão *wahr sein* foram encontradas ocorrências somente na internet e com indicativo.

Es ist nicht wahr, dass die Professoren Naber und Krausz ihre Positionen angeblich ausnutzten, um die Umsätze von Pharmafirmen zu steigern. (www.berlinews.de)

p) Significar/ “não que” = Bedeuten

As ocorrências extraídas da internet trazem o verbo *bedeuten* sempre seguido de indicativo na oração substantiva.

Das bedeutet nicht, dass wir die Schmerzen der Vergangenheit vergessen.
(www.spiegel.de)

Doch das bedeutet nicht, dass das Geschäft mit den Dicken weniger lukrativ wäre: ...
(www.spiegel.de)

q) Supor = Vermuten

As seguintes ocorrências com o verbo *vermuten*, extraídas do *corpus*, mostram tanto o modo indicativo quanto o *Konjunktiv I* na oração substantiva (como indicador de discurso indireto).

Das Schiff samt seiner 28köpfigen Besatzung, so vermuten Havarieexperten, wurde von einer Riesenwelle regelrecht verschlungen. (S-Art-Soc)

Zum einen ist immer wieder vermutet worden, der Bruder des Ministerpräsidenten, Eike Barschel, sei im Waffenhandel aktiv gewesen und habe dabei brüderliche Unterstützung in Anspruch genommen.(Z-Art-Pol)

r) Temer/ Ter medo de = Fürchten/ “...Angst haben...”

As ocorrências com o verbo *fürchten* mostraram que ele normalmente ocorre seguido de indicativo. No segundo exemplo, o *Konjunktiv II* expressa uma hipótese. Após a expressão *...Angst haben...* também é usado comumente o indicativo.

Besonders die Bergkantone fürchten, dass ahnungslose Unterländer sich in ihre Belange einmischen, wobei Bern schon Unterland ist, ganz zu schweigen von Rom, Paris oder Bonn. (Z-Art-Econ)

Die Berliner fürchten, dass der Aufschwung wegen steigender Zinsen schon Ende nächsten Jahres zum Erliegen kommen könnte. (Z-Art-Econ)

Giovane Elber: "Habe Angst, dass ich es in Lyon nicht schaffe".(www.spiegel.de)

s) **“A tendência é que...”/ “a previsão é que...” = “Die Tendenz ist, dass...”/ “...die Voraussicht...”**

A expressão *Die Tendenz ist, dass...* só ocorreu na internet, seguida de indicativo. Não foram encontradas ocorrências com a expressão *...die Voraussicht...* na estrutura esperada (oração principal-oração subordinada substantiva).

Die Tendenz ist, dass die Muskelmagazine immer mehr zu Supplementkatalogen werden, da es wirklich nichts Neues gibt, ... (www.evos.de/berichte)

4.4.3. Tabela comparativa do emprego dos modos verbais nas orações subordinadas substantivas em português e em alemão

Na tabela a seguir, comparo o emprego do modo nas orações subordinadas substantivas em português e em alemão, de acordo com os resultados obtidos por meio da pesquisa no *corpus*.

Verbos e expressões de DESEJO

PORTUGUÊS		ALEMÃO	
Verbo da oração principal	Modo da subordinada	Verbo da oração principal	Modo da subordinada
<i>Adorar</i>	S	<i>Mögen</i>	I/KII
<i>Deixar</i>	S	<i>Erlauben</i>	I
<i>Determinar</i>	S/I	<i>Festsetzen</i>	I
<i>Esperar</i>	S	<i>Hoffen</i>	I/KI
<i>Evitar</i>	S	<i>Vermeiden</i>	II
<i>Exigir</i>	S	<i>Fordern/ verlangen</i>	I/KI
<i>Fazer questão de</i>	S	<i>Unbedingt wollen</i>	I
<i>Gostar</i>	S	<i>Mögen</i>	I/KII
<i>“a idéia é que”</i>	S	<i>Sollen</i>	-
<i>Impedir</i>	S	<i>Verhindern</i>	I
<i>Implorar</i>	S	<i>Anflehen/ inständig bitten</i>	I
<i>“o importante é que”</i>	S/I	<i>Das Wesentliche ist, dass...</i>	I
<i>Lamentar</i>	S	<i>Bedauern</i>	I/KI
<i>Mandar</i>	S	<i>Befehlen</i>	I
<i>Pedir</i>	S	<i>Bitten</i>	I
<i>Permitir</i>	S	<i>Erlauben</i>	I
<i>Preferir</i>	S	<i>Vorziehen</i>	KII
<i>Proibir</i>	S	<i>Verbieten</i>	I
<i>Propor</i>	S	<i>Vorschlagen</i>	I/KI
<i>Querer</i>	S	<i>Wollen</i>	I
<i>Ser bom/ melhor/ ideal/ absurdo/ errado</i>	S	<i>Gut/ besser/ ideal/ falsch sein</i>	KII
<i>Ser preciso/ necessário</i>	S	<i>Nötig/ notwendig sein</i>	I
<i>Sugerir</i>	S/I	<i>Vorschlagen</i>	I/KI

Verbos e expressões de PROBABILIDADE

PORTUGUÊS		ALEMÃO	
Verbo da oração principal	Modo da subordinada	Verbo da oração principal	Modo da subordinada
<i>Achar</i>	S/I	<i>Finden</i>	KI
<i>Acreditar</i>	S/I	<i>Glauben</i>	KI/I
<i>Afirmar</i>	S/I	<i>Behaupten</i>	KV/I
<i>Duvidar</i>	S/I	<i>Zweifeln/ bezweifeln</i>	I/KI
<i>Estimar</i>	S/I	<i>Schätzen</i>	I
<i>Haver/ existir/ ter certeza/ evidência</i>	S/I	<i>“Es gibt Sicherheit/ Evidenz, dass...”</i>	I
<i>Haver/ existir/ ter hipótese</i>	S	<i>“...Hypothese...”</i>	I
<i>Imaginar</i>	S/I	<i>Sich vorstellen</i>	I
<i>“não que”</i>	S	<i>Bedeutend</i>	I
<i>Negar</i>	S	<i>Leugnen</i>	I/KI
<i>Querer dizer</i>	S/I	<i>“Das soll heißen...”</i>	I/KII
<i>Ser curioso estranho</i>	S	<i>Merkwürdig/ komisch sein</i>	I
<i>Ser natural ser comum/ ser inevitável</i>	S	<i>Natürlich/ selbstverständlich/ unvermeidlich sein</i>	I
<i>Ser possível “pode ser”</i>	S	<i>Möglich sein/ “es kann sein”</i>	I
<i>Ser provável</i>	S	<i>Wahrscheinlich sein</i>	I
<i>Ser verdade</i>	S/I	<i>Wahr sein</i>	I
<i>Significar</i>	S/I	<i>Bedeutend</i>	I
<i>Supor</i>	S	<i>Vermuten</i>	I/KI
<i>Temer/ ter medo de</i>	S	<i>Fürchten/ Angst haben</i>	I/KII
<i>“A tendência é que”/ “a previsão é de que”</i>	S	<i>“Die Tendenz ist, dass...”/ “Die Voraussicht...”</i>	I

S = Subjuntivo; I = Indicativo; KI = *Konjunktiv I*; KII = *Konjunktiv II*

5. Considerações finais

A abordagem contrastiva como estratégia no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras pode ser muito profícua, tanto para o professor quanto para o aprendiz. Utilizando resultados de pesquisas contrastivas, o professor pode organizar suas aulas, preparando materiais didáticos e refletindo sobre melhores maneiras de ensinar determinados conteúdos e de solucionar problemas.

Na aprendizagem de um idioma, podem ocorrer problemas causados por interferências da língua materna ou de outras línguas estrangeiras sobre aquela que se está aprendendo. Quando um professor percebe que um erro é resultado de uma interferência, ele pode, ao invés de simplesmente corrigir o aprendiz, solucionar o problema de um modo mais eficaz. Pode inclusive deixar o aprendiz ciente de que se trata de uma interferência, levando-o, dessa maneira, a ver a causa de seus erros e assim tentar corrigi-los consciente e ativamente. Essa autonomia pode significar um passo maior em sua progressão na língua estrangeira.

Foi com o intuito de fornecer subsídios a professores e aprendizes de alemão como língua estrangeira que este trabalho foi desenvolvido, pois ficou constatado que a aprendizagem do modo subjuntivo em alemão é causa de incertezas e dificuldades para os aprendizes.

Os resultados do panorama contrastivo sobre o subjuntivo em alemão e em português oferecem uma primeira visão contrastiva deste fenômeno lingüístico, levantando equivalências e diferenças entre os dois idiomas.

A comparação entre o emprego do modo nas orações subordinadas substantivas apresenta uma extensa descrição deste fenômeno em ambas as línguas, que pode ser útil para o esclarecimento de dúvidas de aprendizes de alemão.

Enfim, todos os resultados apresentados neste trabalho poderão servir como base para a preparação de exercícios e materiais didáticos para o ensino do alemão.

A comparação do emprego do modo subjuntivo nos dois idiomas possui ainda muito a ser mais profundamente pesquisado. E certamente os resultados dessas novas pesquisas só trarão benefícios para uma melhor descrição do fenômeno nos dois sistemas lingüísticos e para o ensino do alemão como língua estrangeira.

6. Bibliografia

- AARTS, Jan. "Intuition-based and observation-based grammars". In: ALJMER, K. & ALTENBERG, B. (eds.). *English Corpus Linguistics*. London/ New York: Longman, 1991, p. 44-61.
- AZEVEDO, Milton M. *O subjuntivo em português*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BARBARA, L. *Sintaxe Transformacional do Modo Verbal*. São Paulo: Ática, 1975.
- BAUSCH, Karl-Heinz. *Modalität und Konjunktivgebrauch in der gesprochenen deutschen Standardsprache*. München: Max Hueber, 1979.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- _____, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa. Cursos de 1º e 2º graus*. São Paulo; Companhia Editora Nacional, 1994.
- _____, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1999.
- BIERWISCH, M. *Grammatik des deutschen Verbs*. Berlin: Akademie Verlag, 1966.
- BIBER, Douglas/ CONRAD, Susan/ REPPEN, Randi . *Corpus Linguistics – Investigating language structure and use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- BOCK, H. et al. *Themen neu: Lehrwerk für Deutsch als Fremdsprache*. Vol. 3. Donauworth: Max Hueber, 1992.

- BOWKER, Lynn. 1998. "Using specialized monolingual native-language corpora as a translation resource: a pilot study". In: *Meta* XLIII, 4, 631-651.
- BRAUN, P. *Tendenzen der deutschen Gegenwartssprache: Varietäten*. Stuttgart, Berlin, Köln: Kohlhammer, 1998, 143-147.
- BUSCHA, Joachim/ ZOCH, Irene. *Der Konjunktiv*. Leipzig: Langenscheidt, 1992.
- CALBOLI, G. "Costrittori nelle proposizioni complemento: i modi del verbo e l'infinito". In: *Grammatica trasformazionale italiana*. Roma: 1971, apud FERREIRA, 1984.
- COSTA, Iara Bemquerer. "O uso do subjuntivo em um dialeto rural do português". Universidade Federal do Paraná, 1990 (manuscrito).
- CUNHA, Celso. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: FAE, 1985.
- _____ / CINTRA, Luís F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- _____ / CINTRA, Luís F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DIETRICH, W. „Actualité et inactualité de l'action: Les fonctions modales dans le système verbal des langues romanes“. In: *Logos Semantikos*. 1981, apud FERREIRA, 1984.
- DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. "Gêneros e progressão em expressão oral e escrita. Elementos para reflexões sobre uma experiência francófona". Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra/ Suíça: 1997 (manuscrito).
- DUDEN, *Grammatik der deutschen Gegenwartssprache*. Mannheim/ Leipzig/ Wien/ Zürich: Dudenverlag, 1995.

_____. *Grammatik der deutschen Gegenwartssprache*. Mannheim/ Leipzig/ Wien/ Zürich: Dudenverlag, 1998.

EISENBERG, Peter. *Grundriss der deutschen Grammatik*. Mannheim/ Leipzig/ Wien/ Zürich: Dudenverlag, 1994.

ENGEL, Ulrich. *Deutsche Grammatik*. Heidelberg: J. Groos, 1988.

FERREIRA, Paulo Martins. “Algumas considerações sobre o conjuntivo nas línguas românicas”. In: CARVALHO, José G. Herculano de/ SCIMIDT-RADEFELDT, Jürgen (orgs.). *Estudos de Lingüística Portuguesa*. vol. I. Coimbra: Coimbra Editora, 1984, p. 257-392.

FLÄMIG, W. *Zum Konjunktiv in der deutschen Sprache der Gegenwart*. Berlin: 1959.

GATTI, Iris Kurz. “A Lingüística do *Corpus* e os estudos de língua ilustrados por meio de exemplos do modo subjuntivo em alemão e em português”. EPLLE, 2001.

_____, Iris K. *Relatório Científico FAPESP: Subjuntivo vs. Konjunktiv. I, II e III*. São Paulo: USP, 1999 (manuscrito).

GIVÓN, T. “Irrealis and the Subjunctive”. In: *Studies in Language*. Vol. 18. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1994, p. 265-337.

GLÄSER, R. *Bedeutung und Leistungen der Konjunktive in der deutschen Sprache der Gegenwart*. Jena: 1970 (manuscrito).

GLENK, Eva M. F./ GATTI, Iris Kurz. “O modo subjuntivo no português do Brasil e no alemão”. In: *Pandaemonium Germanicum: Revista de Estudos Germanísticos*, n. 5. São Paulo: Humanitas, 2001.

GLÜCK, H./ SAUER, W. *Gegenwartsdeutsch*. Stuttgart: Metzler, 1990, 59-68.

HELBIG, G. /BUSCHA, J. *Deutsche Grammatik*. Leipzig, New York: Langenscheidt, 1994.

JÄGER, Siegfried. *Der Konjunktiv in der deutschen Sprache der Gegenwart*. München: Max Hueber, 1971.

KAUFMANN, G. „Gedanken zur didaktischen Auswertung linguistischer Untersuchungen am Beispiel der sogenannten ‚indirekten Rede‘“. In: *Protokoll eines Werkstattgesprächs des Goethe-Instituts*. München: 1971.

_____, G. „Hat der deutsche Konjunktiv ein voll ausgebautes Tempussystem?“. In: *Zielsprache Deutsch*. Heft 2, 1971.

_____, G. *Das konjunktivische Bedingungsgefüge im heutigen Deutsch*. Mannheim: Forschungsberichte des Institut für deutsche Sprache, 1972.

_____, G. „Zum Bedingungsgefüge“. In: *Zielsprache Deutsch*. Heft 4, 1973.

KARTTUNEN, L. *The Logic of English Predicate Complement Constructions*. Indiana: University Linguistics Club, 1971.

KIPARSKY, P./ KIPARSKY, C. „Fact“. In: BIERWISCH, M./ HEIDOLPH, K. (eds.). *Progress in Linguistics*. The Hague: Mouton, 1970, p. 143-173.

LADO, R. *Linguistics across Cultures. Applied Linguistics for Language Teachers*. Michigan: Ann Arbor, 1957.

LONGO, Beatriz N.de O. „Estudo de morfemas modo-temporais num diálogo entre dois informantes do Projeto NURC“. ILCSE-Letras, 1989 (manuscrito).

LYONS, J. *Introdução à Linguística Teórica*. São Paulo: Nacional, 1979.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Globo, 1978.

- MARTIN, R. "Le futur linguistique: temp linéaire ou temps ramifié? (à propos du futur et du conditionnel français). In: *Languages*, 64. 1981, p. 81-92, apud LONGO, 1989.
- MATEUS, M. H. M. et. al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Caminho, 1989.
- MCENERY, T. & WILSON, A. *Corpus Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1997.
- MEBUS, G. et al. *Sprachbrücke: Deutsch als Fremdsprache*. Vol. 1 e 2. München: Klett, 1989.
- MÜLLER, M. et al. *Moment mal! Lehrwerk für Deutsch als Fremdsprache*. Vol. 2 e 3. Berlin: Langenscheidt, 1999.
- NEUNER, Gerhard. „Deutsch nach Englisch“. In: *Fremdsprache Deutsch, 1*. 1999, p. 15-21.
- NEVES, M. H. de Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- ORTIZ ALVAREZ, M. L. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. Campinas: Tese de Doutorado, 2000.
- POLENZ, P. v. *Deutsche Satzsemantik. Grundbegriffe des Zwischen-den-Zeilen-Lesens*. Berlin/ New York: de Gruyter, 1985.
- PEREIRA, M. A. B. *Aspectos da oposição modal indicativo/ subjuntivo no português contemporâneo*. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, 1974.
- PÜTZ, Herbert. „Kontrastivität als Prinzip im Fremdsprachenunterricht“. In: *Info DaF, 18, 3*. 1991, p. 252-265.

- RIEGER, Caroline. "Lernstrategien im Unterricht 'Deutsch als Fremdsprache' „, In: *Fremdsprache Deutsch, 1*. 1999, p. 12-14.
- SAID ALI, Manoel. *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Ed. rev. e atual. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.
- SANCHEZ, A. Definición e historia de los *corpus*. In: SANCHEZ, A. et al. (org.). *CUMBRE – Corpus Lingüístico de Español Contemporáneo*. Madrid: SGEL, 1995.
- SARDINHA, T. B. "O que é um *corpus* representativo?". São Paulo: PUC, 1999 (manuscrito).
- SCHWARTZ, U. *Modus und Satzstruktur*. Kronenberg Taunus: Scriptor Verlag, 1973.
- SOMMERFELDT, K. (Hg). *Entwicklungstendenzen in der deutschen Gegenwartssprache*. Leipzig: 1988, 207-216.
- SOUZA, Eurides Avance de/ GATTI, Iris Kurz. "Linguística de *Corpus*: conceito, noções gerais e aplicação". In: *Pandaemonium Germanicum: Revista de estudos germanísticos, n. 6*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- TAGNIN, Stella E. O. "COMET - Um *Corpus* Multilíngüe para Ensino e Tradução". São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001 (manuscrito).
- TARALLO, Fernando Luiz. *Introdução ao estudo contrastivo do subjuntivo em alemão e em português*. Universidade de São Paulo: Dissertação de Mestrado, 1978.
- VORDERWÜLBECKE, Anne/ VORDERWÜLBECKE, Klaus. *Stufen International: Deutsch als Fremdsprache für Jugendliche und Erwachsene*. V. 2 e 3. Stuttgart: Klett International, 1999.
- WEINRICH, Harald. *Textgrammatik der deutschen Sprache*. Mannheim/ Leipzig/ Wien/ Zürich: Dudenverlag, 1993.

ZIFONUN, G. et. al. *Grammatik der deutschen Sprache*. Berlin/ New York, Walter de Gruyter
1997.

Anotador de textos

<http://visl.hum.sdv.dk>

Ferramentas de elaboração de concordâncias: *Wordsmith Tools*

www.liv.ac.uk/~ms2928/

Fonte dos textos do corpus

Revista *Der Spiegel*. Fonte: *CD-Rom Ausgabe 1999*. Edição de 04.01.1999.

Jornal semanal *Die Zeit*. Fonte: *Die Zeit auf CD-Rom 1997*. Edição de 30.12.1994.

Revista *Isto é*. Fonte: www.istoe.com.br . Edições de 15, 22 e 29.07.1998

Revista *Veja*. Fonte: www.veja.com.br. Edições de 26.08 e 02.09.1998.

Teste sobre o emprego do modo verbal aplicado a alunos de alemão

Nível de alemão: _____

Ergänzen Sie!

Wahrscheinlich ist er heute krank.

Provavelmente ele _____ doente hoje.

Er tut so, als ob er der Lehrer wäre.

Ele _____ como se _____ o professor.

Hören Sie die Dialoge und ergänzen Sie den Text!

_____ *os diálogos e _____ o texto!*

Wer zu lange in der Sonne bleibt, bekommt einen Sonnenbrand.

Quem _____ muito tempo ao sol, queimar-se-á.

Wenn er öfter mit seinem Hund spazieren ginge, wäre er nicht so dick.

Se ele _____ passear mais vezes com seu cachorro, não _____ tão gordo.

Gott sei Dank!

Deus _____ louvado!

Würdest du mir bitte das Buch geben?

Você me _____ o livro?

Sie sagt, er sei ein netter Mensch.

Ela _____ que ele _____ um cara legal.

Wer ein moderneres Auto kaufen will, muss bis April warten.

Quem _____ comprar um carro mais moderno, _____ esperar até abril.

Könntet ihr uns bei den Aufgaben helfen?

Vocês _____ nos ajudar com as tarefas?

Sie will eine Angestellte, die gut kocht.

Ela quer uma empregada que _____ bem.

Er dürfte gestern schlecht geschlafen haben.

Ele _____ ter dormido mal ontem.

Vielleicht kommt sie.
Talvez ela _____.

Wer ist die Frau, die gestern hierher gekommen ist?
Quem é a mulher que _____ aqui ontem?

Wer am schnellsten läuft, kommt früher an.
Quem _____ mais rápido, chegará mais cedo.

Er behauptet, dass er sie nicht gesehen habe.
Ele _____ que não a _____.

Wer nicht bis 18.00 Uhr kommt, bekommt nur eine Eintrittskarte.
Quem não _____ até as 18:00 horas, recebe somente uma entrada.

Ich hoffe, dass sie bald kommt.
Eu _____ que ela _____ logo.

Er braucht eine Sekretärin, die Englisch kann.
Ele _____ de uma secretária que _____ inglês.

Ergänzen Sie!

Vocês poderiam nos dizer que horas são?
_____ ihr uns sagen, wie spät es ist?

Os ladrões procuram um comprador que pague 18 milhões pelos quadros.
Die Diebe _____ einen Käufer, der 18 Millionen für die Bilder _____.

Ela trabalhou como se não estivesse cansada.
Sie _____ gearbeitet, als ob sie nicht müde _____.

Quem nadar mais rápido, receberá o prêmio.
Wer am schnellsten _____, _____ den Preis.

Ele afirma que não a tinha encontrado.
Er _____, dass er sie nicht getroffen _____.

Se você tivesse lido o texto, você entenderia essa idéia.
Wenn du den Text _____, _____ du diese Idee verstehen.

O homem que está no canto é o promotor.
Der Mann, der in der Ecke steht, _____ der Staatsanwalt.

Talvez ela não tenha ouvido isso.
Vielleicht _____ sie das nicht gehört.

Ela diz que ele vem hoje.
Sie _____, er _____ heute.

A gente quer evitar que um louco aproveite a confusão e assumo o comando.
*Man möchte vermeiden, dass ein Verrückter das Durcheinander _____ (ausnutzen)
und das Kommando _____ (übernehmen).*

Você compraria esse computador?
_____?

Eu espero que ela tenha ouvido isso.
Ich _____, dass sie das _____.

Eu acho que uma viagem assim é ideal para toda a família.
Ich meine, dass so eine Reise ideal für die ganze Familie _____.

Ele precisa de uma professora que saiba francês.
Er _____ eine Lehrerin, die Französisch _____.

Os ladrões procuravam um comprador que pagasse 18 milhões pelos quadros.
Die Diebe _____ einen Käufer, der 18 Millionen für die Bilder _____.

Eu quero que ela venha.
Ich will, dass sie _____.

Ela afirma que não nos teria visto.
Sie _____, dass sie uns nicht gesehen _____.

